

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

TAMIRES PEREIRA DUARTE GOULART

**A PRODUÇÃO DE FORMAS VERBAIS IRREGULARES POR CRIANÇAS
FALANTES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)**

**Pelotas
2015**

TAMIREZ PEREIRA DUARTE GOULART

**A PRODUÇÃO DE FORMAS VERBAIS IRREGULARES POR CRIANÇAS
FALANTES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dr. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Pelotas

2015

TAMIRES PEREIRA DUARTE GOULART

**A PRODUÇÃO DE FORMAS VERBAIS IRREGULARES POR CRIANÇAS
FALANTES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 18 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dr. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer - UCPEL

Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Schwindt - UFRGS

Profa. Dr. Ana Ruth Moresco Miranda - UFPEL

*Para meu filho Emanuel, meu esposo Patrique,
minha mãe Nilza, meu pai Valdeci e
minha professora Carmen Matzenauer.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, a Deus que sempre atendeu os desejos do meu coração e me presenteou com saúde e sabedoria em minhas escolhas profissionais e pessoais.

Sou imensamente grata à minha querida orientadora, amiga e exemplar professora, Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, pelos valiosos ensinamentos, pela oportunidade e contribuição em minha vida acadêmica. És, sem dúvida, incomparável!

Meu agradecimento profundo ao meu marido, Patrique Pinheiro Goulart, que conseguiu me aguentar em todos os momentos de “crise” e “angústias”, sabendo, sobretudo, ensinar-me que a família é nosso porto seguro em todos os momentos.

Agradeço aos meus pais, Nilza e Valdeci, que plantaram em mim o desejo de estudar e descobrir o mundo. À minha mãe, em especial, por cuidar do meu filho para que eu pudesse frequentar as aulas.

Aos meus irmãos, Taline e Hiago, por serem meus amigos e companheiros.

Agradeço à Escola Maria Irmã Firmina Simom, por meio do diretor Leonel Goulart, pela disponibilidade e auxílio com as gravações dos informantes.

Ao colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida, que me ensinou, a cada novo dia de trabalho, que um verdadeiro mestre é aquele que sabe partilhar valores.

À professora Aracy Ernest Pereira, Coordenadora do PPGL UCPEL, pelo grande exemplo de profissional.

À UCPEL, pela bolsa Dom Antônio Zattera.

Aos colegas de aula, principalmente às colegas de linha de pesquisa: Gabriela Tornquist, Viviane Lino e, em especial, à Veridiana Borges, amiga e colega com quem compartilhei conhecimentos e angústias, mas também muitas alegrias. Ao colega Jones Schüler, que nos deixou prematuramente.

À Rosangela Pereira, secretária do PPGL, que cumpre com sua função com alegria e eficiência.

À minha sogra, Soila, por também ter ajudado a cuidar do meu filho.

Aos professores Vilson Leffa e Susiele da Silva, pelas brilhantes aulas.

Agradeço, por fim, àquele que é a minha razão de seguir em frente e de viver: meu filho, Emanuel Duarte Goulart, tão pequeno e tão especial, que conseguiu me incentivar quando desanimei pelo simples fato de existir e fazer meus dias mais completos. Filho, te amo eternamente! É por ti que eu estou aqui!

*“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo
para todo o propósito de Deus.”*

(Eclesiastes – 3, 1)

RESUMO

O presente estudo investigou o processo de aquisição de verbos irregulares do Português Brasileiro (PB), quando conjugados nos tempos Presente do Indicativo, Presente do Subjuntivo e Pretérito Perfeito do Indicativo, por crianças falantes nativas da língua, com o objetivo de descrever e analisar, sob o enfoque da Teoria Lexical, a interação entre Morfologia e Fonologia. O foco do estudo foram as alternâncias consonantais que a conjugação de determinados verbos irregulares apresenta, como o verbo ‘medir’, com as formas *meço*, *meça* e *medi*, por exemplo, com a alternância [s] ~ [d]. Tais formas, durante o processo de aquisição da morfofonologia do PB, tendem a ser empregadas sem a alternância consonantal, atendendo à conjugação regular dos verbos, podendo manifestar-se como *me[d]o* e *me[d]a*, em lugar de *me[s]o* e *me[s]a*. Para a investigação desse fato da língua, o estudo contou com uma amostra de dezesseis informantes, sendo oito do sexo feminino e oito do sexo masculino, alfabetizados, entre a faixa etária de 06 e 09 anos. O *corpus* estudado foi obtido por meio da aplicação de dois diferentes instrumentos, criados para esta pesquisa, que eliciavam o emprego de dez verbos irregulares (*dizer*, *fazer*, *satisfazer*, *trazer*, *poder*, *ter*, *perder*, *medir*, *ouvir* e *pedir*) na 1ª e na 2ª pessoa do singular dos tempos verbais investigados. Os resultados foram descritos de acordo com as variáveis controladas no estudo e submetidos a uma análise à luz dos pressupostos da Fonologia e Morfologia Lexical (*Lexical Phonology and Morphology* - LPM), seguindo-se Lee (1995). Os dados mostraram que crianças falantes nativas de PB até 09 anos de idade ainda podem manifestar flexões verbais regularizadas, sem alternância consonantal, evidenciando o tardio domínio, no processo de desenvolvimento linguístico, das relações morfofonológicas exigidas pela conjugação verbal irregular. O estudo atribuiu esse resultado à complexidade que fatos irregulares da língua acarretam à aquisição, uma vez que implicam a divisão em níveis no componente lexical da língua, além de exigir a interação entre fenômenos morfológicos e fonológicos.

Palavras-chave: aquisição morfofonológica; verbos irregulares; alternância consonantal; Fonologia Lexical

ABSTRACT

This study investigated the acquisition of irregular verbs in Brazilian Portuguese (BP) when conjugated in the Present of Indicative, Present of Subjunctive and Simple Past tenses by native-BP speaking children, with the aim of describing and analyzing the interaction between Morphology and Phonology in the light of the Lexical Theory. The focuses of the study were consonant alternations shown in the conjugation of certain irregular verbs, such as the verb “medir”, whose forms *meço*, *meça* and *medi*, for example, have the alternation [s] ~ [d]. Such forms, in the process of acquisition of BP morphophonology, tend to be employed without the consonant alternation, according to the regular conjugation of verbs, and can manifest as *me[d]o* and *me[d]a*, in place of *me[s]o* and *me[s]a*. For the investigation of this fact of the language, the study had a sample of sixteen informants, eight female and eight male, literate, between 06 and 09 years old. The corpus under study was obtained through the application of two different instruments created for this research, which elicited the employment of ten irregular verbs (*dizer*, *fazer*, *satisfazer*, *trazer*, *poder*, *ter*, *perder*, *medir*, *ouvir* e *pedir*) in the 1st and 2nd person singular of the verb tenses under investigation. Results were described according to the controlled variables in the study and were submitted to an analysis in the light of the Lexical Phonology and Morphology (LPM) assumptions, following Lee (1995). The data show that the native-BP speaking children up to 09 years old can still manifest regularized verbal inflections without any consonant alternation, evidencing the late domain of the morphophonological relationships that are required by the irregular verb conjugation in the developmental process of the language. The study assigns this result to the complexity that irregular facts of language entail to acquisition, since they imply the division of the lexical component of the language in levels, in addition to the interaction between morphological and phonological phenomena.

Keywords: morphophonological acquisition; irregular verbs; consonant alternation; Lexical Phonology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sistema fonológico consonantal do PB.....	44
Figura 2: Modelo proposto por Kiparsky (1982): representação da estrutura do léxico.....	50
Figura 3: Modelo proposto por Kiparsky (1985) para o léxico do Inglês.....	51
Figura 4: Wetzels (1992): Léxico para o Português.....	54
Figura 5: Modelo da FL do PB: proposta de Lee (1995).....	55
Figura 6: Modelo sugerido por Bisol (2010) para o português.....	59
Figura 7: Exemplo de ficha.....	71
Figura 8: Modelo do instrumento I.....	72
Figura 9: Modelo do instrumento II.....	74
Figura 10: Proposta para as formas não padrão, em consonância com Kiparsky (1982; 1985)	127
Figura 11: Proposta baseada em Lee (1995), com a representação do fenômeno da regularização de formas verbais irregulares.....	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Verbos mais frequentes no PB, a partir do DIF.....	20
Quadro 2: Estrutura Geral do vocábulo verbal do PB, segundo Câmara Júnior, 1970	32
Quadro 3: Morfemas sufixais modo-temporais do PB: formas verbais simples	34
Quadro 4: Morfemas sufixais número-pessoais do PB: formas verbais simples	355
Quadro 5: Sistema fonológico vocálico do PB.....	444
Quadro 6: Características das Regras Lexicais e Pós-lexicais (PULLEYBLANK, 1986).....	522
Quadro 7: Exemplos de Lee (1995, p. 44) - I.....	577
Quadro 8: Exemplos de Lee (1995, p. 44) - II.....	577
Quadro 9: Exemplos de Lee (1995) - III	588
Quadro 10: Verbos Irregulares observados no Estudo Piloto	611
Quadro 11: Exemplo do Instrumento Piloto.....	611
Quadro 12: Faixas etárias das crianças no Estudo Piloto	622
Quadro 13: Faixas etárias dos sujeitos da pesquisa.....	63
Quadro 14: verbos irregulares analisados na dissertação e suas alternâncias	67
Quadro 15: processos consonantais na conjugação irregular.....	68
Quadro 16: momentos da coleta de dados	75
Quadro 17: Dados do Informante 1	85
Quadro 18: Dados do informante 2	88
Quadro 19: Dados do Informante 3	900
Quadro 20: Dados do informante 4	922
Quadro 21: Dados do Informante 5	944
Quadro 22: Dados do Informante 6	966
Quadro 23: Dados do Informante 7	988
Quadro 24: Dados do Informante 8	1000
Quadro 25: Dados do Informante 9	1022
Quadro 26: Dados do Informante 10	1044
Quadro 27: Dados do Informante 11	1066
Quadro 28: Dados do Informante 12	1088
Quadro 29: Dados do Informante 13	1100
Quadro 30: Dados do Informante 14	1122
Quadro 31: Dados do Informante 15	1144

Quadro 32: Dados do Informante 16	1166
Quadro 33: Estimativa do processo de regularização.....	1188
Quadro 34: Alternâncias não manifestadas nas flexões dos sujeitos.....	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ocorrências da produção padrão	120
Tabela 2: Análise em relação ao Tempo e Modo Verbal – Instrumento I.....	121
Tabela 3: Análise em relação ao Tempo e Modo Verbal – Instrumento II	121
Tabela 4: Análise em relação à pessoa verbal – Instrumentos I e II	123
Tabela 5: Análise em relação ao sexo – Instrumentos I e II.....	124
Tabela 6: Análise em relação à faixa etária / Escolaridade – Instrumentos I e II	124

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 AQUISIÇÃO VERBAL EM PB E OUTRAS LÍNGUAS	17
2.1 REVISÃO DA LITERATURA: OS ESTUDOS BRASILEIROS SOBRE A AQUISIÇÃO DE FORMAS VERBAIS REGULARES E IRREGULARES	17
2.2 ESTUDOS SOBRE A AQUISIÇÃO VERBAL EM OUTRAS LÍNGUAS	22
3 A MORFOLOGIA VERBAL DO PB.....	29
3.1 PRINCÍPIOS DE ANÁLISE MÓRFICA	29
3.2 TIPOS DE MORFEMAS.....	30
3.3 VERBOS REGULARES E IRREGULARES DO PB	32
3.4 PARTICULARIDADES DOS MODOS INDICATIVO E SUBJUNTIVO.....	37
3.5 O ASPECTO VERBAL.....	39
3.6 ALTERNÂNCIAS FONOLÓGICAS CONSONANTAIS NOS RADICAIS DE VERBOS IRREGULARES	400
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: FENÔMENOS MORFOFONOLÓGICOS E A FONOLOGIA E MORFOLOGIA LEXICAL (FML)	433
4.1 FENÔMENOS DE ORIGEM MORFOFONOLÓGICA.....	433
4.1.1 A aquisição da Fonologia.....	433
4.1.2 A aquisição da Morfologia.....	466
4.1.3 Aquisição de processos morfofonológicos	488
4.2 FONOLOGIA E MORFOLOGIA LEXICAL	49
4.2.1 Fonologia e Morfologia Lexical aplicada a dados do PB: propostas de Wetzels (1992), Lee (1995) e Bisol (2010)	544
5 METODOLOGIA.....	60
5.1 ESTUDO PILOTO	60
5.2 SELEÇÃO DOS INFORMANTES: CRITÉRIOS E CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA	633
5.3 INSTRUMENTOS.....	655
5.3.1 Estratégias metodológicas.....	655
5.3.1.1 A escolha dos Verbos Irregulares	666
5.3.1.2 Processos consonantais na conjugação irregular.....	68
5.3.1.3 Verbos Regulares distratores.....	70
5.3.2 Descrição e caracterização dos instrumentos	700

5.3.2.1 <i>Instrumento I</i>	711
5.3.2.2 <i>Instrumento II</i>	733
5.4 A COLETA DE DADOS	755
5.5 A ESCOLHA DAS VARIÁVEIS.....	777
5.5.1 Variável Dependente	777
5.5.2 Variáveis Independentes.....	788
5.5.2.1 <i>Variáveis Linguísticas</i>	788
5.5.2.1.1 Tempo e Modo Verbal	788
5.5.2.1.2 Pessoa verbal.....	79
5.5.2.1.3 Frequência Verbal	800
5.5.2.2 <i>Variáveis Não Linguísticas</i>	800
5.5.2.2.1 Faixa Etária e Escolaridade.....	800
5.5.2.2.2 Sexo	811
5.5.2.2.3 Tipo de Instrumento.....	822
6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	833
6.1 DESCRIÇÃO DOS DADOS	833
6.1.1 Informante 1	855
6.1.2 Informante 2	888
6.1.3 Informante 3	900
6.1.4 Informante 4	922
6.1.5 Informante 5	944
6.1.6 Informante 6	966
6.1.7 Informante 7	988
6.1.8 Informante 8	1000
6.1.9 Informante 9	1022
6.1.10 Informante 10	1044
6.1.11 Informante 11	1066
6.1.12 Informante 12	1088
6.1.13 Informante 13	1100
6.1.14 Informante 14	1122
6.1.15 Informante 15	1144
6.1.16 Informante 16	1166
6.2 ANÁLISE DOS DADOS: VISÃO GERAL E INTERPRETAÇÃO DO FENÔMENO SOB O VIÉS DA FLM	1177

6.3 ABAIXAMENTO E ELEVAÇÃO DAS VOGAIS NOS RADICAIS.....	1322
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS	140
ANEXO.....	1444
ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	1455

1 INTRODUÇÃO

No processo de aquisição da linguagem, a partir do *input* linguístico, a criança precisa abstrair a gramática da língua, ou seja, as unidades que constituem cada componente do sistema, como, por exemplo, a fonologia, a morfologia e a sintaxe, bem como as relações entre essas unidades. As tais relações podem ser atribuídas duas naturezas: as relações podem dar-se entre unidades dentro de um mesmo componente, ou podem ocorrer entre unidades de diferentes componentes. As relações do segundo tipo, por sua vez, implicam interfaces entre os constituintes que compõem a gramática de uma língua.

Essa visão do desenvolvimento linguístico leva a entender-se que a aquisição do componente fonológico, por exemplo, impõe à criança a necessidade de dominar não apenas o inventário de segmentos vocálicos e consonantais, mas também as regras que determinam o seu funcionamento na língua a partir do *input* que ela recebe; a aquisição do componente morfológico, por outro lado, exige da criança a capacidade de, no mesmo *input*, reconhecer e segmentar os morfemas da língua e as formas que de sua reunião podem resultar. Além disso, no entanto, como os componentes de um sistema linguístico não são estanques, também a relação entre eles tem de ser alvo da aquisição, o que pode aumentar a complexidade do processo.

Nesse sentido, a aquisição do Sistema Verbal Irregular do Português Brasileiro (PB) pode ser caracterizada como um processo de alta complexidade por estabelecer a correlação entre os planos morfológico e fonológico, compreendendo, portanto, o nível morfofonológico da língua, já que implica, além do reconhecimento e segmentação dos morfemas flexionais, o domínio das alternâncias fonológicas exigidas em suas conjugações. Essas alternâncias, que são explicadas, na literatura da área, como consequência de processo diacrônico podem contribuir para que a aquisição dos verbos irregulares do português seja caracterizada como tardia, estendendo-se a faixas etárias maiores que 05 anos de idade.

Tendo em vista a escassez de estudos no Brasil que buscam investigar a aquisição de processos morfofonêmicos e, atentando à necessidade de explorar tais fenômenos, sob o escopo de uma teoria linguística, o presente estudo focaliza a interface que se estabelece entre Fonologia e Morfologia, voltando a atenção para o comportamento, em fase da aquisição da linguagem, da adjunção de morfemas flexionais a formas verbais irregulares do português em casos que requerem a presença de alternâncias no plano fonológico da língua.

Considerando o registro na literatura sobre o desenvolvimento linguístico, sobre a precocidade da aquisição dos fatos considerados menos marcados diante daqueles mais marcados e mais complexos, este estudo investiga o tratamento que crianças falantes nativas do Português Brasileiro, alfabetizadas, com idade entre 06 e 09 anos, atribuem a alternâncias de consoantes na conjugação de verbos irregulares, cujo funcionamento se constitui em aspecto que é considerado marcado na gramática da língua.

O objetivo geral desta pesquisa é, portanto, discutir o emprego de formas do Presente do Indicativo, do Pretérito Perfeito do Indicativo e do Presente do Subjuntivo, que, em verbos classificados como ‘irregulares’, apresentam alternância de fonemas consonantais. São exemplos desse tipo os verbos *fazer*, *trazer* e *medir*, os quais, nos tempos aqui mencionados, apresentam as seguintes alternâncias: [s] alterna-se com [z], como em *faço*, *fazes*; [g] alterna-se com [z] e [s], como em *trago*, *trazes*, *trouxe*; [s] alterna-se com [d], como em *meço*, *medes*. Consideramos, nesse sentido, que no léxico profundo de cada falante estão as raízes verbais que acompanham a forma do infinitivo de cada verbo.

A flexão desses verbos pode manifestar-se de dois diferentes modos na produção linguística das crianças: ou cada verbo é conjugado de acordo com o padrão da língua e, conseqüentemente, as alternâncias são realizadas adequadamente; ou as formas verbais são flexionadas de forma diferente da conjugação irregular, desviando-se do alvo da língua. Essa última possibilidade pode ser manifestada por intermédio do processo da regularização verbal, que consiste na flexão do verbo irregular segundo o padrão dos verbos regulares do PB, os quais mantêm em suas conjugações a fidelidade ao radical, sem a presença de alternâncias consonantais, bem como a fidelidade ao paradigma flexional. São exemplos de regularização, para a 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo, as formas *fa[z]o* para o verbo *fazer*, *tra[z]o* para o verbo *trazer* e *me[d]o* para o verbo *medir*.

Diante da possibilidade de flexão de formas verbais em consonância ou não com o padrão da língua, partimos da hipótese de que crianças entre 06 e 09 anos de idade, assim como crianças menores, ainda podem revelar, em suas produções linguísticas, formas verbais regularizadas, devido sobretudo à complexidade morfofonológica que envolve o uso dessas formas, o que dificulta o processo de sua aquisição. Esse entendimento contribui para a ideia defendida nesta Dissertação de que a aquisição verbal irregular pode ser considerada tardia, em se tratando de falantes de PB.

Ademais, buscamos identificar, por meio dos resultados deste estudo, se a motivação para a regularização da conjugação de verbos irregulares, no processo de aquisição da linguagem, se encontra no nível fonológico, morfológico ou, ainda, se está associada ao

domínio da relação que precisa ser estabelecida entre esses dois planos do sistema linguístico. Acreditamos, preliminarmente, que esse epifenômeno é de origem Morfofonológica e que, por isso, está relacionado à interação que Fonologia e Morfologia devem manter para que o processo seja adquirido e estabilizado na gramática do falante.

A Teoria da Fonologia e da Morfologia Lexical (*Lexical Phonology and Morphology* – LPM) foi chamada para o presente estudo por ter como foco exatamente a relação entre Fonologia e Morfologia, olhando o léxico não só como detentor de estruturas, mas, tendo natureza hierárquica, como um conjunto de regras fonológicas que interagem com regras morfológicas; por isso, constitui-se no suporte teórico que subsidia a descrição e a análise do *corpus* desta pesquisa. A LPM é uma teoria linguística capaz de descrever e explicar a interação morfofonêmica, apontando as relações entre a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas que a ela se aplicam no funcionamento do sistema linguístico.

Esta pesquisa busca, assim, contribuir para os estudos já existentes na literatura da área sobre a aquisição verbal irregular do PB, presumindo que essa apresenta característica tardia, devido, sobretudo, ao fato de ser um processo morfofonêmico, tópico que até o momento é pouco explorado em investigações que tratam da aquisição dos componentes linguísticos.

Com a finalidade de explorar o objeto deste estudo, o qual se constitui no emprego de formas verbais irregulares por crianças falantes nativas do português, a organização estrutural da Dissertação apresenta uma divisão em seis partes.

Dando continuidade à introdução, o segundo capítulo dedica-se a uma breve revisão de estudos sobre a aquisição verbal em Português Brasileiro e em outras línguas, com o objetivo de reunir o que a literatura já conhece sobre esse fenômeno, tanto para os verbos irregulares, quanto para os regulares, compreendendo pesquisas que analisam o processo de aquisição desde a sua etapa inicial.

O terceiro capítulo discute conceitos básicos fundamentais sobre a Morfologia Verbal do PB, baseando-se em autores como Mattoso Câmara, Castilho, Margarida Basílio e Laroca.

No quarto capítulo, abordamos a fundamentação teórica em duas Subseções: a primeira examina o que diz a literatura acerca da aquisição fonológica, da aquisição morfológica e, subsequentemente, tecemos considerações a respeito da aquisição morfofonológica; a segunda Subseção expõe a teoria adotada como aporte teórico desta Dissertação, a Fonologia e Morfologia Lexical, proposta por Kiparsky (1982, 1985) e Mohanan (1982, 1985) e também discutida por Lee (1995), por Miranda (2000) e por Schwindt (2000, 2006).

No quinto capítulo, apresentamos de forma detalhada a metodologia empregada no desenvolvimento do trabalho: o estudo piloto, a seleção dos informantes, os instrumentos, a escolha dos verbos irregulares, os verbos regulares distratores, os procedimentos de coletas de dados e a escolha das variáveis.

O quinto capítulo descreve e interpreta os dados que compõem este estudo sob o viés da teoria escolhida para a realização da análise. O último capítulo traz as considerações finais da pesquisa, destacando os pontos mais relevantes alcançados por meio desta investigação.

2 AQUISIÇÃO VERBAL EM PB E OUTRAS LÍNGUAS

Este capítulo apresenta a revisão de estudos que contribuíram significativamente para o avanço da compreensão da aquisição de formas verbais nas línguas, especialmente, do Português Brasileiro (PB). Para isso, na Seção 2.1 discutimos ideias de pesquisas brasileiras sobre a aquisição de verbos regulares e irregulares, dispostas em ordem cronológica, enquanto que na Seção 2.2 apontamos estudos envolvendo a aquisição verbal em outras línguas, os quais revelam o complexo processo que envolve a aquisição do sistema verbal.

2.1 REVISÃO DA LITERATURA: OS ESTUDOS BRASILEIROS SOBRE A AQUISIÇÃO DE FORMAS VERBAIS REGULARES E IRREGULARES

Diferentes áreas do conhecimento, como a Linguística, a Psicologia Cognitiva e a Psicolinguística têm proposto pesquisas cujo foco está na aquisição da morfologia verbal em fase inicial do desenvolvimento linguístico. A maioria dos estudos preocupa-se em discutir a emergência de formas verbais na aquisição, buscando estabelecer parâmetros entre a idade em que começam a surgir as flexões verbais e os morfemas número-pessoa e tempo-modo.

Um dos estudos pioneiros nesse contexto foi o de Yavas e Campos (1988). As autoras, por meio de dados longitudinais, buscaram comparar informações sobre a aquisição da morfologia verbal do português como L1, com informações sobre a aquisição da morfologia verbal do português como L2. Essa análise evidenciou que desde muito pequenas, em torno dos 02 anos de idade, as crianças manifestam a produção de algumas formas verbais, sendo que, por volta dos 2;5 (ano; mês), elas já utilizam as formas de imperativo, pretérito e presente.

As observações das autoras revelam um padrão quanto à relação entre a aquisição das flexões de pessoa-número e as que marcam tempo-modo-aspecto. As flexões de tempo são, nesse estudo, adquiridas antes do que as de pessoa e, parecem estar ligadas a traços semânticos do verbo nos estágios iniciais de fala. Isso pode evidenciar um universal do desenvolvimento da linguagem, firmando-se no fato de as crianças falantes de línguas diversas produzirem, em etapa inicial de aquisição, formas verbais com o pretérito perfeito, mas apenas com verbos que indicam ação completada no passado imediato, como, por exemplo, *caiu*, *acabou* e *quebrou* (YAVAS E CAMPOS, 1988).

Santos e Scarpa (2003) atestam as evidências de Yavas e Campos (1988), pontuando que formas verbais flexionadas aparecem a partir de 1;5 (ano; mês), no entanto, exibem instabilidade e lacunas paradigmáticas, sendo que é por volta dos 2;0 que o processo de segmentação morfológica se inicia, revelando, assim, o trabalho com fronteiras internas das palavras. O estudo de Santos e Scarpa (2003) mostra que verbos flexionados emergem configurados na 3ª pessoa do singular, no passado e no infinitivo. A partir de 1;7 surgem as formas no presente e no imperativo, as quais também são na 3ª pessoa do singular. Desse modo, para as autoras, somente com 2;4 aparecem as formas na 1ª pessoa do singular para o tempo passado e com 2;5 para o tempo presente. É a partir disso que se pode observar um uso qualitativamente diferente das formas verbais flexionadas (SANTOS E SCARPA, 2003).

As descrições de Santos e Scarpa (2003) salientam que a efetiva ocorrência dos dados verbais, apesar de manifestar-se em uma etapa precoce, não deve ser garantia de transparência da aquisição do sistema verbal flexional do PB, tendo em vista que há indícios de que o estatuto morfológico verbal inicial não é condizente com um sistema flexional produtivo de morfemas presos de tempo e pessoa.

Os aparentes morfemas de tempo parecem ser segmentados, mas fazem parte de toda sequência fônica da palavra. A fim de sustentar essa posição, as estudiosas apontam duas evidências, de modo que a primeira está relacionada à forma correspondente a *acendeu* (verbo *acender*), em que a criança, informante do estudo, produziu [se'dew]. Essa forma, por exemplo, funciona como *template* nessa etapa para as sequências novas, produzidas pelo sujeito. Por outro lado, a extensa flutuação desta forma verbal obscurece o reconhecimento do sufixo de tempo (SANTOS E SCARPA, 2003).

A segunda evidência descrita pelas autoras aponta que os caminhos da aquisição da morfologia verbal não são diretos, nem autônomos, uma vez que o uso de formas verbais interage com aspectos prosódicos e sintáticos. Santos e Scarpa (2003) defendem que o trabalho com morfemas não é uma simples tarefa de recorte interno entre as palavras. Contudo, o estudo aqui referido mostra que os dados tardios da aquisição verbal dizem respeito, principalmente, às formas irregulares, o que pode ser um indício, segundo as pesquisadoras, de que o problema da criança não é mais analisar internamente as palavras, mas aprender as irregularidades da língua-alvo.

De acordo com Lorandi (2006) fenômenos como o da regularização de formas verbais revelam muito mais sobre a gramática da língua, do que, por exemplo, seu estudo a partir da fala adulta. A autora enfatiza que uma estrutura considerada errada pode mostrar como a criança enxerga os recursos de sua língua, visto que se configuram em evidências de uma gramática em

construção. As estruturas regularizadas para os verbos irregulares, nesse contexto, são um indicativo da sensibilidade da criança aos recursos morfológicos da língua (LORANDI, 2006).

Lorandi (2006), partindo de análises da fala espontânea de crianças entre 02 a 05 anos de idade, observa que as formas que são variantes podem ocorrer ao mesmo tempo na fala da criança em que as formas consideradas corretas¹. E, ainda, discute o fato de formas regularizadas fazerem parte da produção linguística da criança somente depois de algum tempo de convivência com a língua.

Uma das maiores contribuições desse estudo para a arquitetura que lida com fenômenos relacionados aos “erros” que os sujeitos cometem em fase de aquisição da linguagem, sejam eles de ordem fonológica, morfológica ou sintática, foi reconhecer que estas formas são, de fato, transparentes e produtivas no reconhecimento dos recursos de que uma língua dispõe. E, por isso, não devem ser chamadas de “erros”, mas de Formas Morfológicas Variantes (FMVs), tendo em vista que mostram como a criança é capaz de lidar com a língua, e construir formas que, na verdade, são variações permitidas pela gramática do sistema alvo.

A pesquisadora analisou seus dados sob o enfoque da Teoria da Otimidade (Prince & Smolensky, 1993 e McCarthy, 1993) e da Teoria da Anti-Fidelidade Transderivacional (ALDERETE, 2001a, 2001b), com o intuito de mostrar que o sujeito se guia por restrições de fidelidade ao radical no momento em que produz FMVs, apontando, assim, para uma interação entre a fidelidade e a anti-fidelidade, ou entre a regularidade e a irregularidade. As hierarquias de restrições utilizadas pelas crianças são, segundo a autora, as mesmas empregadas na gramática adulta, sendo que os verbos irregulares não são reconhecidos como tais pela criança, no momento da produção de formas variantes e passam a ser conjugados pela gramática dos verbos regulares.

Assim, Lorandi (2006) argumenta que existem duas gramáticas para a conjugação dos verbos, uma própria para os verbos regulares e outra para os irregulares. A diferença entre elas, segundo o estudo, encontra-se na hierarquia das restrições de fidelidade e de anti-fidelidade.

No que se refere às representações lexicais subjacentes das crianças, Andersen (2008) descreve, através de uma análise psicolinguística, o léxico produtivo de uma criança falante do

¹ Pesquisas realizadas com crianças monolíngues do Inglês revelam que a produção de formas regularizadas não está presente na fala da criança nas suas produções iniciais, mas emergem na fala num período posterior (LORANDI, 2006). Um exemplo é o estudo de Marcus et al (1995), em que os autores confirmam que as formas regulares são formadas por uma regra *default* - adicionar *ed* ao tempo passado -, enquanto que as formas irregulares são recuperadas pela memória e bloqueiam a aplicação da regra *default* regular. Segundo os autores no momento em que a criança aplica uma regularização ou supergeneralização, ela está lidando com uma possível falha ao recuperar a forma irregular e, assim, aplica a regra regular, que é a padrão.

português, com base na idade de aquisição e na frequência das palavras². O estudo defende que há uma correlação positiva entre a frequência do *input* e a aquisição da linguagem, considerando que as palavras de alta ocorrência são reconhecidas mais rapidamente e com melhor precisão do que as palavras de baixa frequência.

Sendo assim, a alta frequência da palavra pode facilitar o processamento perceptual, tendo em vista que, como sugere a autora ao citar Scliar-Cabral (1999), os circuitos cerebrais envolvidos no processo da linguagem verbal não estão prontos desde o nascimento. Com isso, é preciso alguma maturação morfológica do cérebro, a qual será importante também para o armazenamento dos itens lexicais, como os verbos regulares e irregulares (ANDERSEN, 2008).

Com relação à frequência dos verbos, baseando-se no Dicionário de Frequências do PB Contemporâneo (DIF) (BIDERMAN, 1998), a autora observa que os vinte verbos mais frequentes do português operam de forma muito similar na língua, não importando se as variáveis linguísticas consideradas são as línguas falada ou escrita. A seguir, no Quadro (1), apresentamos a listagem de frequência verbal, apontada pela autora, a qual está alicerçada no DIF:

1° ser	6° dizer	11° saber	16° falar
2° ter	7° haver	12° querer	17° chegar
3° ir	8° fazer	13° ficar	18° precisar
4° estar	9° dar	14° achar	19° começar
5° poder	10° ver	15° dever	20° olhar

Quadro 1: Verbos mais frequentes no PB, a partir do DIF

Fonte: Andersen (2008)

Andersen (2008) analisa a aquisição dos primeiros verbos de uma informante (estudo de caso), até a idade máxima de 04 anos e conclui, firmando-se em Biderman (1998), que as flexões verbais que figuram entre as mais frequentes são, inicialmente, marcadas pelas formas do infinitivo, do imperativo, do gerúndio e da terceira pessoa do singular dos tempos presente, pretérito perfeito e imperfeito.

Em suma, a pesquisa de Andersen mostra que a maioria dos verbos mais frequentes na fala da informante foi ao encontro da proposta de Biderman (1998), segundo pesquisa no DIF

² A idade de aquisição, assim como a frequência das palavras, é apontada, no estudo de Gierut e Morrisette (2002), juntamente com a densidade das palavras vizinhas era probabilidade fonotática, como sendo parâmetros da estrutura organizacional que fornecem uma estrutura para as palavras no léxico mental (ANDERSEN, 2008).

e concluiu que a frequência na língua condiciona a aquisição. O estudo também contribui com a literatura, descrevendo o léxico de uma criança com idade entre 1;0 e 4;0, constituindo uma base de dados capaz de subsidiar outras pesquisas sobre a organização lexical.

Segundo Lorandi (2010), a criança em fase de aquisição utiliza recursos do subsistema morfológico de sua língua, de forma coerente com o padrão sistêmico, visto que não cria morfemas gramaticais inexistentes, mas ajusta-os aos radicais que ela conhece e que estão disponíveis no momento da produção. Nesse contexto, a autora busca destacar que a sistematização que privilegia a regularidade de verbos irregulares evidencia uma gramática em construção, o que afasta a ideia de que o sujeito esteja cometendo um erro e considera, dessa forma, o fato de serem formas verbais variantes, concorrentes com as formas da língua-alvo.

Desse modo, podemos entender, de acordo com a autora, que:

Do contínuo da fala, a criança depreende pistas fonéticas - fonológicas que permitem segmentar esse contínuo e perceber onde começam e terminam palavras, frases e enunciados e também possibilitam a descoberta de restrições fonotáticas. [...] As crianças identificam e reconhecem esses recursos de forma intuitiva, abrindo margem para que falemos em uma sensibilidade morfológica e mostremos tal sensibilidade por meio da identificação dos morfemas envolvidos nessas produções (LORANDI, 2010, p. 81)

Com essas observações, a pesquisadora aponta que a variação morfológica (formas regularizadas) pode ser um indício da percepção, por parte da criança, da gramática da língua.

O processo de aquisição de verbos irregulares no PB é discutido, sob o enfoque da Teoria da Morfologia Distribuída, doravante MD, (HALLE; MARANTZ, 1993), no estudo de Takahira (2013). Ao afirmar que os verbos irregulares passam por um processo de regularização durante a aquisição, a autora, segundo os princípios da MD, destaca que um mesmo verbo, aquele que é regularizado pela criança, não necessita de dois processos para ser formado.

Ainda com referência aos estudos brasileiros sobre a aquisição verbal do PB, Werges (2014) percorre os caminhos da morfologia verbal através de dados de fala de cinco crianças brasileiras, entre as idades de 1;6 e 4;0.

Conforme a autora, é através da existência de um dispositivo inato da linguagem (CHOMSKY 1975) que podemos explicar, por exemplo, como crianças e adultos entendem e produzem estruturas diferentes daquelas que são produzidas pelo *input* linguístico.

O foco principal do estudo foi observar o papel da frequência de uso e do *input* na aquisição das formas verbais regulares e irregulares, por meio de descrição e análise da

morfologia verbal de dados de fala espontânea de crianças brasileiras, sob o viés do modelo *Rules and Competition*, de Charles Yang (2002).

Através desse modelo, a autora analisa as propriedades morfológicas dos verbos do PB na fala infantil, buscando as taxas de frequência das formas e classes verbais, postulando, nesse contexto, que estas são determinantes para o desempenho das crianças, ou seja, quanto maior a frequência com que uma forma e a regra da forma são usadas, maior é a taxa de uso correto dessa produção (WERGES, 2014).

Assim como Lorandi (2006), o estudo aponta para um ciclo em relação ao período em que as crianças produzem a regularização de formas irregulares, afirmando que as crianças começam com a produção correta de verbos irregulares, posteriormente, passam à produção de regularizações e, mais tarde, retornam à forma irregular esperada pela gramática da língua.

Apesar de formarem um conjunto muito pequeno, os verbos irregulares figuram entre os mais frequentes do PB, segundo o DIF (BIDERMAN, 1998), que é formulado com base em dados do português escrito. Com essa afirmação, a autora reforça a ideia de Andersen (2008), e complementa, apontando em sua análise, que os doze verbos mais frequentes em seu estudo³ foram, respectivamente, *ser, ir, fazer, dizer, trazer, querer, vir, ter, acabar, poder, estar e cair*.

Assim sendo, a alta frequência poderia facilitar a aquisição das formas verbais do PB e estar correlacionada à taxa de uso correto das conjugações verbais. Porém, os dados do estudo não foram unânimes quanto ao indício de relação direta entre a frequência da forma e a frequência de classe no *input*, o que mostra que deve haver outro fator, como, por exemplo, a complexidade morfofonológica das formas verbais, influenciando na taxa de uso correto e, conseqüentemente, na aquisição dos verbos (WERGES, 2014).

2.2 ESTUDOS SOBRE A AQUISIÇÃO VERBAL EM OUTRAS LÍNGUAS

As pesquisas sobre a aquisição da morfologia verbal em outras línguas são, em sua maioria, compreendidas através da perspectiva teórica da ciência cognitiva. O estudo de Rumelhart e McClelland (1985), por exemplo, prevê que muitos aspectos da língua podem ser determinados por meio de um sistema de regras, uma vez que esse sistema, na aquisição da linguagem, é útil para a caracterização do que se deve ou não dizer. Nesse contexto, um falante nativo conhece naturalmente os princípios que regem a gramática de sua língua.

³ Werges (2014) considerou como mais frequentes aqueles verbos cuja frequência apresentou estimativa acima de 500 ocorrências do total de produções coletadas na pesquisa.

Rumelhart e McClelland (1985) mencionam, ainda, que geralmente as crianças percorrem três estágios no processo da aquisição dos verbos e, a partir da descrição de dados de crianças alemãs, na faixa etária entre 06 a 09 anos, em processo de aquisição do inglês, revelam características da morfologia verbal regular e irregular.

Para esses autores, no primeiro estágio, as crianças lidam com a probabilidade de usarem um pequeno número de verbos no tempo passado. São verbos que se mantêm em alta frequência na língua, predominantemente da classe dos irregulares. Nesse período, os aprendizes tendem a usá-los corretamente, apresentando uma generalização do passado para todos os tempos verbais produzidos.

É na segunda fase que começa a surgir um grande número de verbos, ainda no passado, contemplando também a classe verbal do pretérito regular. Aqui, segundo os autores, lidamos com a evidência do surgimento de regras linguísticas, firmadas no conhecimento implícito do sujeito. Essa tendência pode ser sustentada pelo fato de, nesse período, a criança começar a generalizar o tempo passado para flexionar palavras, como, por exemplo, a criação de “*ricked*”, a partir de “*rick*”.

Além disso, a criança inicia o processo de aplicação da regularização dos verbos irregulares, produzindo, dessa forma, o padrão -ed também para os verbos irregulares, como, por exemplo, a manifestação de “*goed*”, ao invés de “*went*”, para o verbo *to go*. Esse fenômeno pode ser identificado, ainda, nos plurais irregulares, em que as crianças, comumente, realizam a forma “*mouses*”, para o substantivo irregular de “*mouse*”, o qual se apresenta na gramática como “*mice*”.

No último estágio, as formas regulares e irregulares coexistem. As crianças tendem a recuperar o uso correto das formas irregulares do passado, ao passo que continuam a aplicar formas regularizadas para as novas palavras que aprendem.

O estudo de Rumelhart e McClelland (1985) identificou dois tipos de regularizações. O primeiro deles é a regularização simples, identificada quando a criança utiliza, no caso do inglês, o padrão -ed para as formas irregulares. O segundo tipo diz respeito à hiperregularização, ou seja, é quando o sujeito aplica a regra *default* da morfologia regular a um verbo já conjugado pela classe irregular, como no caso de “*wented*”.

No entanto, a caracterização da aquisição do passado verbal do inglês, baseando-se em uma sequência de três estágios é, na visão dos autores, um pouco enganadora, pois pode sugerir que os estágios são claramente demarcados e que a atuação em cada um desses períodos é

nitidamente distinguida. Argumentando sobre isso, Rumelhart e McClelland (1985) pontuam que⁴:

De fato, o processo de aquisição é bastante gradual. Pequenos detalhes marcam a transição do estágio 1 para o 2, mas a transição do estágio 2 para o 3 é muito prolongada e estende-se ao longo de vários anos. Além disso, o desempenho do sujeito na fase 2 é extremamente variável. O uso correto de formas irregulares nunca está completamente ausente e a mesma criança pode ser observada, em uma mesma conversa, usando a forma correta do passado irregular e, ao mesmo tempo, acrescentando -ed aos verbos irregulares⁵ (RUMELHART e MCCLEALLAND, 1985).

Conforme as considerações dos autores, podemos notar que, embora seja arriscado pontuar exatamente quando ocorre a passagem de uma fase para outra, fica evidente que a aquisição verbal está centrada em três momentos. Estudos brasileiros também relataram essa possibilidade; a diferença, porém, do estudo de Rumelhart e McClelland (1985) para os brasileiros, como o de Lorandi (2006) e Werges (2014), está centrada na limitação desses períodos.

As pesquisas brasileiras, nesse âmbito, sugerem que, posteriormente à idade de 05 anos, os sujeitos não realizam mais as formas regularizadas, o que indica que o terceiro período apontado pelos autores estaria estabilizado. No entanto, Rumelhart e McClelland (1985) afirmam que as crianças mais velhas ainda cometem esse tipo de variação verbal, o que mostra, então, que a passagem da segunda etapa para a terceira é instável e pode se dar em uma faixa etária maior do que 05 anos.

Nesse ponto de discussão, a presente dissertação vem investigar qual é o tratamento que as crianças brasileiras, entre as idades de 06 a 09 anos, apresentam em relação às formas verbais irregulares do PB, buscando, nesse sentido, complementar os estudos brasileiros que se restringem à idade máxima de 05 anos.

Em 2003, Yasuhiro Shirai discute o aspecto morfológico regular-irregular, defendendo que a aquisição dos verbos na língua materna da criança (L1) é governada pela semântica. O trabalho propõe a análise de como a semântica dos verbos interage com a morfologia regular e irregular do pretérito do inglês.

⁴ A tradução do texto original foi realizada e interpretada pela autora desta Dissertação.

⁵ Apresentamos a citação original: "In fact, the acquisition process is quite gradual. Little detailed data exists on the transition from Stage 1 to Stage 2, but the transition from Stage 2 to Stage 3 is quite protracted and extends over several years (Kuczaj, 1977). Further, performance in Stage 2 is extremely variable. Correct use of irregular forms is never completely absent, and the same child may be observed to use the correct past of an irregular, the base+ed form, and the past+ed form, within the same conversation..."

De acordo com Shirai (2003), crianças constroem as formas do passado verbal através da adição do sufixo -ed, aplicando, dessa forma, as regularizações do tipo “*goed*” e “*eated*”. Para ele, a regularização, ou super-regularização, é tratada como um caso paradigmático de aprendizado de uma regra. Quando o sujeito internaliza a regra, as formas regularizadas deveriam, simultaneamente, desaparecer da linguagem da criança.

Ao longo da pesquisa, o autor defende que as regularizações são observadas no mesmo estágio em que a morfologia é restrita ao protótipo semântico, sendo que, sob esse enfoque, o viés semântico pode estar relacionado a uma distribuição da frequência do *input* dos aprendizes.

Considerando a aquisição do sistema verbal do espanhol, Aveledo (2006) analisa o processamento de verbos regulares e irregulares, contrapondo teoricamente as correntes relativas ao mecanismo dual e ao connexionismo.

Para o mecanismo dual existem dois sistemas de processamento, sendo que um opera através de regras e aplica a flexão aos verbos regulares e irregulares e o outro se baseia em uma memória associativa, a fim de guardar apenas as formas irregulares. Do ponto de vista do connexionismo, tanto os verbos regulares, como os irregulares se processam por um mesmo mecanismo: a memória associativa.

Os resultados do estudo de Aveledo (2006) indicam que existe uma diferença entre o comportamento das classes regular e irregular, o que mostra, segundo a autora, que estas formas se processam de maneiras diferentes cognitivamente.

Ao analisar dados transversais e longitudinais de produção linguística espontânea de crianças falantes nativas do espanhol, a autora parte da ideia de que há um mecanismo encarregado por aplicar regras que processam e produzem os verbos regulares, através da adjunção de um ou mais sufixos à raiz, e outro mecanismo com acesso direto à memória associativa, de onde surgem os verbos irregulares em grupos, que compartilham as mesmas características fônicas (AVELEDO, 2006).

Nesse contexto, na etapa inicial da aquisição, a memória da criança está pouco desenvolvida e, portanto, o processo de identificação de um verbo irregular pode falhar. Quando isto ocorre, segundo Aveledo (2006), a criança aplica uma regra regular ao verbo irregular e, então, produz as regularizações dos verbos menos frequentes no *input* que recebe.

A autora descreve que, durante a primeira fase do processo de aquisição do sistema verbal, a criança memoriza os verbos mais frequentes de sua língua, os quais tendem a ser irregulares. Em uma segunda etapa, a criança aplica o fenômeno da regularização para verbos irregulares. E, em um terceiro momento, à medida que a experiência linguística do falante aumenta, a regularização ou a hiper-regularização, como pontua a autora, tende a desaparecer.

Novamente deparamo-nos com a ideia de três etapas presentes no desenvolvimento da aquisição verbal. Entretanto, a autora, assim como as estudiosas brasileiras, pontua que as regularizações devam ocorrer até os 05 anos de idade. Aveledo (2006) ainda postula que essas regularizações podem decorrer, no espanhol, sobretudo, da maior produção pela criança de formas verbais regulares do que de irregulares.

De acordo com esse estudo espanhol, quando a aplicação do padrão regular se dá, exclusivamente, em formas irregulares, há um indício de que a produção de verbos regulares e irregulares se realiza por meio de mecanismos diferentes. As estruturas afetadas nas regularizações, segundo o *corpus* observado, podem ser de duas naturezas: na raiz, quando o sujeito diz “*sabo*”, em vez de “*sé*”; e, na flexão, no momento em se produz, por exemplo, “*ensuci*”, ao invés de “*ensucié*”. Desse modo, as crianças regularizam tanto flexões, como raízes irregulares.

As regularizações, portanto, são vistas por Aveledo (2006) como produtos da aplicação errada de uma regra de flexão, já que as crianças as produzem quando começam a dominar o sistema flexional.

Na proposta de Silva e Lorandi (2013), a aquisição da morfologia verbal é discutida comparando-se os sistemas morfológicos de uma criança bilíngue (português / espanhol) e uma monolíngue (português), a fim de problematizar questões referentes à morfologia verbal do português.

A partir de considerações acerca do bilinguismo, as autoras pressupõem que o desenvolvimento de duas línguas concorrentes acarreta diferenças no vocabulário entre bilíngues e monolíngues. Inicialmente, o estudo aponta que os verbos em espanhol são semelhantes aos do português, pois também sofrem processos de flexão, com distinções nas irregularidades verbais, são classificados como regulares ou irregulares e, ainda, apresentam uma comutação morfológica semelhante, subdividida em raiz + vogal temática + desinências de modo e tempo.

Para as autoras, a aquisição da morfologia se dá no momento em que o falante começa a depreender morfemas e analisar esses conhecimentos, sendo que:

As diferenças entre o que a criança entende e o que ela produz, bem como o modo como ela acessa seu conhecimento para produzir formas verbais, ou para lidar com elas, de modo a manipular seu conhecimento como um objeto do pensamento, manifestando-se verbalmente sobre ele, pode levar à diferenciação entre o uso de formas verbais adquiridas e a consciência morfológica (SILVA e LORANDI, 2013, p. 102 e 103).

As análises desse estudo evidenciaram que o léxico verbal de uma criança monolíngue é maior que de uma bilíngue. No entanto, a criança bilíngue produziu formas mais complexas, tanto na coleta em espanhol, como em português brasileiro. Isso aponta que, embora a criança bilíngue apresente um vocabulário menor, o seu nível de desenvolvimento linguístico verbal, em relação à monolíngue, pode ser mais avançado.

A complexidade das formas verbais produzidas pela informante bilíngue pode ser uma evidência do pressuposto de que crianças bilíngues podem apresentar vantagens cognitivas, visto que os bilíngues tendem a manifestar uma melhor função executiva e extralinguística, por exercitarem regiões cerebrais, durante o monitoramento das duas línguas, tornando-as mais flexíveis e, conseqüentemente, aumentando a habilidade de processar informações (SILVA e LORANDI, 2013).

Considerando os estudos aqui referidos, levantamos algumas questões, que nos inquietam a respeito das investigações sobre a aquisição do sistema verbal do PB. Inicialmente, chamamos atenção para o fato de os estudos brasileiros apontarem que, a partir dos 05 anos de idade, as crianças não produzem mais regularizações para os verbos classificados como irregulares.

É importante destacar que o fenômeno da regularização se mostra presente na aquisição verbal de diferentes línguas, sendo que a observação desse fato permite mostrar os caminhos que o sujeito percorre até atingir o sistema verbal alvo da língua.

Outro aspecto a ser evidenciado nas pesquisas já realizadas sobre o tema é a pressuposição da existência, no processo da aquisição de formas verbais, de duas gramáticas distintas, uma responsável pelos verbos regulares e, outra, pelos irregulares. Alguns estudos sugerem, ainda, que a memória seria o mecanismo responsável pela aquisição dos verbos irregulares.

Além disso, a maioria das pesquisas revela que o desenvolvimento verbal irregular está centrado em três momentos: o primeiro envolve a produção das formas corretas de verbos irregulares, que são provenientes do *input* que a criança recebe; o segundo marca o período de manifestação das regularizações; o terceiro, e último, determina a passagem desse período para o sistema-alvo da língua, ou seja, para as formas consideradas “padrão” dentro da estrutura verbal.

Essa presunção é altamente relevante e pode ser vista como etapas do desenvolvimento do sistema verbal de diferentes línguas, visto que mostra com clareza as fases por que a criança passa até chegar ao sistema alvo da língua. No entanto, o que nos chama atenção é a limitação em relação às idades máximas, apontadas na literatura brasileira, para o término dessas etapas.

De acordo com os trabalhos realizados até o momento, até os 05 anos de idade, a criança estaria com o sistema verbal formado, sendo capaz de produzir com adequação tanto os verbos regulares, quanto os irregulares, não apresentando mais o fenômeno de regularizações na flexão dos verbos irregulares do PB.

A maioria das pesquisas, nesse contexto, atribui a responsabilidade das ocorrências das formas variantes regularizadas à aquisição da morfologia da língua, todavia, nesse estudo, partimos do pressuposto de que a motivação para essas produções é o resultado da interação entre regras fonológicas e regras morfológicas do sistema linguístico e, portanto, deve-se à aquisição da relação morfofonêmica da língua e não, exclusivamente, à aquisição do plano morfológico.

A partir desse contexto, no próximo capítulo percorremos pelos caminhos da Morfologia Verbal do PB, a fim de entender o processo de formação dos verbos, bem como conceitos imprescindíveis para uma análise verbal aprofundada.

3 A MORFOLOGIA VERBAL DO PB

Essa Seção tem por objetivo apresentar os conceitos básicos sobre a morfologia verbal do PB, bem como discutir o processo da alternância consonantal e vocálica que se manifesta na conjugação dos verbos irregulares. Desse modo, a Seção 3.1 trata dos princípios básicos de Análise Mórfica; a Seção 3.2 aborda os tipos de morfemas do PB; na Seção 3.3 distinguimos verbos regulares e irregulares; na 3.4, destacamos algumas particularidades dos modos Indicativo e Subjuntivo, enquanto, na Seção 3.5 tratamos do aspecto verbal e, por fim, na Seção 3.6, caracterizamos as alternâncias verbais da língua portuguesa.

3.1 PRINCÍPIOS DE ANÁLISE MÓRFICA

A morfologia, ramo da linguística que trata das formas das palavras em diferentes usos e construções (LAROCA, 2001), assim como a sintaxe, a fonologia e a semântica, integra um dos níveis de estudo da estrutura linguística e da formação de palavras de uma língua, tendo como objeto de análise o morfema⁶, que, desde os estudos estruturalistas, é considerado a menor unidade portadora de significado.

A investigação mórfica⁷ consiste na apreensão de morfemas; por meio dela se procede à descrição rigorosa das formas de uma dada língua (Câmara Júnior., 1970). O princípio básico da análise mórfica é a *comutação*, que se constitui em uma operação contrastiva por meio de permuta de elementos (SOUZA & SILVA, KOCH, 2009).

Dessa forma, podemos, por exemplo, contrapor as formas verbais **cantas** e **cantamos**, ambas do verbo *cantar* conjugado no Presente do modo Indicativo, evidenciando, pelo processo de comutação, que -s e -mos são morfemas indicativos de número e pessoa, sendo que -s é morfema de 2^a pessoa do singular e -mos é morfema de 1^a pessoa do plural.

⁶ É importante ressaltar que o morfema é a unidade da morfologia de acordo com a concepção teórica da Escola Distribucionalista (de Item-e-Arranjo). Mattoso Câmara Jr, a partir dessa concepção, adotou o morfema como sendo a unidade básica da morfologia.

⁷ Também conhecido por análise mórfica, o processo consiste, segundo Sousa & Silva e Koch (2009), na descrição da estrutura do vocábulo mórfico, apreendendo suas formas mínimas ou morfemas, de acordo com uma significação e uma função elementares, que lhes são atribuídas dentro da significação e da função total do vocábulo.

É também por comutação que podem ser contrastadas as três vogais temáticas verbais – **-a**, **-e**, **-i** – que caracterizam as formas do português, como se observa, por exemplo, no infinitivo dos verbos: *cantar*, *escrever*, *partir*⁸.

Além da *comutação*, a *alomorfia* é um fenômeno importante para a análise mórfica, tendo em vista que prevê as diferentes formas que os morfemas de uma língua podem assumir para estabelecer a mesma função dentro da gramática. Souza & Silva e Koch (2009), explicam-nos que:

Os diferentes morfemas de uma língua não estão obrigatoriamente ligados a um segmento fônico imutável: por exemplo, o segmento /-s/ marca, de modo geral, o plural dos nomes em português, mas outros segmentos como /-es/ têm essa função. [...] A essa possibilidade de variação de cada forma mínima dá-se o nome de alomorfia (SOUZA & SILVA e KOCH, 2009, p. 28).

Cabe aqui, evidenciarmos que o processo alomórfico pode ser verificado entre componentes fonológicos de natureza diversa. É o que aponta Câmara Júnior (1970) para certos verbos da língua portuguesa, conhecidos como irregulares, em que a *alomorfia* ocorre entre um fonema ou conjunto de fonemas, acrescentado ao radical do verbo, e uma alternância vocálica dentro do radical⁹.

3.2 TIPOS DE MORFEMAS

Os morfemas do PB, quanto à natureza de classificação, podem ser lexicais ou gramaticais. Os morfemas lexicais constituem o cerne do vocábulo (CÂMARA JÚNIOR 1970). São morfemas compostos por propriedades lexicais com significação referente ao mundo extralinguístico, os quais constituem a essência da palavra, podendo ser exemplificados em **cant-**, de **cantar**, **vend-**, de **vender** e **ped-**, de **pedir**.

Conforme Câmara Júnior. (1970), o morfema lexical é o primeiro elemento indivisível comum a todas as formas de cada verbo, em que se concentra a significação específica do ato que este expressa. Desse modo, podemos evidenciar, pela comutação do morfema lexical, a

⁸ As vogais temáticas que integram a morfologia dos nomes do português são: -o, -a, -e (CÂMARA JÚNIOR, 1970).

⁹ Podemos exemplificar tal ocorrência através dos verbos fazer e temer. A forma conjugada “fiz”, do verbo fazer corresponde ao -i final de “temi”, do verbo temer. Ambas as formas indicam a 1ª pessoa gramatical de um determinado tempo passado. Mas em “temi” houve o acréscimo de um -i tônico ao radical, ao passo que em “fiz” houve no radical a mudança da sua vogal -a- (faz + er) para -i- (CÂMARA Jr, 1970).

oposição entre os verbos **cantamos** (cant- morfema lexical), **dançamos** (danç- morfema lexical) e **falamos** (fal- morfema lexical).

Também pelo processo de *comutação* podemos identificar, no vocábulo verbal do português, além do seu morfema lexical, os morfemas gramaticais. Nas formas verbais, os morfemas gramaticais indicam tempo, modo e pessoa gramatical. Diante desse processo de análise de um vocábulo formal¹⁰, os morfemas gramaticais têm significação interna e referem-se ao mundo da gramática, determinando, por exemplo, as classes nominais e as oposições de 1ª, 2ª e 3ª conjugações verbais, como em **cantar**, **comer** e **sorrir**.

Os morfemas gramaticais do português podem ser divididos em classificatórios, flexionais e derivacionais (SOUZA E SILVA, KOCH, 2009). Os morfemas classificatórios distribuem os vocábulos em categorias; são as vogais temáticas, cuja função é a de especificar a classe à qual um vocábulo pode pertencer (nome -substantivo ou adjetivo- e verbo). As vogais temáticas nominais são -o, -a, -e, enquanto as vogais temáticas verbais são -a, -e, -i.

A classe verbal é dividida, pelas vogais temáticas, em três conjugações. Assim, a 1ª conjugação é definida pela vogal temática “a” (**cantar**, **amar**, **sonhar**); a 2ª conjugação pela vogal temática “e” (**vender**, **escrever**, **correr**); enquanto que a 3ª conjugação é determinada pela vogal temática “i” (**sorrir**, **ferir**, **partir**). Na língua Portuguesa, a mais produtiva é a 1ª conjugação, tanto para os verbos já existentes, quanto para a criação de novos. Tal ocorrência pode ser observada através dos novos vocábulos verbais, como, por exemplo, *clicar*, *deletar* e *linkar*, os quais foram incorporados à língua. Tal fato também é visível em exemplos da aquisição da linguagem, como em *xizar*, *vassourar* e *borrachar*, vocábulos referidos por Lorandi e Lamprecht (2008).

Os morfemas flexionais são ligados ao morfema lexical e os adaptam, a partir de um paradigma, a categorias que a sua classe admite: a classe dos nomes¹¹ admite as flexões de gênero e número; a classe dos verbos admite as flexões de modo e tempo¹², número e pessoa.

Os morfemas derivacionais criam, a partir do morfema lexical, novas palavras na língua. Juntam-se aos radicais ou lexemas básicos para a formação de novos lexemas, de novas palavras. São os morfemas derivacionais que criam novos vocábulos a partir do morfema

¹⁰ O vocábulo formal é a unidade a que se chega quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres. Constará, portanto, de uma forma livre indivisível (ex.: *luz*), de duas ou mais formas presas (ex.: *im + pre + vis + ível*) ou de uma forma livre e uma ou mais formas presas (ex.: *in + feliz*). (CÂMARA Jr, 1970)

¹¹ Também admitem as mesmas flexões dos nomes categorias a eles relacionadas, como pronomes, adjetivos e numerais (SCHWINDT, 2014).

¹² O “aspecto” é um traço que pode também ser indicado pela flexão de modo e tempo, no sistema verbal, embora, como refere Castilho (2012, p.417), o aspecto não disponha de “morfologia própria no português”.

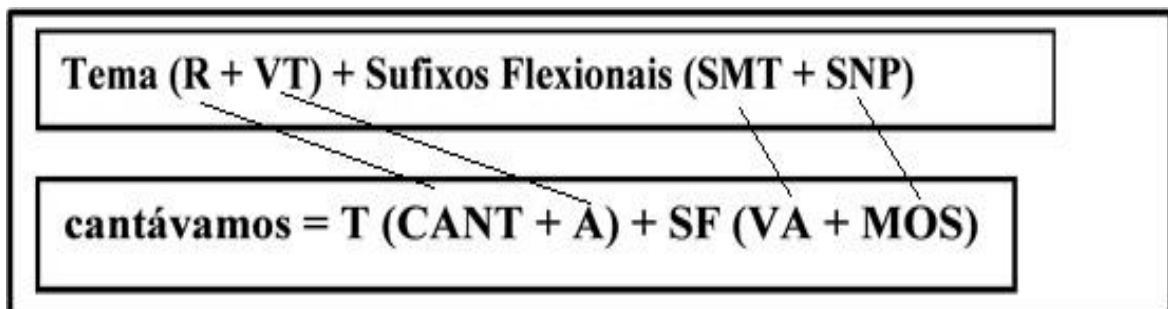
lexical, como, por exemplo, a partir de **cas-** (*casa*), podem ser derivadas as palavras **cas-eiro**, **cas-inha**, **cas-ebre**, **cas-arão**.

Pelo fato de a presente pesquisa ter como foco o emprego de verbos irregulares, as análises ficarão centradas nos morfemas lexicais e nos morfemas flexionais de formas verbais do PB.

3.3 VERBOS REGULARES E IRREGULARES DO PB

O componente morfológico da Língua Portuguesa licencia em sua gramática tanto verbos regulares como irregulares. A fim de caracterizar suas especificidades, preliminarmente salientamos, seguindo-se Câmara Júnior. (1970), que um vocábulo verbal é composto por um tema (T), formado por um radical (R) e uma vogal temática (VT), acrescido dos sufixos flexionais (SF), que podem ser de modo e tempo (SMT) e de número e pessoa (SNP).

No quadro 2, apresentamos a fórmula, considerada padrão da estrutura verbal do PB, a partir do verbo “cantar”, conjugado no pretérito imperfeito do indicativo.



Quadro 2: Estrutura Geral do vocábulo verbal do PB, segundo Câmara Júnior, 1970

Fonte: A autora, baseando-se em Câmara Júnior (1970)

De acordo com o autor, levando-se em conta a alomorfia de cada um dos sufixos flexionais e a possibilidade de um morfema zero (\emptyset)¹³ para um deles ou ambos, tem-se nesta fórmula a regra geral da constituição morfológica do vocábulo verbal do português.

¹³ A realização fonológica das desinências nem sempre está presente nas formas verbais, podendo aparecer como morfema zero (\emptyset). Há exemplo da não realização fonológica da desinência tempo e modo do verbo na forma *comem* (verbo *comer*) em que *com-* é radical, *-e* é vogal temática e o *-m* é desinência de número e pessoa (*com+e+ \emptyset +m*), que está conjugada no tempo presente do indicativo. (WUERGES, 2014).

Castilho (2012) propõe que o reconhecimento do estatuto categorial do verbo leva em conta diferentes planos de que é feita uma língua. Para isso, haverá, portanto, definições gramaticais, semânticas e discursivas dessa classe. Em uma abordagem gramatical, firmando-se nos princípios de Mattoso Câmara, o autor reúne os sufixos modo-temporais e número-pessoais, conforme exposto nos quadros (3) e (4) a seguir.

TEMPOS	ESTRUTURAS MORFOLÓGICAS	EXEMPLOS
INDICATIVO		
1. Presente	Rad + SMT {Ø} + SNP	Falo, falas, fala...; vendo, vendes, vende...; parto, partes, parte...
2. Pretérito Perfeito Simples	Rad + SMT {ra}p6 + SNP	Falei, falaste, falou... falaram, vendo, vendeste, vendeu... venderam; parti, partiste, partiu... partiram
3. Pretérito Imperfeito	Rad + SMT {vac1/ia c2+c3} + SNP	Falava; vendia; partia
4. Pretérito mais-que-perfeito	Rad + SMT {ra} + SNP	Falara, falaras, falara...; vendera, venderas, vendera...; partira, partiras, partira...
5. Futuro do presente	Rad + SMT {re, p1, p4/ rá p2, p3/ rã p5, p6} + SNP	Falarei, falarás, falará...; venderei, venderás, venderá...; partirei, partirás, partirá...
6. Futuro do Pretérito	Rad + SMT {ria} + SNP	Falaria, falarias,alaria...; venderia, venderias, venderia...; partiria, partiriam, partiria...
SUBJUNTIVO		
1. Presente	Rad + SMT {e c1/ a c2+c3} + SNP	Fale, fales...; venda, vendas; parta, partas...
2. Pretérito Imperfeito	Rad + SMT {se} + SNP	Falasse, falasses, falasse...; vendesse, vendesses, vendesse...; partisse, partisses, partisse...
3. Futuro	Rad + SMT {r} + SNP	Falar, falares, falar...; vende, venderes, vender...; partir, partires, partir...

Quadro 3: Morfemas sufixais modo-temporais do PB: formas verbais simples

Fonte: Castilho (2012, p.393-394)

PESSOA	MORFEMA	EXEMPLO
1. Primeira pessoa do singular (P1)	{o} / {y/i}	Eu falo, eu falei; eu vendo, eu vendi; eu parto, eu parti
2. segunda pessoa do singular (P2)	{Ø} / {s} / {ste}	Tu falas; vendes; partes; Você/ o senhor fala; vende; parte
3. Terceira pessoa do singular (P3)	{Ø}	Ele fala; vende; parte
4. Primeira pessoa do plural (P4)	{mos/Ø}	Nós falamos; vendemos; partimos A gente fala; vende; parte
5. Segunda pessoa do plural (P5)	{y/ís} / {stes} / {ditongo nasal grafado – am, -em}	Vós falais; vendeis; partis Vós falastes; vendestes; partistes Vocês/ os senhores falam; vendem; partem
6. Terceira pessoa do plural (P6)	{ditongo nasal grafado –am, -em}	Eles falam; vendem; partem

Quadro 4: Morfemas sufixais número-pessoais do PB: formas verbais simples

Fonte: Castilho (2012, p.394)

No Português, portanto, noções gramaticais distintas podem ser expressas através da flexão verbal. Souza & Silva, Koch (2009) pontuam que, nas formas verbais, de um lado, encontramos noções gramaticais de tempo e modo, que indicam, respectivamente, o momento em que ocorre o processo verbal e a atitude do falante em relação ao que enuncia; do outro lado, temos as noção de pessoa, assinalando, na forma do verbo, a pessoa gramatical do sujeito. Essa última, por sua vez, implica também a indicação do número, singular ou plural, desse sujeito.

Devido a essa complexidade e multiplicidade de flexões, Câmara Júnior (1970) já afirmava ser o verbo o vocábulo flexional do português por excelência. Basílio (2004) confirma essa ideia, pontuando que:

A classe dos verbos é talvez a mais privilegiada no que respeita a uma definição pelo critério morfológico, dada a riqueza e particularidade da flexão verbal. Assim, o verbo às vezes é definido exclusivamente em termos de sua caracterização morfológica (BASÍLIO, 2004, p. 52).

Logo, toda palavra considerada verbo deve apresentar um radical, que atribui ao vocábulo mórfico uma significação no léxico da língua (é o que pode distinguir, por exemplo, os verbos **nadar** e **lavar**) e morfemas flexionais, que atribuem as noções de tempo e modo, número e pessoa.

Diante dessa estrutura, dizem-se *regulares* os verbos que, em sua conjugação, mantêm inalterado o radical e que seguem o padrão geral na adjunção de morfemas flexionais, como ocorre com o verbo *cantar* em toda a sua conjugação; observem-se os exemplos: **cant-o**, **canta-va**, **canta-ra**, **canta-rei**, **canta-sse**.

Em alguns casos, os vocábulos verbais regulares apresentam alternância vocálica¹⁴ em seu radical quanto à altura de vogais em posição tônica¹⁵. Tal variação ocorre em circunstâncias determinadas a fim de marcar as diferenças de tempo-modo e número-pessoa. É o que ocorre em b[e]bo - b[e]ba/b[ɛ]bes - b[ɛ]be. Entretanto, essa alternância manifesta-se em condições previsíveis e é, portanto, considerada como um processo regular (SOUZA E SILVA, KOCH, 2009). A classe regular representa a maioria dos vocábulos verbais do PB, por isso integra a “forma não marcada” da língua, ou seja, a mais natural para os falantes.

Em oposição aos verbos regulares, situam-se os verbos *irregulares*, nos quais, na conjugação, há mudança no radical, como ocorre, por exemplo, com o verbo *dizer* e suas respectivas flexões – *digo*, *dizes*, *diz*, *disse*; ou, ainda, os verbos podem assumir a posição de irregulares por se desviarem do paradigma determinado pela gramática da língua, mostrando-se alterados quanto à estrutura mórfica flexional. Tem-se um exemplo dessa última ocorrência no verbo *saber*, cuja conjugação no Presente do Indicativo apresenta as formas: *sei*, *sabes*, *sabe*. A forma verbal “*sei*” afasta-se do paradigma da primeira pessoa do singular, conjugada no Presente do Indicativo, que se manifesta, em sua prevalência, com a desinência número-pessoal **-o**, como em *canto*, *danço*, *escrevo*, *faço*, *estudo*.

Para Câmara Júnior (1970), o verbo irregular do PB pode ser visto como um caso especial da língua, devendo ser entendido como um desvio do padrão geral morfológico, que não deixa de ser regular, no sentido de que é suscetível de uma padronização. O autor ainda revela que os verbos irregulares expressam subregularidades, considerando paradigmas de formas primitivas e derivadas.

¹⁴ Aqui destacamos que as alternâncias consonantais não podem ser equiparadas às alternâncias vocálicas, lavando em consideração que os processos os quais envolvem consoantes e vogais podem não ter a mesma natureza. Além disso, devido ao fato de o foco desta pesquisa ser as alternâncias consonantais dos radicais irregulares, as alternâncias vocálicas não assumirão papel de destaque em nossas análises.

¹⁵ Essa alternância é determinada por determinadas regras, tais como Harmonia Vocálica e Abaixamento Vocálico (HARRIS, 1974; WETZELS, 1995).

Bechara (2005), sustentado por Mattoso Câmara, descreve o conjunto dos verbos irregulares como aquele que, em certas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence. Para esse autor, a classe verbal irregular divide-se em verbos fracos e fortes. Aos verbos cujo radical de infinitivo não se modifica no pretérito, atribuímos a classificação de fracos (ex.: *perder - perd-i*); enquanto que chamamos de fortes aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito (ex.: *caber – coube; fazer – fiz*).

As irregularidades normalmente acontecem no radical dos verbos, manifestando-se tanto em segmentos vocálicos, como o exemplo da forma verbal “*coube*”, quanto na parte consonantal, como ocorre nos verbos *poder (posso)*, *fazer (faço)* e *trazer (trouxe)* (WUERGES, 2014).

Ao contrário dos verbos regulares, os irregulares constituem a minoria da classe verbal do português e integram a classe “marcada” da língua. No entanto, conforme destaca Wuerges (2014), são eles, os irregulares, que figuram entre os verbos de uso mais frequente da Língua Portuguesa, segundo pesquisa no Dicionário de Frequência do Português Brasileiro Contemporâneo.

3.4 PARTICULARIDADES DOS MODOS INDICATIVO E SUBJUNTIVO

Esta subseção traz informações secundárias às análises da pesquisa, porém faz-se necessária a sua estruturação a fim de situar o leitor a respeito dos modos verbais.

As diferentes línguas modernas diferenciam a categoria dos verbos nos planos paradigmáticos do tempo, do modo e da voz (Câmara Júnior 1956). Em relação ao modo dos verbos do PB, relaciona-se ao julgamento que o falante pode fazer sobre a voz verbal, considerando o real, o irreal, o possível ou o necessário (CASTILHO, 2012).

O Português Brasileiro conta com três diferentes modos: o Indicativo, o Subjuntivo e o Imperativo. Todos eles, segundo Castilho (2012) apresentam uma propriedade discursiva comum, a de representarem atos de fala. Esse autor ainda revela que o modo se gramaticalizou em Português por diferentes meios, sendo:

(i) por meio de sufixos modo-temporais, no caso do indicativo, do subjuntivo e do imperativo; (ii) por meio de morfemas –vocábulo, ou seja, os verbos auxiliares *poder, dever, querer*, entre outros; (iii) por meio de outros operadores de modalização. A representação do tipo (i) aparece no sintagma verbal simples, a representação do tipo (ii), no sintagma verbal composto, e a representação do tipo (iii), em expressões complexas (CASTILHO, 2012, p. 397, 398).

Analisamos nesta subseção as particularidades dos modos Indicativo e Subjuntivo, por serem os focos de investigação desta dissertação. Para tal, destacamos que o modo indicativo manifesta a atitude de certeza relativa do falante perante o processo que enuncia e aparece acumulado com as noções de *presente, pretérito* ou *futuro*.

Para Souza & Silva e Koch (2009), o *indicativo presente* (IdPr) expressa um processo paralelo ao ato de fala, indicando um fato costumeiro e habitual¹⁶. O *pretérito ou passado* (Id Pt), por sua vez, revela um processo anterior ao ato de fala, manifestando-se através do *imperfeito* (Id Pt1), do *pretérito perfeito* (Id Pt2) e do *mais-que-perfeito* (Id Pt3). O *futuro* (Id Ft) exprime um processo posterior, seja ao momento em que se fala, ou a um processo passado e, por isso, divide-se em *futuro do presente* (Id Ft1) e *futuro do pretérito* (Id Ft2).

Através de seus variados tempos, a representação morfológica do Indicativo, manifestada por sufixos, representa cumulativamente além do modo, os tempos verbais, os quais, portanto, são denominados de sufixos modo-temporais (CASTILHO, 2012).

O modo Subjuntivo, analogamente ao Indicativo, tem sua manifestação morfológica por meio de sufixos. O que difere os dois modos, no entanto, é a capacidade de o Subjuntivo expressar atitude de incerteza, possibilidade ou dúvida. De acordo com Souza & Silva e Koch (2009), a oposição Indicativo/Subjuntivo é mais de modalidade que de tempo, sendo que os tempos do Subjuntivo não apresentam noção de época tão definida como os do indicativo o fazem.

Em seu livro “Estrutura da Língua Portuguesa”, Câmara Júnior (1970) descreve que o modo do Subjuntivo ou Conjuntivo conta com os três tempos verbais, sendo o presente (Sb Pr), o pretérito imperfeito (Sb Pr) e o futuro (Sb Ft), entretanto, para esse autor, a divisão tripartida não é fiel à realidade linguística, tendo em vista, que, na verdade, existem duas divisões dicotômicas que se complementam:

¹⁶ No plano discursivo da língua, os tempos verbais podem veicular, além dessas referidas, outras noções.

...De um lado, temos uma oposição entre presente e pretérito, em que o pretérito é a forma marcada. Indica diretamente o passado nas orações independentes precedidas do advérbio *talvez*. [...] De outro lado, temos uma oposição entre pretérito e futuro nas orações subordinadas que estabelecem uma condição prévia do que se vai comunicar (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 101).

Cabe aqui ressaltar que segundo Câmara Júnior (1970) o Subjuntivo, incluindo o Imperativo marca uma posição subjetiva do falante em relação ao processo verbal comunicado. Não percebemos essa ocorrência quanto ao modo Indicativo, porém não afirmamos sua inexistência (CÂMARA JÚNIOR, 1970).

O Subjuntivo muitas vezes pode aparecer acompanhado de advérbios como, por exemplo, *talvez*; de conjunções como *quando*, para marcar o futuro; ou ainda, da partícula *que*, a fim de indicar o pretérito imperfeito.

3.5 O ASPECTO VERBAL

A categoria do *aspecto* verbal é uma noção que o *tempo* e *modo* do verbo trazem em conjunto e, devido a isso, mesmo não sendo um fenômeno investigado neste estudo, faz-se necessário sua contextualização.

De acordo com Castilho (2012), o aspecto verbal é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento que o estado de coisas é codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender. O autor ainda infere, que essa classe pode caracterizar o evento narrado sem envolver seus participantes e sem referência ao evento de fala, portanto, é o aspecto que quantifica o evento narrado, referindo-se à duração da ação verbal.

A diferença, nesse caso, entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo, por exemplo, é marcada pela modalidade aspectual, já que compreende à duração do ato verbal (CASTILHOS, 2012).

Azeredo (2000) também refere-se ao aspecto quanto à duração do processo verbal, independentemente da época em que esse ocorre. Assim, o autor enfatiza que essa duração pode ser representada como momentânea ou contínua, eventual ou habitual, completa ou incompleta. E, ainda complementa exemplificando que:

Em “*O céu é azul*”, *azul* é uma qualidade permanente do céu; já em “*O céu está azul*”, *azul* é uma qualidade adquirida e temporária, resultante de alguma mudança. As duas formas estão no presente, e a oposição **permanente X temporário** é considerada uma distinção aspectual (AZEREDO, 2000, p. 131).

Diante disso, entendemos que é o aspecto verbal quem carrega o fenômeno da duração do verbo, estabelecendo, assim, o caráter de permanência e conclusão da ação vinculada a cada flexão verbal.

3.6 ALTERNÂNCIAS FONOLÓGICAS CONSONANTAIS NOS RADICAIS DE VERBOS IRREGULARES

Nos verbos irregulares, seja por mudança no radical ou por fuga ao paradigma, podem ocorrer alternâncias fonológicas, as quais se caracterizam pela troca de um fonema por outro.

Existem dois tipos de alternâncias no PB: a alternância vocálica, que implica a troca de vogais, por exemplo, [o]vo ~ [ɔ]vos, e a alternância consonantal, entendida como a alteração de um fonema consonantal por outro. São exemplos desse tipo de alternância as mudanças que consoantes finais dos radicais dos verbos sofrem quando conjugados, como em fa[z]er ~ fa[s]o ~ fa[z]es; tra[z]er ~ trou[s]e ~ tra[g]o.

Quanto à alternância vocálica, Kehdi (1990) diferencia-a em três diferentes casos. Segundo o autor, o primeiro tipo a ser considerado é o que ocorre entre as vogais médias do português, respectivamente [e], [ɛ], [o] e [ɔ]. Esta é a alternância que pode manifestar-se nas seguintes condições: oposição singular/plural, como em [o]vo (singular) e [ɔ]vos (plural) – esse é caso de metafonia nominal (MIRANDA, 2000); oposição masculino/feminino, como n[e]sse (masculino) n[ɛ]ssa (feminino); e, oposição nos verbos, contrastando, por exemplo, a primeira pessoa do singular b[e]bo e as outras pessoas, que manifestam abaixamento da vogal no radical no tempo presente do modo indicativo, como notamos na flexão de segunda pessoa do verbo beber: b[ɛ]bes.

O segundo caso de alternância vocálica apontado pelo autor está relacionado à altura das vogais [e], [i], [o], [u], a fim de distinguir os pronomes “aqu[e]le” e “aqu[i]lo”, “t[o]do” e t[u]do. Tal alternância serve também para diferenciar a primeira pessoa nos verbos conjugados no pretérito perfeito do indicativo com vogal tônica no radical, como podemos observar em f[e]z, f[i]z, p[o]s e p[u]s.

O terceiro tipo refere-se à alternância vocálica que ocorre em verbos da terceira conjugação e distingue, desse modo, a primeira pessoa do singular das demais que apresentam

tonicidade no radical. Esse fenômeno pode ser constatado no verbo *ferir* e suas flexões f[i]ro, f[ε][res, f[ε][re, f[ε]rem¹⁷.

A alternância consonantal, por sua vez, constitui-se de uma variação do radical, que contribui, de acordo com Câmara Júnior. (1970), para expressar as noções gramaticais de tempo, modo e pessoa, as quais são primordialmente representadas por sufixos. Para as autoras Souza & Silva e Koch (2009), é esse tipo de irregularidade que permite distinguir “padrões” morfológicos desviantes, já que uma das características dos verbos regulares é justamente a imutabilidade do radical.

Na discussão sobre **as irregularidades no tema de indicativo perfeito**¹⁸, Souza & Silva e Koch (2009) apontam quatro ideias centrais, partindo-se das alternâncias consonantal e vocálica:

- a) Radicais terminados em -r ou -z não apresentam vogal temática em P3 Id Pr. São exemplos dessa ocorrência os verbos querer (quer), fazer (faz), dizer (diz) e produzir (produz);
- b) Os verbos com P1 e P3 de Id Pt2 rízetônicos¹⁹, sem sufixo flexional, podem apresentar uma alternância vocálica na raiz, com vogal alta (-i) ou (-u) na 1ª pessoa e vogal média fechada correspondente (-e) ou (-o) na 3ª pessoa. Nesses casos, P1 e P3 se opõem em Id Pt2 pelo vocalismo radical: *fiz - fez, tive - teve, estive - esteve, pus - pôs, fui - foi, pude - pôde*;
- c) Há verbos com radical de Id Pt2 em oposição a a de If: *coubeste, soubeste, trouxeste, houveste*; nesses casos, o “ou” se estende às formas derivadas. São exemplos, *coubera, coubesse, couber*.
- d) O verbo *vir*, com P1 de Id Pt2 atemático e com vogal final tônica nasal (*vim*) perde a nasal nas formas arízetônicas²⁰, diante da vogal temática e (aberto): *vieste, viemos, viestes, vieram*; e em P3 “veio”, há alternância de -i para e (fechado), seguido de -o, (irregular em face à Desinência Número Pessoa -u assilábica), que sofre ditongação: (*veio*).

¹⁷ Essa alternância é estabelecida por determinadas pela regra de Abaixamento (WETZELS, 1992).

¹⁸ As considerações das autoras Souza & Silva e Koch (2009) serão relatadas nesta dissertação exatamente como elas notaram em seu livro “Linguística Aplicada ao Português: Morfologia”, tendo em vista que nosso objetivo é descrever quais são as alternâncias que ocorrem nos verbos irregulares, de acordo com a literatura.

¹⁹ As formas rízetônicas compreendem as formas verbais em que a tonicidade recai no radical do verbo, como, por exemplo, a conjugação do verbo “cantar” na 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo – canto. (CASTILHO, 2012).

²⁰ As formas arízetônicas são aquelas em que a tonicidade não é atribuída no radical do verbo, como, por exemplo, a conjugação do verbo “cantar” na 1ª pessoa do plural do Presente do Indicativo – cantamos. (CASTILHO, 2012).

Diante das considerações das autoras, ainda cabe destacar suas contribuições a respeito das **irregularidades no tema do indicativo presente**. Indicaremos novamente quatro pressupostos descritos por estas estudiosas, os quais revelam o fenômeno da alternância contido nos verbos irregulares:

- a) Mudança da consoante final do radical em P1. São exemplos os verbos *perder* → *perco*; *pedir* → *peço*; *medir* → *meço*; *ouvir* → *ouço*; *fazer* → *faço*; *trazer* → *trago*; *dizer* → *digo*; *poder* → *posso*. Sendo que, os verbos conjugados nas formas *peço* e *meço* também revelam alternância vocálica. Em decorrência, a mesma irregularidade aparecerá em Sb Pr e nas formas de Ip dele derivadas;
- b) Alargamento da vogal do radical: com ditongação de “e (aberto)” para “ei”, como em *requerer* → *requeiro*; e com a ditongação de “a” para “ai”, como em *caber* → *caibo*. O verbo *querer*, embora não sofra a ditongação em Id Pr, apresenta em P1 a forma (*queira*), assim como o verbo *saber* (*saiba*).
- c) Acréscimo de uma consoante final ao radical, como, por exemplo, os verbos *ver* → *vejo*; *haver* → *haja*.
- d) Radicais monossilábicos atemáticos terminados em vogal tônica nasal em P2 de Id Pr (*tens*, *vens*, *pões*) apresentam uma variação mais complexa, embora única para todos; em P1, a nasal final transforma-se em nasal palatal, como em *tenho*, *venho*, *ponho*. Estes verbos mantêm a nasal palatal em Id Pt1: *tinha*, *vinha*, *punha*, perdendo a nasalidade no infinitivo e em Id Ft1 e Id Ft2 (*ter* → *tereí*, *teria*; *vir* → *vireí*, *viria*; *pôr* → *poreí*, *poria*) e conservando-a no gerúndio (*tendo*, *vendo*, *pondo*).

Verificamos, com base no que foi exposto, que as alternâncias se apresentam como um fenômeno recorrente no sistema verbal irregular do PB. A gramática da língua estabelece esses mecanismos, que são, de acordo com a literatura, responsáveis pela identificação de noções gramaticais dos verbos, como tempo, modo e pessoa. No entanto, o processo de mudança na base de um verbo parece-nos ser de alta complexidade para os falantes da língua portuguesa. Tanto que, não é incomum, falantes com baixa escolaridade produzirem as formas “*tr[u]xe*” e “*c[u]be*”, por exemplo, para as alternâncias “*tr[ou]xe*” e “*c[ou]be*”.

Após a descrição e apresentação de conceitos e pressupostos teóricos a respeito da Morfologia Verbal do Português Brasileiro, passaremos para o capítulo que explicará a teoria que fundamentará as análises do *corpus* desta pesquisa, bem como alguns conceitos teóricos em relação aos fenômenos de origem morfofonológica.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: FENÔMENOS MORFOFONOLÓGICOS E A FONOLOGIA E MORFOLOGIA LEXICAL (FML)

Nesse capítulo mapeamos as bases teóricas em que essa dissertação está fundamentada, de modo que no tópico 4.1 apresentamos o construto teórico de fenômenos morfofonológicos, expondo, para isso, na seção 4.1.1 pressupostos sobre a aquisição da Fonologia e na 4.1.2 conceitos que figuram acerca da aquisição morfológica. Esses pontos serão basilares para o entendimento da seção 4.1.3, a qual conceitua a aquisição de processos morfofonológicos, alvo de pesquisa deste trabalho. Na sequência, discutiremos, no item 4.2, a Teoria escolhida para sustentar as análises deste estudo, a Fonologia e Morfologia Lexical, doravante FML.

4.1 FENÔMENOS DE ORIGEM MORFOFONOLÓGICA

Para chegarmos a fenômenos de natureza morfofonológica, apresentamos algumas considerações relativas ao processo de aquisição da fonologia e primeiros passos pela morfologia da língua presentes na fala da criança.

4.1.1 A aquisição da Fonologia

A aquisição fonológica em seu percurso normal é um processo que implica, segundo Yavas, Hernandorena & Lamprecht (1992) o domínio da fonética e da fonologia: duas capacidades que se distinguem pelo fato de a primeira preocupar-se com a realização dos sons de uma dada língua, enquanto que a segunda explica o emprego destes sons com valor contrastivo, como unidades da gramática da língua.

Assim sendo, para adquirir um sistema linguístico, a criança tem de dominar o inventário fonético e o sistema fonológico que integram e que caracterizam a língua (YAVAS, HERNANDORENA & LAMPRECH, 1992). Sendo o fonema o segmento distintivo de uma língua, cuja propriedade está centrada em distinguir significados, o sistema fonológico, por conseguinte, é um conjunto de fonemas, um grupo relativamente econômico de sons, empregados com valor distintivo nas diferentes línguas do mundo.

O PB conta em seu inventário fonológico com 19 fonemas consonantais e 07 fonemas vocálicos em posição tônica, conforme mostra a figuras (1) e o quadro (5):

PORTUGUÊS

Consoantes

	labial	dent/alv	palatal	velar
plosivas	p, b	t, d		k, g
fricativas	f, v	s, z	ʃ, ʒ	
nasais	m	n	ɲ	
laterais		l	ʎ	
vibrante				
tensa				R
não-tensa		r		

Figura 1: Sistema fonológico consonantal do PB

Fonte: Fernández (2001)

i	u	vogais altas
e	o	vogais médias altas
ɛ	ɔ	vogais médias baixas
a		vogal baixa

Quadro 5: Sistema fonológico vocálico do PB

Fonte: A autora

Como se adquire o inventário fonético e o sistema fonológico é o que as teorias linguísticas têm investigado nas últimas décadas, de modo que cada corrente teórica que surge vem, de certo modo, complementar as outras já existentes. Para Matzenauer (2012) a teoria fonológica oferece suporte para captar, substancial e formalmente, as regularidades das gramáticas fonológicas correspondentes a estágios de desenvolvimento.

A partir desse entendimento, apontaremos alguns posições que discutem o processo de aquisição da linguagem de maneira satisfatória, na perspectiva de teorias fonológicas não-lineares. Nesse sentido, Matzenauer- Hernandorena (1996, 2001) concebe a aquisição fonológica como sendo uma montagem gradual da estrutura interna que caracteriza os segmentos, através da ligação sucessiva dos diferentes *tiers* com traços fonológicos, sem

considerar que a criança possua na subjacência, desde o início, um sistema fonológico semelhante ao do adulto.

Essa concepção centra-se no modelo da Geometria de traços (Teoria Autossegemental) de Clements & Hume (1995), cujo foco está na ideia de captar a naturalidade e a formalização dos processos fonológicos sobretudo através dos traços distintivos, os quais se organizam hierarquicamente em *tiers* ou camadas, formando uma geometria, podendo funcionar isoladamente ou em conjuntos solidários (CLEMENTS & HUME, 1995).

Sob o viés do modelo de Gramática e Processamento de L1 de Boersma (2007, 2011) e Boersma & Hamann (2009), Matzenauer (2012) pressupõe que o processo de aquisição da fonologia de uma língua implica o jogo entre percepção/compreensão e produção da linguagem pela criança, sendo que a percepção precede a produção e dela se mantém adiante no processo de aquisição da linguagem. Com essa base teórica, a aquisição fonológica é vista como a aquisição gradual dos fatos fonéticos e fonológicos da língua pela organização e reorganização de hierarquia de restrições, seguindo, neste sentido, os pressupostos da Teoria da Otimidade.

Estudos (Matezenauer, 2012; Clements & Hume, 1995) mostram que dentro do sistema fonológico consonantal do PB, as consoantes são adquiridas, por crianças brasileiras em fase de aquisição, em um processo gradual, que se relaciona com as classes naturais de segmentos e com o constituinte silábico que essas classes podem ocupar. Por essa razão, Matezenauer (2012) explica que:

A emergência dos segmentos está na dependência de coocorrências de traços que integram sua estrutura interna. Por isso, consoantes plosivas e nasais emergem antes de líquidas, por exemplo. [...] Também se reconhece que a emergência de segmentos tem relação com o constituinte silábico que ocupam: consoantes em posição de *onset* tendem ser empregadas mais precocemente do que em posição de coda de sílaba (MATZENAUER, 2012, P. 68).

As consoantes, em etapa de aquisição, podem ser objeto de processos. Um processo fonológico é, na visão de Stampe (1973), uma operação mental que se aplica à fala para substituir, em lugar de uma classe de sons ou sequência de sons que apresentam uma dificuldade específica comum para a capacidade de fala do indivíduo, por uma classe alternativa, idêntica em todos os outros aspectos, mas sem a propriedade difícil. São exemplos de processos presentes no processo de aquisição da fonologia das línguas: metátese – (vidro ~ virdo), redução de encontro consonantal – (prato ~ pato), apagamento de fricativa final – (festa ~ feta), apagamento de líquida inicial – (rato ~ ato), plosivização – (faca ~ paka), entre outros;

tais processos são fenômenos comuns na fala de crianças em fase de aquisição do Português Brasileiro, como também de outras línguas.

No percurso de diferentes estágios de desenvolvimento fonológico, assume-se com Lazzaroto-Volcão (2009) que até os 05 anos de idade a fonologia da língua, em se considerando o inventário segmental e silábico, já deve ter sido adquirida pela criança.

4.1.2 A aquisição da Morfologia

As considerações apresentadas neste estudo até o momento já descreveram a complexa dimensão que envolve a morfologia dos verbos do PB, assim como a aquisição fonológica de uma língua. Também já foram destacados alguns processos típicos da aquisição da morfologia, sobretudo, em relação ao sistema verbal. Nesse ponto da dissertação, refletimos sobre concepções de Clark (2007), que considera, em seu estudo, os primeiros passos morfológicos na fala da criança.

Para Clark (2007) as crianças geralmente começam a dizer suas primeiras palavras entre 12 e 20 meses de idade e são capazes de produzir modulações morfológicas sistemáticas dessas palavras já em seu primeiro ano como falante de uma língua. Com os substantivos, por exemplo, elas começam a adicionar morfemas para marcar distinções como gênero e número, já com os verbos, as crianças adicionam marcadores para tempo, modo, número e pessoa.

De acordo com a autora, o sujeito pode levar vários anos para adquirir o domínio pleno dos paradigmas morfológicos de um sistema linguístico, devido a pelo menos três razões:

- a) alguns significados distintos parecem ser mais complexos do que outros e, assim, podem levar mais tempo para serem adquiridos;
- b) alguns paradigmas são irregulares e, por isso, também levam mais tempo para serem aprendidos;
- c) o tipo de unidade linguística pode afetar o processo de aquisição morfológica; sufixos, por exemplo, são adquiridos mais rapidamente e mais precocemente do que prefixos.

Estabelecendo uma hierarquia na aquisição da morfologia, Clark (2007) revela que as crianças analisam primeiramente a estrutura de palavras, identificando raízes e afixos. Posteriormente, começam a utilizar esses marcadores morfológicos para formação de novas combinações, tendo em vista que, nesse período, o domínio da morfologia é a palavra, embora a flexão também possa marcar relações gramaticais morfológicas, de modo que o domínio de

uma flexão pode ir além da palavra. A autora enfatiza que as palavras e flexões são adquiridas pelas crianças de acordo com a frequência do *input* linguístico.

Quanto às formas regularizadas, Clark (2007) aposta na ideia de que enquanto as crianças não adquirirem os paradigmas flexionais irregulares da língua, elas podem apresentar formas regularizadas, atribuindo-lhes o padrão da língua, que é o regular, não-marcado.

Nesse contexto, a autora avalia que, se o limite entre a raiz e o afixo é processado por regras morfofonológicas, as crianças certamente apresentarão dificuldades em identificar essa relação e, devido a isso, poderão adquirir a flexão padrão tardiamente. A fim de exemplificar esse processo, Clark (2007) destaca que:

Muitas vezes, as crianças podem identificar as formas irregulares como sendo raízes bases. Por exemplo, elas podem identificar tanto o verbo “*break*”, como “*broke*” como raízes, sem de fato perceber, que ambas palavras pertencem a apenas um verbo. Em vista disso, a tendência é que as crianças acrescentem flexões regulares para as duas palavras. É o que ocorre, quando se produz “*breaked*”, “*broked*”, “*wented*” e “*goed*”, as crianças conjugam os verbos irregulares como se fossem verbos distintos (CLARK, 2007)

O fato de inicialmente as formas verbais produzidas pelas crianças serem marcadas pela 3ª pessoa do singular, no presente e no imperativo ou, ainda, nas formas do infinitivo também é ressaltado pela autora. Esse parâmetro é um universal linguístico e, por isso, presente em várias línguas, incluindo o PB, o Inglês e o Espanhol, conforme já apontado no capítulo 2 deste estudo.

Em resumo, podemos constatar no estudo de Clark (2007) algumas informações a respeito do desenvolvimento da aquisição morfológica. A autora elenca três paradigmas a que a criança está exposta quando se encontra nesse período: crianças adquirem sufixos antes que prefixos; o processo de composição é dominado mais cedo do que o de derivação; quando a criança começa a operar com processos derivacionais, ela explora, primeiramente, o emprego de morfema zero (\emptyset), tomando, desse modo, a palavra como forma de base.

A autora não estabelece uma idade mínima, nem máxima, a fim de marcar o término do processo de aquisição da morfologia de uma língua. Apenas ressalta que é uma etapa que envolve complexidade e, devido a isso, pode-se caracterizar como uma aquisição de natureza tardia, principalmente no que se refere a processos que envolvem a aquisição morfofonológica.

4.1.3 Aquisição de processos morfofonológicos

A aquisição com particularidade morfofonológica²¹ pode ser entendida como aquela cujos fenômenos envolvidos apresentam alterações fonológicas em sua estrutura base, condicionadas pela adjunção de morfemas. Em outras palavras, compreendemos que ocorre a morfofonologia quando há uma mudança fonológica na base de uma palavra, motivada, especificamente, pela morfologia da língua.

Schwindt (2006) descreve que foi a partir dos estudos de Trubetzkoy (1929; 1931), que o desenvolvimento da relação entre a Fonologia e a Morfologia ganhou destaque, sendo abordado, de forma singular, como a aproximação de áreas que envolvem relevante associação na constituição do sistema linguístico.

Na visão de Trubetzkoy, a morfofonologia apresenta três tarefas básicas, as quais são descritas e exemplificadas por Schwindt (2006): (a) a primeira é estudar a estrutura fonológica dos morfemas; (b) a segunda é estudar as mudanças combinatórias nos sons que constituem um morfema, quando este morfema se combina com outros morfemas; (c) a terceira é estudar as alternâncias de sons que têm uma função morfológica.

A partir desses eixos, os processos de natureza morfofonológica foram sendo discutidos dentro de diferentes momentos teóricos, ganhando destaque em Bloomfield (1939), Harris (1951), Chomsky e Halle (1968), Halle (1973), até chegar à Fonologia Lexical proposta por Kiparsky (1982) e Mohanan (1982), a qual prevê a relação entre Fonologia e Morfologia, que será abordada na próxima seção deste capítulo e constituirá o aporte teórico do presente estudo.

Prado (2010), focada no fenômeno de acréscimo dos sufixos -ção e -mento a morfemas-base do PB, revela que estamos diante de uma língua que se constitui de processos de origem morfofonológica, entre eles, a justaposição, a alomorfia da vogal temática, a haplogogia e a supressão da vogal temática²².

²¹ Ao assumirmos que o processo estudado é envolvido pela aquisição morfofonológica, defendemos que esse tipo de aquisição é o que integra os níveis da Morfologia e da Fonologia da Língua. Salientamos, ainda, que constam trabalhos na literatura que empregam o termo morfofonológico em outros fenômenos.

²² A autora esclarece que a *justaposição* ocorre quando adicionamos o sufixo à base sem que ocorram mudanças de ordem fonológica. A *haplogogia* é para Câmara Jr. um processo morfofonêmico que ocorre na composição ou derivação e que consiste na supressão de uma sílaba, exclusivamente entre duas sílabas iguais e contíguas, como, por exemplo, “Candinha, em vez de *Candidinha. Para Plag (1998), uma haplogogia morfológica é uma maneira de evitar materiais fonéticos ou fonológicos idênticos em palavras morfológicas complexas. A *alomorfia de vogal temática* é um processo que envolve, sobretudo, nome derivados de verbos da segunda conjugação. A *supressão da vogal temática* é a queda de uma vogal temática (PRADO, 2010).

O processo morfofonológico analisado neste estudo está relacionado às alternâncias fonológicas consonantais nos radicais de verbos irregulares quando conjugados, como *medir ~ meço ~ medes ~ meça*. Há, nesse caso, uma mudança fonológica condicionada a morfemas verbais adicionados à base, como já descrevemos na Seção 3.6.

Com relação ao processo de aquisição de fenômenos morfofonológicos²³, salientamos que a literatura pesquisada não oferece registros sobre como se dá o seu desenvolvimento, diferentemente do que se observa ao ser considerada especificamente a área da fonologia ou especificamente a área da morfologia. Essa lacuna nos estudos vem colocar-se, também, como justificativa relevante para a realização da presente pesquisa, cujo foco é um fenômeno morfofonológico, expresso pela exigência de alternâncias consonantais na conjugação de verbos irregulares integrantes da gramática do PB.

4.2 FONOLOGIA E MORFOLOGIA LEXICAL

Cada língua possui regras fonológicas e morfológicas particulares. Por ter a gramática internalizada, o falante nativo é capaz de produzir formas linguísticas de acordo com tais regras. Muitos são os estudos e as teorias que se dedicam a olhar para fenômenos fonológicos ou morfológicos, no entanto, poucos são os que têm como foco a relação existente entre esses dois campos linguísticos.

A Fonologia e Morfologia Lexical (FML ou LPM) é uma teoria que permite olhar para a língua atentando à relação existente entre a morfologia e a fonologia, captando, de forma singular, generalizações e padrões de ocorrências morfofonológicas. Schwindt (2006) destaca que essa é uma teoria que propõe novas ferramentas para lidar com problemas clássicos de fonologia e morfologia nas línguas do mundo.

Os sistemas linguísticos apresentam casos de interface entre esses componentes da língua, de modo que, em âmbito apenas fonológico ou apenas morfológico, não seria possível explicá-los. Um exemplo, nesse contexto, é o fenômeno estudado nesta dissertação, o qual coloca em análise a produção dos verbos irregulares, que exibem em suas conjugações alternâncias fonológicas motivadas pela adjunção de unidades da morfologia. Situações na

²³ A literatura da área também é carente em relação à aquisição tardia da linguagem, ou seja, em relação a fenômenos de aquisição tardia. Nesse sentido, foram muitas as buscas, sem sucesso, por parte da pesquisadora. Sendo assim, este trabalho pode contribuir para futuras pesquisas a partir destes dois vieses: aquisição tardia da linguagem e aquisição da morfofonologia da língua.

língua como essa apontam para a necessidade de uma abordagem capaz de lidar com essa interação, a fim de buscar explicação e formalização teóricas para tais eventos.

Na década de 80 a FLM ganhou relevante destaque, tendo seu início com Kiparsky (1982, 1985) e Mohanan (1982, 1986), conquistando rapidamente muitos fonólogos por possuir alto nível de explicação teórica e, especialmente, por ser responsável pelo retorno da morfologia ao cenário dos estudos linguísticos (Schwindt 2006).

A FLM dedica-se a olhar para o léxico não só como detentor de estruturas, mas como um conjunto de regras fonológicas que se comunicam com regras morfológicas. Uma de suas maiores contribuições é o entendimento de que o léxico de uma língua está organizado em uma série de níveis ou estratos, sendo estes, por conseguinte, responsáveis pelo domínio das ocorrências dessas regras.

Dentro de cada um desses estratos aplicam-se, par a par, tanto as regras morfológicas de formação de palavras, quanto processos de ordem fonológica. Os estratos estão dispostos de modo a refletir a ordenação dos processos de formação de palavras²⁴, conforme exposto na figura (2).

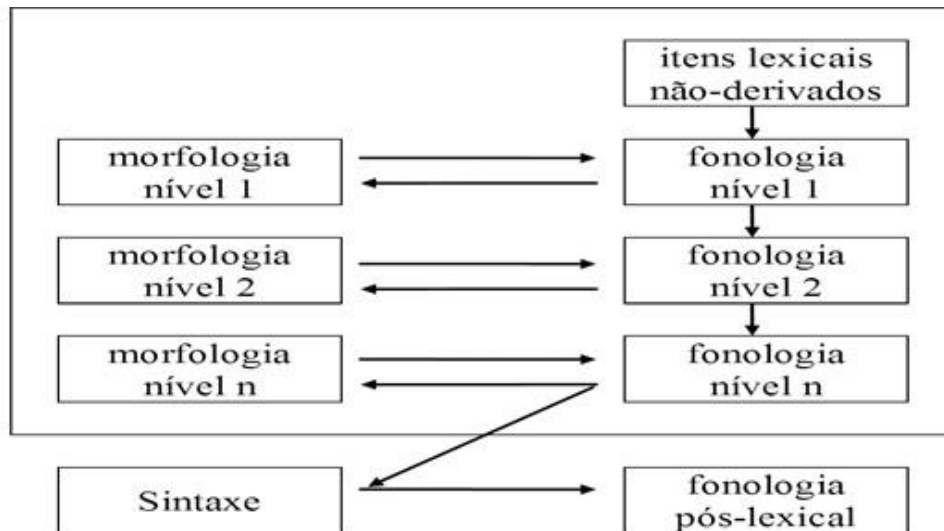


Figura 2: Modelo proposto por Kiparsky (1982): representação da estrutura do léxico

Fonte: Lee (1992)

²⁴ Lee (1995) faz referência à diferença entre palavra morfológica e palavra fonológica. A primeira consiste numa das categorias lexicais, postuladas por Chomsky (1965, 1992), sendo classificada como nome, adjetivo, advérbio, verbo. Esses itens lexicais podem sofrer as afixações ou composições durante os processos lexicais. Os compostos e as palavras (não) derivadas pertencem à categoria lexical principal e formam as saídas do léxico com o significado idiossincrático, de modo que a palavra morfológica coincide com os itens lexicais. A palavra fonológica é a unidade fonológica que, na hierarquia prosódica, funciona como o domínio da aplicação das regras fonológicas. Guarda-chuva, por exemplo, é uma palavra morfológica e duas palavras fonológicas.

O modelo exposto na figura (3) foi proposto por Kiparsky (1985), apresentando pequenas modificações relacionadas à formalização do modelo de 1982, tendo em vista que preserva, em sua essência, o paradigma introdutório da FLM, com a entrada do léxico pelo módulo da fonologia sendo que, a partir daí, começam a ser estabelecidas as relações entre os estratos fonológicos e morfológicos. Por fim, a palavra sai do nível lexical por intermédio da fonologia, indo diretamente para a sintaxe, no nível pós-lexical.

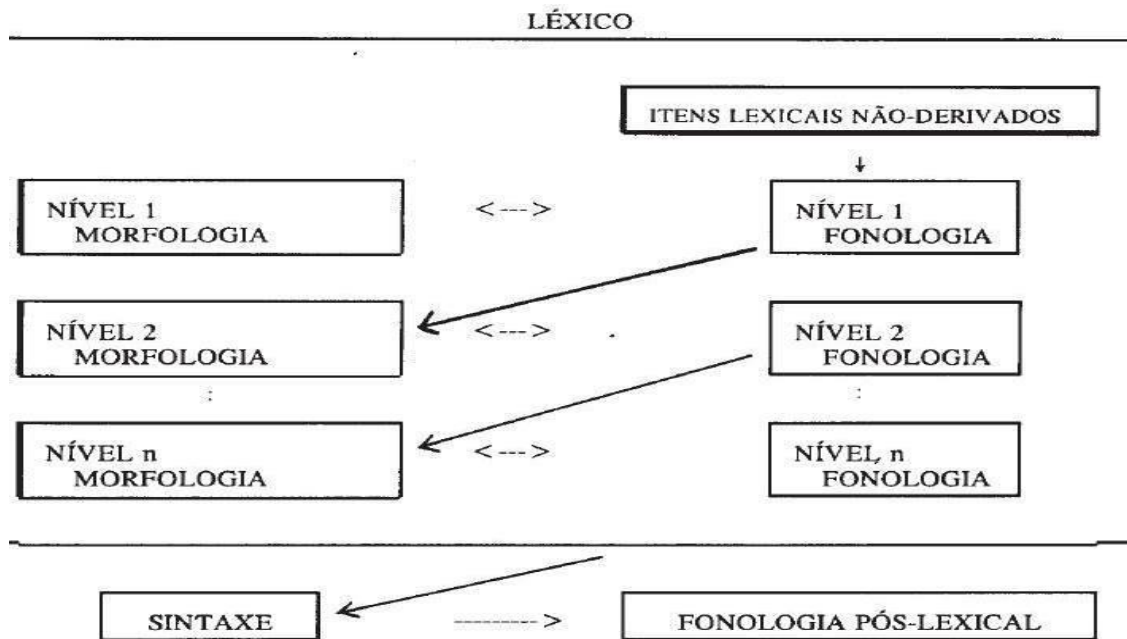


Figura 3: Modelo proposto por Kiparsky (1985) para o léxico do Inglês

Fonte: Schwindt (2006)

Lee (1995) destaca que os componentes da fonologia e da morfologia se misturam, de forma que as regras fonológicas relevantes se aplicam à saída de toda regra morfológica, determinando a entrada para outra regra fonológica, e assim por diante. Em outras palavras, Schwindt (2006) revela que, na parte mais profunda do léxico (subjacência), estão as raízes – os itens não-derivados da língua. Ao ingressar no nível 1, essas raízes estão sujeitas a processos morfológicos e fonológicos, em plena interação. Assim, o *output* de um estrato é sempre o *input* do estrato seguinte.

Segundo Lee (1992, 1995), a interação entre as regras morfológicas e fonológicas deriva as representações lexicais, que são as palavras geradas pelo léxico e que estão sujeitas a dois tipos de regras fonológicas: uma que se aplica no nível lexical e outro no pós-lexical:

Nesse modelo, há dois tipos distintos de regras fonológicas: um tipo que se aplica no léxico, que corresponde às chamadas Regras Lexicais; um outro tipo, cuja aplicação se dá na saída da sintaxe, fora do léxico, e que corresponde às chamadas Regras Pós-lexicais. Depois da aplicação das regras pós-lexicais, é que a representação fonética é realizada (LEE, 1995, p. 6)

Um resumo das características que definem e que opõem as regras lexicais e pós-lexicais é proposto por Pulleyblank (1986), exposto no quadro (6):

LEXICAL	PÓS-LEXICAL
a. pode referir-se à estrutura interna das palavras	a. não pode se referir à estrutura interna das palavras
b. não pode se aplicar fora de palavras	b. pode aplicar-se fora de palavras
c. pode ser cíclica	c. não pode ser cíclica
d. Se cíclica, está sujeita ao ciclo estrito	d. é não-cíclica; portanto, "across-the-board"
e. submete-se à "structure-preserving"	e. não precisa de "structure-preserving"
f. pode ter exceções lexicais	f. não pode ter exceções lexicais
g. deve preceder todas as aplicações das regras pós-lexicais	g. deve ser precedida de todas as aplicações das regras lexicais

Quadro 6: Características das Regras Lexicais e Pós-lexicais (PULLEYBLANK, 1986)

Fonte: Lee (1992)

Conforme Schwindt (2006) a passagem do nível lexical para o pós-lexical é intermediada pela sintaxe, por isso, regras pós-lexicais podem se aplicar em constituintes maiores do que a palavra, diferentemente das lexicais. O autor ainda ressalta que as regras lexicais estão sujeitas a informações morfológicas e têm exceções (já que precisa dar conta de idiosincrasias), enquanto as regras pós-lexicais aplicam-se sempre que houver contexto.

Algumas convenções dentro desta teoria foram propostas para definir onde e como uma regra pode aplicar-se dentro do modelo; são os princípios e as condições que tomam forma a partir dos seguintes mecanismos reguladores do modelo: *Hipótese de Domínio Forte*; *Preservação de Estrutura*; *Condição de Ciclo Estrito*, *Princípio de Contorno Obrigatório (OCP)* e *Bracketing Erasure Convention*. Esses mecanismos são descritos por Lee (1996) e contemplam uma visão da FLM.

Conforme explica Bisol (2010), pela *Hipótese de Domínio Forte* não há regras específicas para níveis nem para componentes, o que quer dizer que uma regra pode ser aplicada no componente lexical e também no pós-lexical (e, nesse caso, os resultados serão diferentes),

desde que atenda ao *Princípio de Preservação de Estrutura* e à *Condição de Ciclo Estrito*. A implicação da *Hipótese de Domínio Forte* é que as regras fonológicas estão disponíveis no início da gramática, formando um só conjunto, sendo que sua aplicação depende apenas dos princípios e das condições que integram os pressupostos da teoria. Devido a esse fato, Lee (1995) aponta que algumas regras se aplicam a um nível, enquanto outras regras da língua se aplicam a vários níveis.

O *Princípio de Preservação de Estrutura* estipula restrições às derivações, uma vez que determina que delas não podem resultar estruturas (segmentos ou combinações) não pertencentes à gramática da língua. Tem o poder de proibir a aplicação de uma regra, se ela vier a produzir formas inexistentes no sistema subjacente da língua. Esse princípio atua no léxico e é desativado no nível pós-lexical. Lee (1996) explica, através desse princípio, que somente os traços distintivos pertinentes para o português podem ser inseridos durante os processos lexicais. Isso prevê, por exemplo, que /f, dʒ/ não são fonemas no PB e, sim, alofones.

Próximo ao princípio de preservação de estrutura, atua o *Princípio de Contorno Obrigatório (OCP)*. Essa condição origina-se na visão autosegmental, em que segmentos idênticos adjacentes são proibidos. Devido a isso, Lee (1995) argumenta que o OCP é ativo na fonologia do PB, sendo, porém, bloqueado pelo princípio de preservação de estrutura durante as operações lexicais.

A *Condição de Ciclo Estrito*, por sua vez, circunscreve a aplicação de regras cíclicas às estruturas derivadas, as quais resultam do emprego de uma regra morfológica ou fonológica. Para Lee (1995), esta condição funciona como um bloqueio à aplicação das regras, ou seja, as regras fonológicas cíclicas aplicam-se somente em cada ciclo próprio: o ambiente derivado. Portanto, o uso de algumas regras pode ser bloqueado pela condição de a palavra em questão não ser derivada. As regras que mudam a estrutura são controladas pelo Ciclo Estrito, porém as regras que preenchem a estrutura não o são, o que torna a ciclicidade uma propriedade inerente das regras fonológicas lexicais, sendo que as regras pós-lexicais são não-cíclicas.

A ciclicidade de regras permite que a entrada de cada processo de formação de palavras seja submetida às regras fonológicas dos seus níveis dentro do próprio léxico (LEE, 1995). Esta condição funciona como um bloqueio na aplicação das regras junto com o *Elsewhere Condition*, o qual propõe a resolução de conflitos entre duas regras disjuntivas em determinado ponto de derivação, isto é, em caso de se observarem duas regras com contexto similar para aplicação, consagra-se uma e exclui-se a outra, sendo que a mais restrita entre elas possui prioridade de aplicação.

Prado (2010) exemplifica o *Elsewhere Condition* com os plurais do Inglês, afirmando que por esse princípio a língua conta com plurais regulares, como *table – tables* e *book – books*. O que não ocorre no caso de *people – *peoples*, pois essa é uma palavra que tem o conceito de plural inerente em seu significado, bloqueando, assim, a formação do plural regular.

Por fim, há o princípio de *Bracketing Erasure Convention*, o qual pressupõe o apagamento de colchetes somente ao final do nível lexical. Assim, Prado (2010) afirma que a morfologia da palavra fica visível em todo o léxico, mas invisível no pós-léxico.

Conforme aponta Bisol (2010), um dos grandes méritos dessa organização do léxico é que nos “ensina, sobretudo, a olhar para os fatos da língua à luz de Princípios Universais”.

4.2.1 Fonologia e Morfologia Lexical aplicada a dados do PB: propostas de Wetzels (1992), Lee (1995) e Bisol (2010)

Leo Wetzels (1992), fundamentado nos pressupostos da Fonologia Lexical, propôs uma análise do Léxico para o Português Brasileiro, conforme esquema em (4). Esse sistema de léxico ensina-nos, sobretudo, a olhar para os fatos da língua à luz de Princípios Universais (BISOL, 2010).

Léxico profundo lista de morfemas, condições de estrutura morf. Formas irregulares	
I Morfologia Derivacional V N; N V etc.	Fonologia Abaix. Datílico
II Flexão Pluralização	Fonologia Regras de Acento

Sintaxe

Fonologia Pós-lexical
Neutralizações de vogais átonas

Figura 4: Wetzels (1992): Léxico para o Português
Fonte: Wetzels (1992)

Com essa proposta, o autor consegue descrever alguns processos do PB, como a metafonia verbal (BISOL, 2010) e a neutralização de vogais átonas (WETZELS, 1992). Ele analisa a relação de ordem entre as regras, propondo um léxico estratificado, em conformidade

com os pressupostos da FL. Wetzels mostra, por exemplo, com o objetivo de explicar a metafonia verbal, que as regras de abaixamento e harmonia estão em níveis diferentes: o abaixamento estaria no nível 1 (nível derivacional), enquanto que a harmonia no nível 2 (nível flexional) (BISOL, 2010).

Para Bisol (2010), Wetzels chama atenção para o fato de que nenhuma estipulação de ordenamento extrínseco é necessária para assegurar os resultados esperados nas formas verbais, pois o abaixamento está no primeiro estágio e a harmonia, assim como o truncamento, estão no segundo. Isso é possível dentro da FL precisamente por esta ser uma teoria que entende estar o léxico organizado hierarquicamente em estratos, nos quais há a interação entre os fenômenos morfológicos e os fonológicos que integram a gramática da língua.

Por meio dessa representação, a proposta de Wetzels, postulando um léxico ordenado, vê o abaixamento, que atinge radicais, como pertencente a um estágio mais subjacente, enquanto a harmonia e o truncamento ficam em um nível subsequente e a regra de neutralização tem aplicação tardia, manifestando-se como uma regra pós-lexical (BISOL, 2010).

Lee (1992, 1995), ao seguir a proposta da FL Prosódica, estipula eixos importantes para o entendimento da Fonologia Lexical do Português Brasileiro. A proposta do autor foi formalizada em dois no léxico do português, como mostramos em (5).

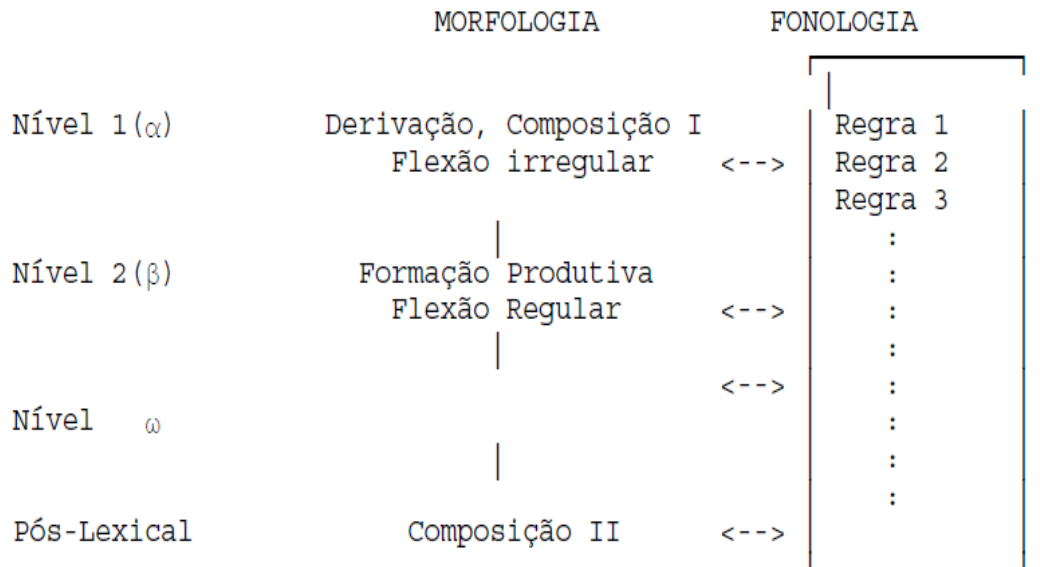


Figura 5: Modelo da FL do PB: proposta de Lee (1995)
 Fonte: Lee (1995)

Lee (1995) assume o pressuposto da teoria no sentido de que, nessa estrutura, cada nível funciona como um domínio prosódico da aplicação das regras fonológicas e morfológicas. Miranda (2000) complementa esse fato, salientando que as regras fonológicas não são aplicadas

diretamente sobre o *output* do componente morfológico, mas, sim, nos domínios prosódicos criados por ela. Tem-se, assim, conforme Inkelas (1989), a introdução dos constituintes prosódicos no léxico, os quais funcionam como domínio da aplicação de regras fonológicas (LEE, 1995).

É pertinente ressaltar que não existe isomorfia entre as estruturas fonológicas e morfológicas. Considerando a falta de isomorfia entre a morfologia e a fonologia, a teoria integra, segundo Inkelas (apud LEE, 1995), a *Hipótese de Referência Indireta (HRI)*, que está relacionada aos problemas do domínio da aplicação das regras fonológicas e das regras morfológicas e considera o fato de que as regras fonológicas não têm acesso direto à estrutura morfológica ou à estrutura sintática. Para a Fonologia Gerativa Padrão (Chomsky & Halle, 1968), os domínios fonológicos são definidos pelas fronteiras fonológicas (+, #) e pelos ciclos fonológicos. Já na Fonologia Lexical Clássica, as operações morfológicas oferecem os domínios fonológicos, substituindo as fronteiras fonológicas pelos colchetes morfológicos e afirmando que o léxico é altamente ordenado (LEE, 1995).

Lee destaca que:

A morfologia é distinta e separada da fonologia, mas as regras fonológicas aplicam-se nos objetos criados pela morfologia, a não ser que haja falta de isomorfia entre as estruturas morfológicas e as estruturas fonológicas. Essa falta da isomorfia pode ser explicada pela HRI, introduzindo a noção de domínio prosódico no léxico. Os domínios prosódicos são formados pela Formação de Constituinte Prosódico (PCF), derivado pela Formação de Constituinte Morfológico (MCF) que mantém as ideias de Hipótese de Nível Ordenado (LOH, Siegel (1974). Em outras palavras, as regras fonológicas aplicam-se nos domínios prosódicos, mas esses domínios prosódicos não implicam o isolamento do componente morfológico - os domínios prosódicos são baseados indiretamente nas informações morfológicas (LEE, 1995, p. 19).

Na figura (5) Lee revela que o léxico do PB apresenta dois níveis ordenados, levando sempre em conta a interface estabelecida entre a fonologia e a morfologia. No nível 1(α) encontram-se todos os processos derivacionais, a flexão irregular e alguns processos de composição aos quais se podem acrescentar os sufixos derivacionais (LEE, 1995). No nível 2 (β) estão dispostos a flexão regular do verbo e do não-verbo (número) e a formação produtiva do PB, como as formações de diminutivo (-inho, -zinho), advérbio (-mente) e grau (-íssimo).

O nível ω é o eixo onde se situa a palavra prosódica, assim, é ele que configura a saída do léxico e a entrada para a sintaxe, sendo que a aplicação da regra, nesse nível, é não-cíclica e não afeta as operações morfológicas (LEE, 1995).

Além disso, a proposta de Lee (1995) difere a derivação e a flexão, determinando, nesse sentido, que de acordo com esse modelo, a derivação pode mudar a categoria lexical de base, porém a flexão não pode. Observam-se os exemplos em (7):

a)	feliz _{Adj} → felicidade _N
b)	nação _N → nacional _N
c)	aluno _N → alunos _N
d)	estuda _V → estudava _V

Quadro 7: Exemplos de Lee (1995, p. 44) - I

Fonte: Lee (1995)

Com base nos exemplos, o autor admite que no processo derivacional do português, os afixos derivacionais, como –idade e -al, mudam a categoria lexical de base, enquanto os afixos flexionais, como o número (c) e tempo/modo (d), não mudam a categoria lexical de base.

Lee (1995) também refere que na Fonologia Lexical do PB, os processos derivacionais sempre precedem os processos flexionais, como podemos observar em (8):

a.	[[[menin] ada] s]
b.	*[[[menin] s] ada]

Quadro 8: Exemplos de Lee (1995, p. 44) - II

Fonte: Lee (1995)

No processo flexional, o PB admite somente uma ordem única em sua estrutura lexical, tanto para os não-verbos, como para os verbos, conforme exposto em (9):

<p>a. Não-verbo: automobil + <u>ista</u> + <u>ico</u> histor + <u>ico</u> + <u>ista</u></p> <p>b. Verbo: amá + <u>va</u> + <u>mos</u></p> <p>*ama + <u>mos</u> + <u>va</u></p>

Quadro 9: Exemplos de Lee (1995) - III

Fonte: Lee (1995)

Na língua, a flexão verbal (tempo/ modo/ número) é obrigatória, sendo que a derivação é opcional. Em outras palavras, o verbo do PB precisa ter os afixos flexionais, porém os afixos derivacionais podem ser alternativos (LEE, 1995).

No nível 2 (β), conforme mostra a figura em (5) ocorrem as flexões verbais regulares da língua, as quais mostram as propriedades semelhantes à formação produtiva, considerando a noção de núcleo da palavra (LEE, 1995). O verbo do português possui, nesse contexto, o núcleo à esquerda, sendo que não há regra de neutralização vocálica nesse nível. Dito isso, o autor postula que a formação produtiva do português ocorre no nível 2 do modelo, junto às flexões verbais regulares.

Em resumo, a tese de Lee (1995) evidenciou, através do modelo da LPM, proposto para o Português Brasileiro quatro pontos basilares: a) há, no léxico, dois níveis ordenados, os quais funcionam como domínio da aplicação das regras fonológicas; b) há falta de isomorfia entre a estrutura fonológica e a morfológica, como pode ocorrer, por exemplo, na composição, na marcação de palavras e na derivação parassintética – pontos que não foram aprofundados nesta pesquisa, por não serem o foco do trabalho; c) as regras fonológicas se aplicam no domínio prosódico, criado pela morfologia, no entanto, a morfologia não tem acesso direto à fonologia, devido à falta de isomorfia; d) as regras lexicais do PB se sujeitam aos princípios da LPM, tais como o Princípio de Preservação de Estrutura e a Condição de Ciclo Restrito.

Além das representações propostas para o português por Wetzels (1992) e Lee (1995), Leda Bisol (2010) afirma que, para a análise do português, se coaduna plenamente a divisão do léxico em dois níveis, o da raiz e o da palavra, identificados respectivamente como nível 1 e nível 2. Essa estrutura, mostrada em (6), é a utilizada na maioria das propostas para LPM, embora seja opção de cada língua a divisão do léxico em diferentes níveis.

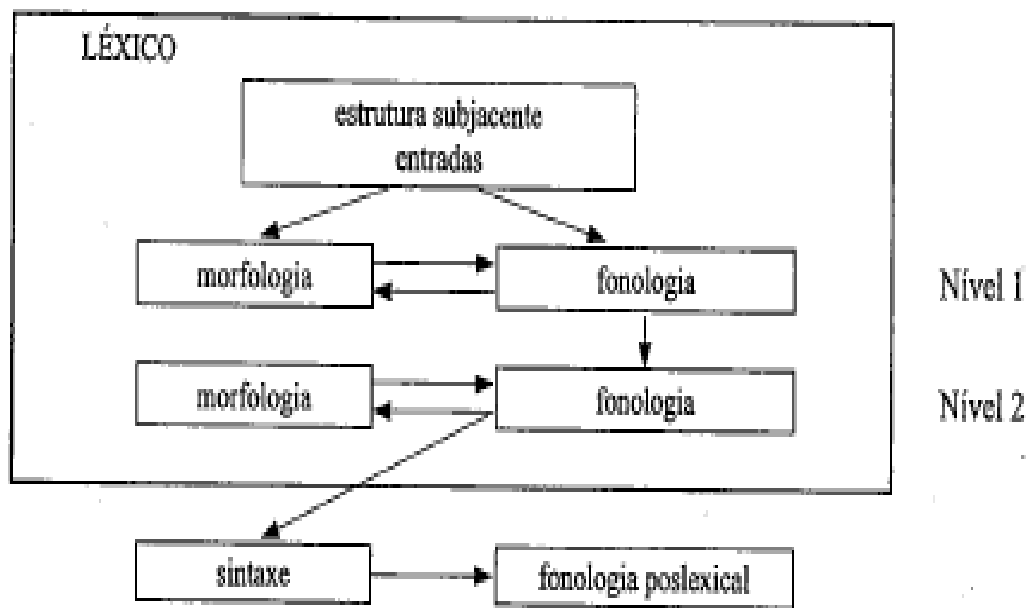


Figura 6: Modelo sugerido por Bisol (2010) para o português
 Fonte: Bisol (2010, p. 92)

A estrutura apresenta o modelo de LPM com duas possibilidades de entrada²⁵, permitindo, dessa forma, a entrada da estrutura subjacente tanto pelo módulo da morfologia, quanto pelo módulo da fonologia.

A saída da palavra do módulo lexical para o módulo pós-lexical é facultada diretamente pela fonologia e segue caminho para a sintaxe, lugar em que sofrerá as regras fonológicas pós-lexicais.

Em síntese, a LPM para Bisol (2010) é “um dos momentos relevantes da fonologia firmada nos princípios da teoria gerativa, dispondo de recursos para diferenciar regras de aplicação restrita de regras de uso geral, regras de mudança estrutural de regras de implementação e, com princípios e condições, dirime a opacidade de muitas regras e alcança generalizações”.

Nossa pesquisa olhará para os dados desta investigação com o embasamento da LPM, considerando essencialmente a proposta para o PB de Lee (1995).

²⁵ Bisol (2010) afirma que embora seu modelo considere a possibilidade de entrada para o léxico tanto pela morfologia, quanto pela fonologia, se a regra de identidade para palavras derivadas for considerada um requisito, a entrada deve dar-se pela morfologia (BISOL, 2010).

5 METODOLOGIA

Este estudo insere-se na área de aquisição da linguagem, precisamente no campo de interface entre a aquisição da fonologia e da morfologia. A pesquisa realizada com um grupo de crianças falantes nativas do PB, entre 06 e 09 anos de idade, centra sua investigação na produção dos verbos irregulares, buscando identificar se ainda existe o processo de regularização de tais verbos nessa faixa etária e, em ocorrendo esse processo, investigar qual é a motivação do fenômeno dentro dos pressupostos da Fonologia Lexical.

A investigação constitui-se de uma pesquisa de caráter transversal, pois, embora os dados tenham sido coletados em dois momentos diferentes, os informantes não foram acompanhados em seu desenvolvimento linguístico por um amplo espaço de tempo.

O capítulo encontra-se organizado de acordo com as etapas metodológicas deste estudo. Desse modo, tem-se na Seção 5.1 a descrição de um estudo piloto realizado preliminarmente à pesquisa; na Seção 5.2 discutimos a seleção dos informantes deste estudo; dando continuidade, no item 5.3 são apresentados os instrumentos utilizados para obtenção dos dados e, por fim, nos itens 5.4 e 5.5, explicamos, respectivamente, as etapas e os procedimentos da coleta de dados e definimos as variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas nesta investigação.

5.1 ESTUDO PILOTO

Preliminarmente às coletas de dados, realizamos um estudo piloto, a fim de testar a hipótese de ainda existir a regularização em crianças maiores que 05 anos de idade.

O foco principal foi analisar o tratamento que crianças falantes nativas do PB, alfabetizadas, com idade entre 07 e 10 anos, atribuem a alternâncias de consoantes na conjugação de verbos no Presente do Indicativo e no Presente do Subjuntivo.

Para o estudo piloto, selecionamos oito verbos irregulares do português cuja conjugação mostra alternâncias consonantais. Escolhemos verbos cuja presença no uso diário da língua e nos textos escolares de séries iniciais pode ser considerada frequente. O quadro (10) mostra a lista de verbos que integraram a pesquisa piloto, bem como as alternâncias fonológicas que apresentam nos tempos testados – presente do indicativo e presente do subjuntivo – na 1ª pessoa do singular.

Verbos irregulares	Alternância fonológica
Dizer	[z], [g], [s]
Trazer	[z], [g], [s]
Fazer	[z], [s]
Satisfazer	[z], [s]
Poder	[d], [s]
Medir	[d], [s]
Ouvir	[v], [s]
Pedir	[d], [s]

Quadro 10: Verbos Irregulares observados no Estudo Piloto

Fonte: A autora

Para a obtenção dos dados deste estudo piloto, foi criado um instrumento, que previa que frases fossem completadas pela produção oral de formas verbais na 1ª pessoa do presente do indicativo e na 1ª pessoa do presente do subjuntivo. Oito crianças participaram do estudo piloto, respondendo ao instrumento proposto.

Na aplicação do instrumento, a pesquisadora mostrava na tela de um *laptop* frases com espaços a serem completados com um dos verbos listados no Quadro (10); os informantes deveriam lê-las e, oralmente, completar as lacunas, produzindo a forma verbal adequada, conjugada no tempo verbal e na pessoa esperados. Temos um exemplo em (11):

- Dizer a verdade é legal!
- Eu _____ a verdade.
- Ontem eu _____ a verdade.

Quadro 11: Exemplo do Instrumento Piloto

Fonte: A autora

No estudo piloto foram controladas duas variáveis extralinguísticas: idade e sexo. As oito crianças foram divididas em três faixas etárias (FE), conforme (12).

<p>FE 1 – duas crianças com 7 anos;</p> <p>FE 2 – duas crianças com 8 anos;</p> <p>FE 3 – duas crianças com 9 anos;</p> <p>FE 4 – duas crianças com 10 anos.</p>
--

Quadro 12: Faixas etárias das crianças no Estudo Piloto

Fonte: A autora

O grupo de duas crianças que representou cada uma das faixas etárias foi constituído de uma menina e um menino.

O instrumento possibilitou a eliciação do emprego de seis produções de cada um dos verbos analisados – *dizer, fazer, trazer, satisfazer, poder, medir, ouvir e pedir* –, o que totalizou 48 produções por cada informante. O *corpus* do estudo contou, portanto, com 384 formas verbais. Além das frases com verbos objeto de análise, o instrumento contava também com frases distratoras que continham verbos regulares, apresentadas de forma intercalada com os verbos irregulares, foco da pesquisa.

Cada informante foi entrevistado individualmente, atendendo às exigências do instrumento com o estímulo constante por parte da pesquisadora.

Os dados aqui compilados evidenciaram que crianças com idade superior a 05 anos de idade, ainda podem apresentar ausência das alternâncias consonantais nas conjugações dos verbos irregulares, nos tempos verbais presente do indicativo e presente do subjuntivo, realizando, portanto, morfemas verbais regularizados para verbos irregulares.

Nesse sentido, confirmamos nossa hipótese inicial de que as crianças mais velhas ainda se encontram em fase de aquisição do sistema verbal do PB e, por isso, produzem formas verbais regularizadas.

Cabe agora investigar, nesta pesquisa, qual é a motivação para esse fenômeno, bem como discutir variáveis como idade, sexo, tempo verbal, entre outras, que podem influenciar nesse processo de aquisição. O presente estudo busca ainda formalizar, através da Fonologia Lexical, os dados obtidos, explicando teoricamente por que crianças maiores que 05 anos ainda apresentam formas conjugadas de maneira não padrão (NP) para os verbos irregulares no uso da Língua Portuguesa Brasileira.

5.2 SELEÇÃO DOS INFORMANTES: CRITÉRIOS E CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

Participaram do estudo que constitui esta Dissertação 16 crianças falantes nativas do PB, com desenvolvimento linguístico considerado normal, sendo todas residentes da cidade de Canguçu/RS, local onde esta pesquisadora também reside, e estudantes de uma mesma escola pública deste município, denominada Irmã Maria Firmina Simon.

Inicialmente, a pesquisadora procurou a escola, apresentou o projeto de pesquisa, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética sob o parecer de número 43748615.6.0000.5339 e contatou os responsáveis pelas crianças, que leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando os sujeitos a colaborarem com o estudo, por meio de diálogos informais e de respostas aos instrumentos da pesquisa.

Escolhemos falantes nativos do português brasileiro e monolíngues, por termos interesse em investigar o processo de aquisição da classe irregular do português como língua materna em crianças brasileiras, sem a possibilidade de interferência na aquisição por uma L2.

Os informantes, todos alfabetizados, foram divididos em quatro faixas-etárias, conforme exposto no quadro (13):

Faixa-etária 1 (FE 1): 06 anos – 4 sujeitos
Faixa-etária 2 (FE 2): 07 anos – 4 sujeitos
Faixa-etária 3 (FE 3): 08 anos – 4 sujeitos
Faixa-etária 4 (FE 4): 09 anos – 4 sujeitos

Quadro 13: Faixas etárias dos sujeitos da pesquisa

Fonte: A autora

A delimitação da faixa etária até 09 anos justifica-se por estar essa idade quatro anos além da idade de 5 anos, faixa etária limite investigada em estudos conhecidos na área de aquisição da morfologia do português brasileiro, referidos no Capítulo 2; tais estudos não buscaram a análise do processo de regularização de verbos irregulares em etapas subsequentes do desenvolvimento linguístico.

Em cada uma das idades selecionadas, as crianças foram subdivididas com relação ao sexo, sendo que optamos por duas meninas e dois meninos em cada faixa etária, a fim de

podermos estabelecer relações quanto ao gênero e suas possíveis particularidades e/ou semelhanças no processo de aquisição da morfologia verbal irregular.

Devido à faixa etária selecionada, as crianças são alunas do Ensino fundamental I – séries iniciais, sendo pertencentes às seguintes séries de ensino: 1º ano, 2º ano, 3º ano e 4º ano. A variável escolaridade, portanto, ficou sobreposta à variável da idade: a cada faixa etária controlada na pesquisa corresponde um diferente nível de escolaridade. Portanto, pela divisão das faixas etárias estabelecida no estudo, a variável escolaridade está necessariamente atrelada à faixa etária dos informantes.

No estudo não foi controlado o nível socioeconômico dos participantes, levando em conta que a escola pública onde a coleta foi efetuada atende, em sua maioria, a alunos de classe média baixa. No momento, não pretendemos comparar grupos de nivelamentos econômicos diferentes em relação à produção de morfemas verbais irregulares e, sim, verificar se a partir dos 06 anos de idade ainda se manifesta a construção regularizada para verbos irregulares. Esse ponto poderá, entretanto, ser discutido em um momento posterior.

Optamos por coletar os dados em uma escola, tendo em vista que é um ambiente de fácil acesso a crianças e familiares, bem como é contexto que possibilita a reunião de do número de sujeitos buscado no estudo, atendendo às variáveis estabelecidas na pesquisa. Além disso, o local é apropriado para as gravações, constituindo-se em um recinto seguro, tanto para os informantes como para a pesquisadora. A escola em que a coleta de dados foi efetuada conta com professores e equipe diretiva particularmente conhecidos da pesquisadora, o que facilitou a aproximação e contato com os sujeitos. Esses aspectos justificam a preferência por essa escola.

A seleção dos candidatos convidados a participar desta investigação, por sua vez, foi realizada de forma aleatória pelo diretor da escola, dentre aqueles alunos que se encaixavam nos pré-requisitos propostos no estudo.

Em resumo, os critérios para a seleção dos informantes e constituição da amostra foram os seguintes:

- ser falante nativo do PB;
- ser monolíngue;
- ser considerada uma criança típica dentro dos parâmetros de normalidade, quanto ao desenvolvimento linguístico;
- ter idade entre 06 e 09 anos;

- ser estudante do Ensino Fundamental I da escola Irmã Maria Firmina Simon, da cidade de Canguçu;
- ser alfabetizado;

A partir dessas características, buscamos constituir uma amostra capaz de compor um *corpus* estruturado, a fim explorarmos o fenômeno estudado, de modo a identificá-lo e explicá-lo com base na Teoria Lexical.

5.3 INSTRUMENTOS

Para a obtenção do corpus deste estudo, foram propostos dois tipos de instrumentos, os quais são descritos a seguir, assim como os procedimentos metodológicos exigidos para a sua elaboração e subsequente aplicação.

5.3.1 Estratégias metodológicas

Para a coleta de dados, criamos dois diferentes tipos de instrumentos. A princípio, delimitamos algumas estratégias metodológicas, que nos possibilitaram a reflexão sobre questões introdutórias à criação dos instrumentos utilizados. Descrevemos, nesta Subseção, tais estratégias, para melhor compreensão da elaboração e aplicação dos testes.

Tendo em vista que o foco do estudo é a análise da produção de verbos irregulares, na 1ª e na 2ª pessoa do singular do Presente e do Pretérito Perfeito do Indicativo e na 1ª e na 2ª pessoa do singular do Presente do Subjuntivo, pensamos em modalidades de instrumento que estimulasse o emprego dessas conjugações, criando situações naturais de fala compatíveis com a proposta dos dois tipos de teste elaborados. Optamos pela aplicação de instrumentos em lugar da gravação de fala espontânea do sujeito por duas razões:

- a) com dados apenas de fala espontânea enfrentaríamos o risco de não atingirmos uma quantidade de dados considerável para análise, por lidarmos com alguns verbos que não são muito frequentes no *input* linguístico das crianças. Além disso, em determinadas situações, o falante prefere usar verbos em tempos compostos e, dessa forma, o sujeito poderia não produzir as formas verbais nos tempos estudados, conforme esperávamos;

- b) a coleta de apenas dados espontâneos poderia exigir acompanhamento longitudinal dos informantes, já que as formas verbais poderiam não ser produzidas em uma única entrevista; precisaríamos oferecer estímulos aos sujeitos que possibilitassem a produção de todos os verbos e formas analisadas, o que, provavelmente, ficaria exaustivo em uma única gravação.

Essa decisão foi tomada após o estudo piloto, relatado na Seção 5.1, em cuja aplicação observamos que um instrumento com a perspectiva de completar frases se mostra uma ótima alternativa, pois possibilita que o sujeito responda de forma natural o que está lacunoso nas frases, dentro do contexto de comunicação ofertado. Por isso, os dois instrumentos propostos na pesquisa seguiram essa abordagem: enquanto um deles visava a que frases fossem completadas, o outro buscava a complementação de histórias.

Considerando-se a idade dos informantes, procuramos criar os instrumentos envolvendo também a ludicidade, a fim de que as entrevistas não se tornassem cansativas para as crianças.

5.3.1.1 A escolha dos Verbos Irregulares

Os verbos irregulares do PB caracterizam-se por ser uma minoria na língua, conforme já foi afirmado na presente Dissertação; são considerados como formas marcadas em relação aos verbos regulares, que representam a maioria da classe verbal e são, assim, vistos como não-marcados.

Para esta pesquisa, fizemos um levantamento, a partir de gramáticas tradicionais (AVELEDO, 2006; CASTILHO, 2012), de todos os verbos irregulares do PB e selecionamos dez verbos para a elaboração dos instrumentos.

Os verbos escolhidos para o presente estudo são todos pertencentes à 2ª e à 3ª conjugações, contando, respectivamente, com as vogais temáticas “-e” e “-i”, pois o PB conta com um baixo número de verbos irregulares pertencentes à 1ª conjugação, ou seja, com a vogal temática “-a”. Tal fato aponta para mais uma disparidade com relação aos verbos regulares e irregulares, já que os regulares, em sua grande maioria, apresentam a vogal temática “-a”, integrando a 1ª conjugação. É também em razão desse fato que a tendência dos falantes, em etapa de aquisição, é buscar o padrão dos verbos regulares, seja na conjugação ou até mesmo na criação de novos verbos.

Considerando esses fatores, os verbos investigados no estudo foram: *dizer*, *fazer*, *satisfazer*, *trazer*, *poder*, *ter*, *perder*, *medir*, *ouvir* e *pedir*. Explicamos a preferência por esses verbos, levando em conta que acreditamos serem os mais familiares às crianças, o que facilita o diálogo e a naturalidade na aplicação dos instrumentos. O verbo *satisfazer* tem grande probabilidade de não ser tão comum no *input* dos sujeitos, porém, por ser um derivado do verbo *fazer*, houve a pressuposição de que seu uso no teste poderia não apresentar complexidade para as crianças.

No quadro (14)²⁶, destacamos os verbos irregulares acima mencionados e as respectivas alternâncias consonantais que apresentam:

Verbos irregulares	Alternância fonológica Consonantal
Dizer	[z], [g], [s]
Fazer	[z], [s]
Satisfazer	[z], [s]
Trazer	[z], [g], [s]
Poder	[d], [s]
Ter	[n], [v]
Perder	[d], [k]
Medir	[s], [s]
Ouvir	[v], [s]
Pedir	[d], [s]

Quadro 14: verbos irregulares analisados na dissertação e suas alternâncias

Fonte: A autora

Salientamos que, dentre os dez verbos selecionados para esta pesquisa, nove têm a irregularidade atestada por alternância do radical durante a sua conjugação, sendo que apenas um – o verbo *ter* – tem a irregularidade atribuída por desviar-se do paradigma em sua conjugação. Destacamos que a irregularidade que a conjugação do verbo *ter* apresenta quanto ao paradigma implica alternância consonantal e vocálica.

²⁶ As alternâncias consonantais relativas ao verbo "ter" são de natureza diferenciada nessa lista de verbos, uma vez que dizem respeito ao paradigma flexional, enquanto as alternâncias registradas para os outros verbos ocorrem no radical da palavra.

5.3.1.2 Processos consonantais na conjugação irregular

A flexão da classe verbal irregular do PB que implica alternância consonantal compreende alguns processos fonológicos, os quais estão listados no Quadro 15. As colunas desse quadro mostram os verbos irregulares aqui estudados, as alternâncias consonantais que ocorrem em sua conjugação e, por fim, os processos fonológicos de que tais alternâncias resultam. Destaca-se ainda que no Quadro 15 são elencados os verbos que afetam as consoantes dos paradigmas dos radicais verbais, com exceção do verbo “ter” que, por apresentar radical monossilábico, sofre irregularidade acentuada.

Salienta-se também que, no Quadro 15, estão reunidos em uma chave os processos que interagem para a ocorrência de um mesmo *output*: por exemplo, para o *output* [g], na alternância [z] ~ [g] (verbo *dizer*, por exemplo), considera-se a ocorrência do processo de dorsalização ou velarização e do processo de plosivização. Diferentemente, para o *output* [s], na alternância [z] ~ [s] (verbo *dizer*, por exemplo), considera-se a ocorrência apenas do processo de dessonorização. Todos os processos podem ser caracterizados pela alteração de traços distintivos.

Verbos irregulares	Alternância Fonológica Consonantal	Processos Fonológicos Consonantais
Dizer	[z], [s], [g],	dessonorização; { dorsalização/ velarização; plosivização.
Fazer	[z], [s]	dessonorização
Satisfazer	[z], [s]	dessonorização
Trazer	[z], [s], [g]	dessonorização; { dorsalização/ velarização; plosivização.
Poder	[d], [s]	{ assibilação/ fricativização.
Perder	[d], [k]	{ velarização dessonorização.
Medir	[d], [s]	{ assibilação/ fricativização;
Ouvir	[v], [s]	{ assibilação; posteriorização; dessonorização.
Pedir	[d], [s]	{ assibilação/ fricativização dessonorização.

Quadro 15: processos consonantais na conjugação irregular

Fonte: A autora

A desonorização é um processo caracterizado pela alteração do valor do traço [\pm sonoro]: um segmento que porta a propriedade [+son] passa a apresentar a propriedade [-son]. Esse processo é aplicado em todas as alternâncias consonantais que caracterizam a conjugação dos verbos irregulares listados no Quadro 15: [z] \rightarrow [s] (verbos *dizer*, *fazer*, *satisfazer*, *trazer*); [d] \rightarrow [s] (verbos *poder*, *medir*, *pedir*); [d] \rightarrow [k] (verbos *perder*); [v] \rightarrow [s] (verbo *ouvir*).

A dorsalização ou velarização é um fenômeno conhecido por alternar um segmento que contém o traço de ponto [coronal] por outro segmento, que contém o traço de ponto [dprsal]. Esse processo é aplicado em duas das alternâncias consonantais que caracterizam a conjugação dos verbos irregulares listados no Quadro 15: [z] \rightarrow [g] (verbos *dizer*, *trazer*); [d] \rightarrow [k] (verbo *perder*).

A plosivização ocorre quando há substituição de um segmento fricativo por um segmento plosivo. Esse processo é aplicado em uma alternância consonantal que está presente em dois verbos registrados no Quadro 15: [z] \rightarrow [g] (verbos *dizer*, *trazer*). Veja-se que esse processo, nos dois verbos citados, coocorre com o processo de dorsalização.

A assibilação é um processo que transforma um segmento não sibilante em segmento sibilante. Os segmentos sibilantes integrantes da fonologia do português são quatro: /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/. Esse processo é aplicado em duas alternâncias consonantais que estão presentes em quatro verbos registrados no Quadro 15: [d] \rightarrow [s] (verbos *poder*, *medir*, *pedir*); [v] \rightarrow [s] (verbo *ouvir*). A alternância consonantal presente no verbo *ouvir* implica também o processo de posteriorização, já que a consoante [v], cujo ponto é [labial] passa a manifestar-se como [s], cujo ponto é [coronal]. A posteriorização, portanto, é a substituição de uma consoante cujo ponto é mais anteriorizado por outro com ponto de articulação que lhe é mais posteriorizado.

5.3.1.3 Verbos Regulares distratores

Com o intuito de os sujeitos se distanciarem de respostas memorizadas ou repetitivas durante a aplicação dos instrumentos do estudo, contamos com o suporte dos verbos regulares, os quais serviram como distratores da conjugação irregular, foco deste trabalho. Dessa forma, utilizamos o mesmo tipo de frase tanto para verbos regulares, como para irregulares, apresentando-as no instrumento de forma intercalada.

Os verbos regulares escolhidos para assumirem a função de vocábulos distratores formam um conjunto de oito, sendo eles: *abastecer, agradecer, aquecer, beber, aplaudir, assistir, assumir e admitir*. Esses verbos também estão incluídos na 2ª e na 3ª conjugações, para não fugir da metodologia adotada para os verbos irregulares. Além disso, são verbos que facilmente podem ser encontrados na fala de crianças das faixas etárias aqui analisadas.

Julgamos importante acrescentarmos esses tipos de verbos para evitar que os informantes corressem o risco de escolherem estratégias de respostas ao se depararem com a sequência verbal irregular apresentada nos instrumentos.

5.3.2 Descrição e caracterização dos instrumentos

Para este estudo fez-se necessária a criação de dois instrumentos, os quais foram aplicados em dias e momentos diferentes aos mesmos informantes, devido, principalmente, ao fato de buscarmos dados confiáveis para a análise; tínhamos a pressuposição de que uma entrevista com duração muito longa pudesse cansar as crianças e desviar sua atenção do objeto de estudo. Por essa razão, o instrumento II foi aplicado um mês depois que o instrumento I.

Reiteramos, mais uma vez, que tanto o instrumento I como o II foram criados e elaborados pela pesquisadora, tendo em vista que não constam testes dessa natureza na literatura da área de aquisição da linguagem. Ademais, mesmo que contássemos com algum instrumento já utilizado em outras pesquisas, teríamos que fazer uma série de adaptações, levando em consideração que os tempos e modos por nós observados são inéditos em se tratando de estudos nessa área.

A seguir, descrevemos e caracterizamos os instrumentos utilizados no estudo.

5.3.2.1 Instrumento I

O primeiro instrumento focalizou a produção de morfemas verbais irregulares dos tempos Presente e Pretérito Perfeito do Indicativo e Presente do Subjuntivo. O instrumento foi constituído de frases com lacunas a serem completadas pelos informantes com o verbo destacado pela cor vermelha, conforme mostra a figura (7).

Todas as frases levavam à produção do tempo verbal esperado. Porém, para que a criança não esquecesse do verbo que constava em cada estímulo, a pesquisadora fez uma ficha de papel para que o aluno pudesse olhar durante o preenchimento das lacunas. A ficha, exposta na figura (7), além de trazer a forma infinitiva do verbo, dispõe de um desenho representativo, buscando, dessa forma, uma ludicidade para o momento.



Figura 7: Exemplo de ficha

Fonte: A autora

O teste foi realizado em *slides*, através da tela de um *laptop*, conforme modelo mostrado abaixo, em (8):

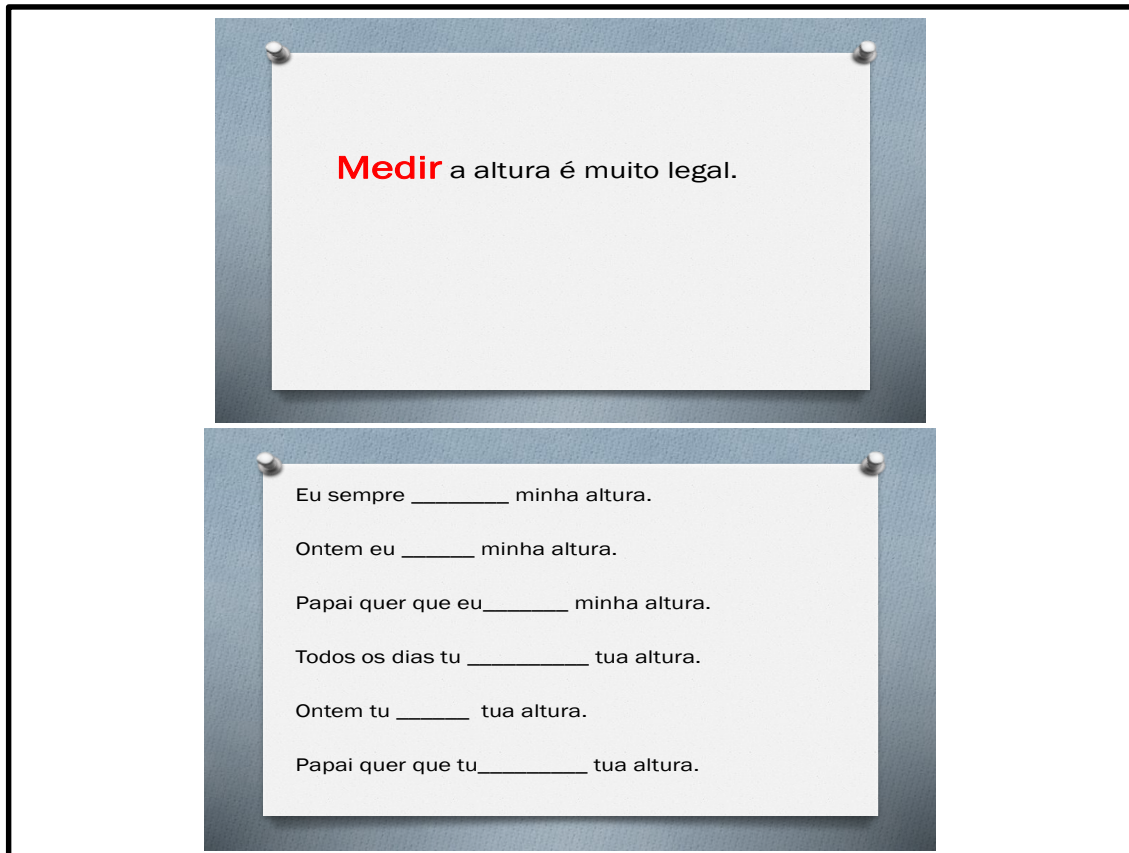


Figura 8: Modelo do instrumento I

Fonte: A autora

Inicialmente a pesquisadora apresentava o primeiro *slide*, contendo a frase com o verbo a ser utilizado pelo sujeito e convidava a criança a ler a frase e, após, passando para o *slide* seguinte, convidava a criança a ler e a completar as lacunas das frases. Ao longo da aplicação, a pesquisadora procurou interagir constantemente com os informantes. Preliminarmente, foi aplicado um teste de familiarização com a tarefa, muito semelhante a do instrumento, mas com frases contendo verbos regulares.

Esse instrumento também contou com *slides* distratores, ou seja, com frases distratoras, compostas por verbos regulares. Além disso, destacamos que a disposição das frases no teste foi feita de forma aleatória, para evitar a sequência das conjugações de verbos de acordo com as pessoas gramaticais, como: *eu faço, tu fazes; que eu faça, que tu faças*. Quando, no ordenamento das frases, apareceu a sequência *eu – tu*, o tempo verbal era alternado.

O Instrumento I contou com 10 slides com a exposição de verbos irregulares, sendo que, em cada um deles, foram apresentadas 06 diferentes sentenças com lacunas a serem preenchidas, o que totalizou 60 espaços a serem completados com o uso oral de verbos

irregulares por cada informante. Já os verbos regulares, cuja presença no instrumento se deu apenas com caráter distrativo, totalizaram em 48 produções verbais regulares, distribuídos em 08 *slides*.

5.3.2.2 Instrumento II

O segundo instrumento, assim como o primeiro, motivou a produção de morfemas verbais irregulares dos tempos Presente e Pretérito Perfeito do Indicativo e Presente do Subjuntivo, porém com a especificidade de fazê-lo por meio da leitura de histórias.

O instrumento e todas as histórias foram criados pela pesquisadora, sendo que os desenhos ilustrativos foram retirados de sites da *web*. Observam-se aqui os verbos de caráter irregular testados nesse instrumento: *dizer, fazer, trazer, poder, perder, medir, ouvir e pedir*. Nesta tarefa, diferentemente do Instrumento I, não foi eliciada a produção dos verbos *satisfazer* e *ter*, pela dificuldade de contextualizá-los em uma história para crianças.

A aplicação desse momento foi realizada um mês mais tarde do que a primeira coleta de dados. O Instrumento II possibilitou o uso verbal de forma contextualizada, de acordo com o enredo das histórias, as quais foram expostas aos informantes em papel ofício. Os alunos também tiveram a oportunidade de colorirem os desenhos, em um momento posterior à leitura, enquanto a pesquisadora relembra as histórias por meio de perguntas, as quais instigavam, novamente, o uso do verbo em questão.

A seguir, na figura mostrada em (9) esboçamos um exemplo de uma das histórias que compõem este instrumento:

Medir



Nesta foto eu estou medindo minha altura.

Ontem eu fui ao médico e _____ minha altura.

Ele me disse que atualmente eu _____ um metro e cinquenta centímetros e espera que, na próxima consulta, eu _____ mais ou menos um metro e cinquenta e cinco centímetros.

- Sabias, mãe, que crescemos enquanto dormimos? Quanto tu _____, mamãe? Ontem tu _____ mais do que eu? Espero que tu não _____ mais do que um metro e setenta, pois será difícil te alcançar.

Figura 9: Modelo do instrumento II

Fonte: A autora

O exemplo da história na Figura 9 exhibe o verbo “medir”; de forma semelhante, foi motivada a produção dos outros verbos irregulares que constam do presente estudo. Com esse instrumento, obtivemos 96 produções de cada verbo analisado, totalizando, assim, 768 conjugações para os oito verbos testados.

5.4 A COLETA DE DADOS

A fim de reunirmos dados confiáveis para a análise de pesquisa, a coleta de dados contou com dois momentos distintos, aplicados em duas etapas com um intervalo de um mês, conforme os dados expostos no quando em (16):

Coleta	Tipo de instrumento	Mês/ano	Duração total da coleta	Tempo estimado de entrevista por informante	Total de informantes
Coleta I	Instrumento I	Junho/15	5 dias	35 minutos	16 informantes
Coleta II	Instrumento II	Julho/15	6 dias	45 minutos	16 informantes

Quadro 16: momentos da coleta de dados

Fonte: A autora

Cabe destacar que anteriormente ao início das coletas de dados, a pesquisadora acompanhou os informantes por 15 minutos durante uma semana, a fim de buscar aproximação com os mesmos.

A coleta I, realizada no mês de junho de 2015, deu-se através da aplicação do instrumento I, já descrito anteriormente, em que os informantes foram estimulados a completar frases que eliciavam a produção de verbos irregulares nos tempos já mencionados. A pesquisadora aplicou as tarefas do instrumento com um sujeito por vez, em uma sala bastante silenciosa disponibilizada pela direção da escola. Os dados foram gravados e, subsequentemente, foram transcritos fonética e ortograficamente.

Os alunos foram entrevistados conforme as faixas-etárias selecionadas. Desse modo, aplicamos o instrumento primeiramente com as crianças de 06 anos e, em sequência, com as de 07, 08 e, por fim, com as de 09 anos. A duração da aplicação do teste com cada informante foi de aproximadamente 35 minutos, sendo que alguns sujeitos com idade menor demoraram em torno de 45 minutos. A aplicação do Instrumento I ocupou o período de cinco dias de gravações com as dezesseis crianças escolhidas.

Durante a aplicação do teste, cada criança foi convidada a sentar-se a uma mesa juntamente a com a pesquisadora, que interagiu com o informante, contando-lhe um pouco de si e também lhe apresentando perguntas pessoais ao indivíduo, a fim de promover maior aproximação. Em seguida, foram detalhadamente explicados à criança os procedimentos para

a coleta de dados e a pesquisadora aplicou um instrumento-teste para familiarizá-la com as tarefas propostas. Somente após a certeza de que a tarefa havia sido entendida pela criança foi, então, aplicado o Instrumento I, cujo foco está no preenchimento de lacunas em frases. A cada novo fluxo de frases, a criança recebeu uma ficha, já exposta na figura (7), com o verbo analisado naquele momento, com o objetivo de o informante não se esquecer da palavra com que deveria completar as frases.

Ao término de cada gravação, a pesquisadora agradeceu o sujeito e chamou o próximo, atentando aos termos de consentimento assinado por seus responsáveis.

A coleta II, por sua vez, foi realizada com os mesmos informantes participantes da coleta I e procedida no mesmo ambiente, com a mesma ordem dos sujeitos, respeitando a ordem das faixas-etárias. Esse momento datou um mês após a primeira gravação, e por isso, ocorreu no mês de julho do ano de 2015. A coleta estendeu-se por 06 dias, com estimativa de 45 a 50 minutos por entrevista com cada sujeito.

Nessa etapa da pesquisa, aplicamos o instrumento II²⁷, também já descrito nesta pesquisa, com o intuito de provocar as crianças a preencherem lacunas com verbos irregulares e distratores, semelhantemente ao instrumento I. Entretanto, nessa coleta o teste utilizado tinha como foco a leitura e preenchimento de histórias contextualizadas e ilustradas por imagens. A criança deveria identificar o verbo dentro do contexto da narrativa e, então, produzi-lo para completar a ideia que estava sendo criada.

O processo de aplicação do Instrumento II ocorreu da mesma forma descrita para a coleta I. Aplicamos o instrumento com um sujeito por vez, sendo realizado primeiramente um teste para familiarização, em uma sala silenciosa da escola, onde também efetuamos a gravação dos dados.

A ordem de apresentação das histórias foi a mesma para todos os informantes. Entretanto, ao término da leitura de cada uma delas, houve estímulo para uma conversa espontânea entre a pesquisadora e o informante. Nesse momento, em algumas situações a criança também produziu morfemas verbais regularizados para determinados verbos irregulares testados no estudo. Essas formas, no entanto, não foram utilizadas para compor os dados apresentados no Capítulo 6.

Em síntese, apresentamos os procedimentos metodológicos referentes às etapas desta fase da pesquisa:

²⁷ É relevante relatar que as professoras titulares das turmas analisaram o material produzido para composição do instrumento II e solicitaram cópias para trabalharem em sala de aula com alunos de 5º e 6º anos, por ter se mostrado um material lúdico e completo para explorar além dos verbos irregulares, tempos verbais diversificados.

- a) elaboração do projeto;
- b) aprovação pelo Comitê de Ética;
- c) estudo piloto;
- d) criação dos instrumentos I e II;
- e) contato com a escola;
- f) escolha dos informantes;
- g) conversa com os responsáveis e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- h) familiarização dos sujeitos com instrumentos;
- i) coleta de dados I;
- j) coleta de dados II.

5.5 A ESCOLHA DAS VARIÁVEIS

No intuito de realizar um trabalho capaz de, adequadamente, responder à questões por nós levantadas ao longo da pesquisa, fez-se necessário a escolha e definição de variáveis linguísticas e extralinguísticas. Estas, por sua vez, são compreendidas sob o enfoque da Teoria da Variação (LABOV, 1972), a qual percebe, segundo Silva (2009) uma variável, como sendo um grupo de fatores linguísticos e sociais que podem atuar como condicionadores de uma regra variável²⁸.

Assim sendo, apontamos a seguir as variáveis tomadas como alicerces para a construção desta dissertação.

5.5.1 Variável Dependente

Considerando-se variável dependente aquela cuja finalidade centra-se em definir o caminho a ser trilhado no estudo, através de uma hipótese norteadora, Silva (2009) revela, nesse contexto, ser esta uma variável composta por formas que estão em competição dentro de um mesmo contexto linguístico.

²⁸ Destacamos que, ao citarmos a Teoria da Variação, não estamos, nesse momento, assumindo seus pressupostos teóricos, mas, sim, trazendo a esta pesquisa a abordagem metodológica das variáveis escolhidas no estilo de tal teoria.

À vista disso, tomamos como a variável dependente do estudo, as formas verbais irregulares no uso da língua por crianças falantes nativas do Português Brasileiro. O foco do estudo é observar se crianças ainda em fase de aquisição da língua, porém com uma faixa etária maior que 05 anos de idades, constroem, em suas falas, formas regularizadas para os verbos irregulares.

A hipótese inicial é de que, embora essas formas não sejam em grande número na fala das crianças, ainda são por elas produzidas, especialmente porque os verbos apresentam alternâncias consonantais e são, por isso, um fenômeno alicerçado pela relação morfofonêmica da língua. Também, associamos a ocorrência de regularizações com os verbos menos frequentes no vocabulário do sujeito. Diante disso, o propósito da pesquisa visa também compreender, com base em uma teoria linguística, o motivo do aparecimento desse evento em uma etapa subsequente à etapa de aquisição inicial da linguagem.

5.5.2 Variáveis Independentes

As variáveis independentes testadas no estudo são fatores que podem influenciar direta ou indiretamente os dados da pesquisa. Por isso, elencamos dois grupos: as variáveis linguísticas e as não linguísticas, as quais foram previamente estudadas para a elaboração dos instrumentos de coletas de dados e, são descritas a seguir.

5.5.2.1 Variáveis Linguísticas

5.5.2.1.1 Tempo e Modo Verbal

Esta variável tem por objetivo verificar se há diferença na produção de verbos irregulares com relação aos tempos e modos: Presente do Indicativo, Pretérito Perfeito do Indicativo e Presente do Subjuntivo.

Para isso, é explorada, através dos instrumentos, a produção desses três diferentes tempos e dois modos verbais. Não constam estudos na área com esse foco, no entanto, julgamos ser uma variável importante por lidarmos com distintas alternâncias consonantais na conjugação dos verbos irregulares nos tempos e modos mencionados.

Tendo em vista que partimos do pressuposto de que a aquisição dos verbos irregulares pode se configurar em uma etapa de aquisição tardia da linguagem, devido, especialmente, às alternâncias fonológicas que influenciam a base morfológica dos verbos destacados, presumimos que controlar, neste estudo, o tempo verbal é uma variável relevante não apenas porque cada tempo apresenta morfologia que lhe é característica, mas também porque esses tempos verbais mostram frequência diferente no uso da língua: dos três tempos aqui analisados, o presente do subjuntivo é o que tem uso menos frequente.

Dois tipos de hipóteses são possíveis, nesse caso: quando a criança produzir a forma não padrão (regularizada), ou será para todos os tempos verbais que exigem em sua conjugação alternâncias fonológicas consonantais, por estarmos lidando com a relação morfofonológica envolvida no fenômeno, ou será predominantemente nas formas do o presente do subjuntivo por ser o tempo de uso menos frequente na língua.

5.5.2.1.2 Pessoa verbal

A importância dessa variável encontra-se no ato de considerar o desempenho linguístico dos sujeitos em relação à produção de morfemas verbais irregulares nas primeiras e segundas pessoas (eu, tu) do singular.

As alternâncias fonológicas dessas pessoas também são diferentes, por exemplo, o verbo medir apresenta em primeira pessoa do singular a conjugação do Presente do Indicativo me[s]o, enquanto que na segunda pessoa do singular desse mesmo tempo, a forma é me[d]es, a qual mantém o fonema /d/ do radical base do verbo.

Dessa forma, buscamos controlar através dessa variável qual é o comportamento produzido dos falantes em relação à regularização, em se tratando de diferentes pessoas verbais.

Refletimos, sob esse enfoque, sobre as mudanças consonantais nas bases verbais, tendo como referência o radical do verbo. Investigar se há regularização nas duas pessoas, nos casos que exigem as alternâncias, pode nos revelar informações relevantes para as conclusões da pesquisa.

5.5.2.1.3 Frequência Verbal

O controle dessa variável tem por finalidade verificar qual é a relação que a frequência da língua (WERGUES, 2014; ANDERSEN, 2006) pode ter sobre o fenômeno pesquisado.

A hipótese é que quanto menor for a frequência do uso do verbo, mais dificuldade para sua produção a criança vai apresentar. O verbo *fazer*, por exemplo, apresenta-se como um dos verbos mais frequentes no *input* linguístico dos falantes de PB (Andersen, 2008) e, devido a isso, pressupomos que é um verbo que dificilmente sofrerá algum tipo de regularização pelos sujeitos observados no estudo.

5.5.2.2 Variáveis Não Linguísticas

5.5.2.2.1 Faixa Etária e Escolaridade

A variante faixa etária vem possibilitar o controle da correlação de cada um dos grupos de idades selecionadas com o fenômeno estudado. Nesse ponto, a idade mostra-se um fator primordial para as análises das hipóteses de pesquisa.

Estudos na área de aquisição verbal como o de Lorandi, 2006 apontam que após os 05 anos de idade, as crianças já não utilizam mais em sua produção verbal a regularização de verbos irregulares.

Nesse contexto, a presente pesquisa vem defender que ainda podemos nos deparar com esse tipo de processo até os 09 anos de idade, e por isso, argumentamos que a aquisição verbal irregular pode ser compreendida como parte da aquisição tardia da linguagem. Para isso, monitorar a correlação de produção e cada faixa etária torna-se fundamental.

Com a divisão de quatro faixas etárias, buscamos verificar que tipo de regularização ocorre aos 06, aos 07, aos 08 e aos 09 anos de idade, procurando entender o processo à luz da Teoria Lexical, como um fenômeno motivado pela relação que se estabelece entre Fonologia e Morfologia.

Os quatro grupos divididos pela idade são acompanhados e controlados em seus resultados. A princípio, em relação à faixa etária, consideramos que, conforme a idade da criança avançar, menores serão os efeitos que a regularização de verbos irregulares irão

produzir. Ainda assim, o fenômeno poderá ser notado nas crianças maiores, devido à associação de outras variáveis investigadas no estudo e presentes na conjugação verbal irregular.

Reiteramos o fato, já referido na Seção 5.2, que a variável faixa etária, de acordo com a distribuição feita na presente pesquisa, se sobrepõe à variável escolaridade, já que a cada faixa etária corresponde um nível de adiantamento das crianças no Ensino Fundamental: 1ªFE: 6 anos → 1º ano do Ensino Fundamental; 2ªFE: 7 anos → 2º ano do Ensino Fundamental; 3ªFE: 8 anos → 3º ano do Ensino Fundamental; 4ªFE: 9 anos → 4º ano do Ensino Fundamental.

5.5.2.2.2 Sexo

O objetivo dessa variável é investigar se existem disparidades entre meninas e meninos a respeito da realização de morfemas verbais regularizados para os verbos considerados no PB como irregulares²⁹.

Estudos, em especial de cunho sociolinguísticos (Labov, 2008), apontam que a linguagem pode se apresentar de forma variável quanto ao sexo, levando em consideração que, por exemplo, mulheres podem ser mais sensíveis aos padrões de prestígio da língua do que os homens. O desempenho do sexo masculino, ainda, pode ser considerado diferente do feminino não somente quanto à linguagem oral, mas também na escrita, no raciocínio lógico, no comportamento social, enfim. Sabemos que essas diferenças podem ser expressivas para muitos campos em desenvolvimento do sujeito.

Porém, nossa hipótese prevê que, embora um grupo referente ao sexo possa sobressair-se, reproduzindo mais formas regularizadas do que o outro, não encontraremos diferenças discrepantes nos dados. Esse entendimento decorre da idade dos informantes, que são ainda crianças, com a idade máxima de 09 anos. A expectativa é de que a presença de formas verbais regularizadas pode apresentar maior correlação com outras variáveis, especialmente com a escolaridade e com faixa etária dos sujeitos, as quais, no presente estudo, se encontram integradas.

²⁹ A variável “sexo” neste trabalho foi escolhida especialmente com a finalidade de organizar metodologicamente os informantes.

5.5.2.2.3 Tipo de Instrumento

Essa variável encontra sua significância no fato de o trabalho envolver dois diferentes instrumentos para a coleta de dados, buscando a produção de verbos irregulares em três diferentes tempos verbais. Assim, entendemos que o informante pode apresentar diferença de comportamento de acordo com o tipo de instrumento a que é exposto.

Diferenciamos, dessa maneira, os estímulos como sendo Instrumento I e Instrumento II, já descritos anteriormente nas subseções 5.3.2.1 e 5.3.2.2.

Relacionando os instrumentos, esperamos que o instrumento I possa apresentar maior dificuldade para os informantes, devido a dois motivos:

- a) será o primeiro teste a ser aplicado com as crianças; isso implica que precisaremos familiarizá-las com as atividades e apoiá-las caso não entendam o que está sendo solicitado;
- b) o teste envolve um grande número de formas verbais inseridas em frases que, embora sejam, em sua maioria, de uso frequente na língua, não estão contextualizadas em um diálogo ou em uma história, como ocorre com as frases do Instrumento II; a descontextualização das frases poderá oferecer maior dificuldade no emprego das formas verbais.

O Instrumento II provavelmente será de caráter mais natural para os sujeitos, tendo em vista que já terão realizado o teste I e, por isso, estarão habituados ao tipo de produção linguística exigido e, também, por ser um teste que permite a aplicação de formas verbais contextualizadas em histórias.

Sendo assim, objetivamos, através dessa variável comparar a produção dos mesmos verbos, dispostos em ambientes diferenciados, a fim de verificar se as respostas dadas pelos informantes foram similares ou discrepantes, de acordo com o instrumento.

Expostas as variáveis que podem ser atuantes no processo de regularização de verbos irregulares, descrevemos na próxima seção a descrição e a análise dos dados.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresentamos a descrição e a análise dos resultados referentes ao emprego dos verbos irregulares do PB na 1ª e 2ª pessoas do Presente do Indicativo e do Subjuntivo e do Pretérito Perfeito do Indicativo, obtidos por meio da aplicação dos instrumentos (I e II) aos 16 informantes desta pesquisa. Tem-se, para isso, na Seção 6.1 a descrição dos dados por informante, na Seção 6.2 analisamos o *corpus* da pesquisa sob o enfoque da Fonologia Lexical e, por último, na Seção 6.3 apresentamos uma análise complementar à análise principal a respeito das produções realizadas com as alternâncias das vogais [e], [ɛ] e [i] nos radicais dos verbos “pedir” e “medir”.

6.1 DESCRIÇÃO DOS DADOS

Para a descrição dos dados, primeiramente esboçamos quadros descritivos, contendo as informações das coletas de dados de cada um dos informantes. Faz-se necessário destacar que consideramos, neste momento, as formas analisadas como padrão e não padrão de acordo com a conjugação verbal irregular do PB. Nosso foco, nesse sentido, é identificar as formas não-padrão, as quais se manifestam por meio do processo de regularização e, portanto, não apresentam as alternâncias consonantais necessárias às flexões dos verbos irregulares, especialmente no Presente do Indicativo e no Presente do Subjuntivo.

Desse modo, pontuamos que o acerto da alternância consonantal corresponde à forma aqui referida como Padrão (P), enquanto que a não ocorrência da alternância, a qual corresponde à produção da forma verbal regularizada, é interpretada como Não Padrão (NP). Quando exibimos nos quadros as produções NP, identificamos também a transcrição fonética do segmento consonantal que evidencia o emprego da forma verbal em desacordo com o alvo da língua, ou seja, que implica a fuga da alternância morfofonêmica que a conjugação verbal considerada padrão apresenta.

Ainda sobre a apresentação dos dados nos quadros explanatórios, estabelecemos algumas abreviaturas, que serão válidas para a análise das informações:

- a) FE → indica a faixa etária a que o sujeito pertence. Dessa forma, FE1 indica a faixa etária 1 (06 anos), FE2 corresponde à faixa etária 2 (07 anos), FE3 diz respeito à faixa etária 3 (08 anos) e, por fim, FE4 reporta-se à faixa etária 4 (09anos).

- b) F e M → essas letras fazem referência ao sexo dos informantes: F representa sujeitos do sexo feminino e M, do sexo masculino. É importante lembrar, conforme citado na metodologia desta pesquisa, que contamos com quatro informantes em cada uma das idades de estudo. Por isso, temos nos quadros como F1 o sujeito feminino 1, como F2 o sujeito feminino 2, como M1 o sujeito masculino 1 e como M2 o sujeito masculino 2, de acordo com cada FE.
- c) Os verbos “satisfazer” e “ter” não foram testados no instrumento II, por isso, apresentamos o símbolo \ para marcar a sua ausência nos dados que resultaram do segundo instrumento.
- d) Nas formas verbais consideradas NP é apresentada a transcrição fonética da vogal do radical quando também foi alvo de alternância – exemplo: verbo *medir*, 1ª pessoa do sing. do presente do subjuntivo *meça* → *m[id]a*, ou quando se trata de uma vogal média, a fim de ser identificada vogal média alta ou vogal média baixa exemplo: verbo *medir*, 1ª pessoa do sing. do presente do indicativo *meço* → *m[ed]o*.

Salientamos, ainda, que consideramos como acerto as formas produzidas sem morfema -s, marcador de 2ª pessoa do singular (tu), devido ao fato de encontrarmos essas manifestações no uso frequente da língua, mesmo em se tratando de falantes de alta escolaridade. Assim, julgamos como variantes da manifestação padrão as formas *tu me[d]es* ~ *tu me[d]e*, por exemplo, já que o foco da descrição recaiu sobre a consoante que é alvo da alternância morfofonêmica nas formas verbais estudadas.

Na sequência, delineamos os dados particulares de cada informante.

6.1.1 Informante 1

Informante1/FE1/F1			dizer	fazer	Satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir	
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	NP fa[z]o	NP satisfa[z]o	NP tra[z]o	P	NP per[d]o	P	NP mɛ[d]o	NP ou[v]o	NP pɛ[d]o	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	NP tra[z]i	P	P	P	P	P	P	
		2ª pessoa	P	P	P	NP tra[z]eu	P	P	P	P	P	P	
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	NP fa[z]a	NP Satisfa[z]a	P	P	NP per[d]a	P	NP mi[d]a	NP ou[v]a	NP pɛ[d]a	
		2ª pessoa	P	P	NP Satisfa[z]a	P	P	NP per[d]a	P	NP mi[d]a	NP ou[v]a	NP pɛ[d]a vogal média baixa	
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	NP fa[z]o	/	NP tra[z]o	P	NP per[d]o	/	NP mɛ[d]o	NP ou[v]o	NP pɛ[d]o	
		2ª pessoa	P	NP fa[z]a		P	P	P		P	P		
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		NP tra[z]i	P	P		P	P	P	
		2ª pessoa	P	P		NP tra[z]eu	P	P		P	P	P	
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	NP fa[z]a		P	P	NP per[d]a		P	NP mi[d]a	NP ou[v]a	NP pɛ[d]a
		2ª pessoa	P	NP fa[z]a		P	P	NP per[d]a		P	NP mi[d]a	NP ou[v]a	NP pɛ[d]a vogal média baixa

Quadro 17: Dados do Informante 1

Fonte: A autora

A informante 1, 06 anos de idade, sexo feminino, apresentou 36% de regularizações nas conjugações dos verbos irregulares “fazer, satisfazer, trazer, perder, medir, ouvir e pedir”. Verificamos 100% de acertos quanto às alternâncias consonantais dos verbos “dizer, poder e ter”.

No verbo “fazer” e seu derivado “satisfazer”, notamos que a informante produziu morfemas regularizados fiéis ao radical do verbo *faz-*; nesse sentido, nos dois instrumentos observamos as conjugações *fa[z]o*, *fa[z]a*, *satisfa[z]o* e *satisfa[z]a*. Assim, o sujeito não realizou a conjugação irregular, que se daria pela produção das alternâncias com [s], como em *fa[s]o*, *fa[s]a*, *fi[s]*, tanto para o Indicativo, como para o subjuntivo.

A conjugação da 2ª pessoa do Presente do Subjuntivo do instrumento I mostrou-se correta quanto à alternância relativa ao fonema /s/ (*faça*), no entanto, no instrumento II, ela se manteve regularizada. O emprego dessa forma pode receber duas interpretações: ou pode ser indicativa de que a criança já possui, em sua representação morfofonêmica, a presença da alternância consonantal no verbo *fazer*, ou pode ser resultado do uso de uma forma não analisada, ou seja, memorizada. A segunda alternativa tem fundamento no fato de que a forma *faça* foi a única utilizada pela menina, a qual mostrou o uso da alternância consonantal.

As conjugações do verbo “trazer” também apresentaram regularizações no presente e pretérito perfeito do indicativo, todavia, em relação ao modo subjuntivo, a informante empregou as alternâncias dentro do que se espera na forma padrão (P). As regularizações, as quais também mantêm fidelidade ao morfema base do verbo, como por exemplo, *tra[z]o*, *tra[z]i*, *tra[z]eu*, repetiram-se na aplicação dos dois instrumentos. Desse modo, o fonema /z/ não se alternou com [g] e com [s] no modo indicativo, mas alternou-se com [g] no modo subjuntivo. Por ser o modo subjuntivo o de uso menos frequente, pode ser o emprego padrão decorrente de forma não analisada.

Em relação ao verbo “perder”, destacamos que as regularizações foram iguais nas duas coletas de dados, sendo que o sujeito conjugou corretamente as formas do pretérito perfeito do indicativo, em que não se faz necessário o emprego de alternâncias de fonemas (*perdi*, *perdeste*), mas regularizou todas as produções em se tratando da alternância da forma fonética [d] com [k]. Desse modo, percebemos, por exemplo, a construção das formas *per[d]o* e *per[d]a*, ao invés de *per[k]o* e *per[k]a*.

A alternância esperada para o verbo “ouvir”, da forma [v] com [s], não foi realizada pela criança. Ao contrário, o que predominou foi a regularização e fidelidade à forma base do radical *ouv-*. Notamos tal fenômeno através dos exemplos de fala da informante *ou[v]o* e *ou[v]a*.

No que se refere aos verbos “*medir*” e “*pedir*”, a criança fez regularizações semelhantes, diferenciando além do radical, que se distingue pelas consoantes iniciais, por vezes a altura das vogais “e” e “i”. Têm-se exemplo em *m[ɛd]o*, *p[ɛd]o*, *m[id]a*, *p[ɛd]a*, *p[ed]a* (veja-se Seção 6.3). A informante novamente realizou regularizações de acordo com a conjugação de verbos regulares, aqueles cuja conjugação é fiel ao radical. As produções desses verbos evidenciam também uma instabilidade na fala da criança quanto ao comportamento das vogais médias na sílaba tônica de radicais de verbos, pois ambos os verbos apresentam em suas bases a vogal /e/, a qual é uma vogal média alta, e, portanto, está sujeita às regras de abaixamento e de harmonia verbal.

Percebemos, de acordo com os dados, que nem sempre a criança mantém essa vogal no processo da regularização. Se a informante conjugasse os verbos utilizando as alternâncias previstas ([d] ~ [s]), a vogal deveria manter-se como uma média baixa [ɛ], como em *m[ɛ]ço*, *p[ɛ]ço*, *m[ɛ]ça* e *p[ɛ]ça*.

Quando ocorre o processo de regularização, a tendência é que se preserve toda a base, conforme o exemplo [peda]. No entanto, os dados mostram que a criança além de produzir o abaixamento, também aplica a elevação da vogal /e/ para a vogal [i], como em [mida]. Esse fenômeno será mais explicitado na Seção 6.3 deste capítulo.

6.1.2 Informante 2

Informante2/FE1/F2			dizer	fazer	Satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	NP tra[z]o	P	NP per[d]o	P	NP mi[d]o	P	NP pe[d]o
		2ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	P	P	P	P	P	P	P
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	NP tra[z]i	P	P	P	P	P	P
		2ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	NP tra[z]eu	P	P	P	P	P	P
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	NP tra[z]a	P	NP per[d]a	P	P	P	NP pe[d]a
		2ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	NP tra[z]a	P	NP per[d]a	P	P	P	NP Pe[d]a
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	/	NP tra[z]o	P	NP per[d]o	/	NP mi[d]o	P	NP pe[d]o
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P		
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		NP tra[z]i	P	P		P	P	P
		2ª pessoa	P	P		NP tra[z]eu	P	P		P	P	P
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P		NP tra[z]a	P	NP per[d]a		NP mi[d]a	P	NP pe[d]a
		2ª pessoa	P	P		NP tra[z]a	P	NP per[d]a		NP mi[d]a	P	NP pe[d]a <small>vogal média baixa</small>

Quadro 18: Dados do informante 2

Fonte: A autora

A informante 2, 06 anos de idade, sexo feminino, revelou 24% do processo de regularização, conforme mostra o quadro acima. O sujeito analisado fez uso da forma infinitiva para o verbo *satisfazer* em todas as conjugações, portanto, não consideramos essas produções nas análises, tendo em vista que não temos como avaliar a presença ou não das alternâncias fonológicas consonantais. No entanto, percebemos que esse comportamento pode revelar que a criança ao deparar-se com um verbo desconhecido optou pela preservação integral do vocábulo para todas as pessoas e tempos e, dessa forma, manteve o infinitivo em todas as formas produzidas.

Essa informante apresentou 100% de acertos nas conjugações dos verbos “*dizer, fazer, poder, ter e ouvir*”.

Em relação ao verbo “*trazer*”, ela somente não regularizou a produção concernente a 2ª pessoa do singular do Presente do Indicativo, a qual requer a alternância [s], como em *trou[x]e ~ tru[x]e*. Aqui, o sujeito realizou a segunda forma *tru[x]e*, porém da mesma maneira que consideramos a variante do morfema marcador de 2ª pessoa, também avaliamos como acerto a variante não padrão conjugada como *tru[x]e* e analisamos, nesse sentido, a correta mudança consonantal produzida pela criança.

Acerca do verbo “*perder*”, assinalamos as manifestações de *per[d]o* e *per[d]a*, as quais foram similares nos dois instrumentos e seguiram o padrão do radical do verbo, novamente de acordo com a conjugação dos verbos regulares do PB. Nesse âmbito, essas regularizações mostram que o sujeito não alternou a forma fonêmica /d/ com o [k].

O verbo “*medir*” manifestou-se na fala da criança como *mi[d]o* e *mi[d]a*, mantendo o fonema /d/, que não alternou com [s] e corroborou para o fato de o sujeito apresentar sensibilidade em relação à elevação e abaixamento das vogais. Da mesma forma, examinamos os morfemas verbais produzidos com o vocábulo “*pedir*” e suas manifestações *pe[d]o*, *pe[d]a* e *pe[d]a*, em que se conservou o radical *ped-* em ambas produções e também revelou o abaixamento da vogal da base.

6.1.3 Informante 3

Informante3/FE1/M1			dizer	fazer	Satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	NP satisf[eito]	P	P	NP per[d]o	P	NP mi[d]o	NP Ou[v]o	NP pe[d]o
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	NP per[d]a	P	NP mi[d]a	NP ou[v]a	P
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	NP per[d]a	P	NP mi[d]a	NP o[v]a	P
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	/	P	P	NP per[d]o	/	NP mi[d]o	NP Ou[v]o	NP pe[d]o
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P		
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		P	P	P		P		
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P		
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P		P	P	NP per[d]a		NP mi[d]a	NP ou[v]a	P
		2ª pessoa	P	P		P	P	NP per[d]a		NP mi[d]a	NP o[v]a	P

Quadro 19: Dados do Informante 3

Fonte: A autora

O informante 3, 06 anos de idade, sexo masculino, conjugou os verbos “dizer, fazer, trazer, poder e ter” de acordo com a gramática padrão da língua, alternando os fonemas consonantais. Em relação aos verbos “satisfazer, perder, medir, ouvir e pedir” o sujeito realizou 19,4% de regularizações.

Sobre a conjugação do verbo “*satisfazer*”, notamos que a criança operou de acordo com o padrão para as alternâncias no modo do Subjuntivo. No entanto, para o indicativo produziu *satisf[eito]*, trocando a categoria da palavra para adjetivo e conseqüentemente não lidando com o processo de alteração de fonemas, sendo que manteve a integralmente do radical.

Nas conjugações do verbo “*perder*”, encontramos *per[d]o* e *per[d]a*, formas regularizadas pela criança tanto no Indicativo como no Subjuntivo nos diferentes instrumentos. No que diz respeito ao verbo “*ouvir*”, observamos que foram construídas as formas *ou[v]o*, *ou[v]a* e *o[v]a*, a última, por sua vez, sendo realizada nos dois momentos de coleta dos dados para a mesma pessoa e modo (2ª pessoa do Presente do Subjuntivo), marcando, assim, a monotongação do ditongo *ou*, o que também ocorre na fala dos adultos, segundo estudos de cunho sociolinguístico (CABREIRA, 1996).

Para o verbo “*medir*”, o informante 3 apresentou *mi[d]o* e *mi[d]a*, com elevação da vogal [e → i] nos dois instrumentos. No que tange ao verbo “*pedir*”, o sujeito operou com as alternâncias características ao presente do Subjuntivo e produziu para o presente do Indicativo *me[d]o*, uma regularização que sofreu o processo de alternância vocálica, porém sem efetivar a alternância consonantal referente a /d/ por [s].

6.1.4 Informante 4

Informante4/FE1/M2			dizer	fazer	Satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir	
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	NP tra[z]o	P	NP per[d]o	P	NP mi[d]o	NP O[v]o	P	
		2ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	P	P	P	P	P	P	P	
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	P	P	P	P	P	P	P	
		2ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	P	P	P	P	P	P	P	
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	NP per[d]a	P	NP mi[d]a	NP ou[v]a	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	NP per[d]a	P	NP mi[d]a	NP o[v]a	P	
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	/	P	P	NP per[d]o	/	NP mi[d]o	NP o[v]o	P	
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	P
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	P
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P		NP tra[z]a	P	NP per[d]a		NP mi[d]a	NP ou[v]a	P	
		2ª pessoa	P	P		NP tra[z]a	P	NP per[d]a		NP mi[d]a	NP o[v]a	P	

Quadro 20: Dados do informante 4

Fonte: A autora

O informante 4, 06 anos de idade, sexo masculino, utilizou a forma infinitiva do verbo “*satisfazer*” para as 1^{as} e 2^{as} pessoas do presente e pretérito perfeito do Indicativo. No momento em que a criança se defrontou com um verbo não frequente em seu *input*, o meio encontrado foi repetir a forma do infinitivo, a qual apresentamos para o informante no momento da aplicação dos instrumentos. No entanto, diferentemente do sujeito 2, que empregou o infinitivo para todos os tempos e modos, esse informante conjugou dentro do padrão o vocábulo na 1^a e 2^a pessoa do Subjuntivo, lidando “corretamente” com a alternância de /z/ para [s]. Reiteramos o que já foi comentado para o Informante 1: por ser o modo subjuntivo o de uso menos frequente, pode ser o emprego padrão decorrente de forma não analisada.

Tal fato aponta para a hipótese de que a criança já opera com os morfemas irregulares da língua, ao mesmo tempo que ainda apresenta morfemas regularizados como os exemplos do verbo “*trazer*”, conjugados como *tra[z]o* e *tra[z]a*. No instrumento I, a criança regularizou a conjugação da 1^a pessoa do singular do Indicativo e não produziu nenhuma regularização para o modo do Subjuntivo. Já na aplicação do instrumento II, o sujeito realizou o inverso, regularizou a 1^a e 2^a pessoa do Subjuntivo e alternou /z/ com [g] na construção da 1^a pessoa do Presente do Indicativo, apresentando o esperado dentro da norma padrão *tra[g]o*.

Quanto ao verbo “*perder*” o informante exibiu *per[d]o* e *per[d]a* em ambos os instrumentos, revelando formas regularizadas que não alternaram o fonema /d/ com o [k]. Da mesma forma, foram encontradas para o verbo “*medir*” as conjugações *mi[d]o* e *mi[d]a* e *o[v]o*, *ou[v]a* e *o[v]a* para o verbo “*ouvir*” no presente do Indicativo e do Subjuntivo.

Nessa perspectiva, obtivemos acertos totais das conjugações somente nos verbos “*dizer, fazer, poder, ter e pedir*”. A produção de formas NP encontradas nas flexões desse sujeito totalizaram 19,5%.

6.1.5 Informante 5

Informante5/FE2/F1			Dizer	fazer	satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	NP satisfaz[o]	NP tra[z]	P	NP per[d]o	P	NP me[d]o	NP ou[v]o	NP pe[d]o
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	NP satisfaz[i]	P	P	P	P	P	P	P
		2ª pessoa	P	P	NP satisfaz[esse]	P	P	P	P	P	P	P
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P	NP satisfaz[a]	NP tra[z]a	P	NP per[d]a	P	NP me[d]a	NP ou[v]a	NP pe[d]a
		2ª pessoa	P	P	P	NP tra[z]a	P	NP per[d]a	P	NP mi[d]a	NP ou[v]a	NP pe[d]a
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	/	NP tra[z]	P	NP per[d]o	/	NP me[d]o	NP ou[v]o	NP pi[d]o
		2ª pessoa	P	P		P	P	P				
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		P	P	P				
		2ª pessoa	P	P		P	P	P				
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P		NP tra[z]a	NP po[d]a	NP per[d]a		NP me[d]a	NP o[v]a	NP pi[d]a
		2ª pessoa	P	P		NP tra[z]a	P	NP per[d]a		NP me[d]a	NP ou[v]a	NP pe[d]a

Quadro 21: Dados do Informante 5

Fonte: A autora

A informante 5, 07 anos de idade, sexo feminino, com um total de 32,4% de regularizações para os verbos “satisfazer, trazer, poder, perder, medir, ouvir e pedir”, somente não apresentou o fenômeno para os verbos “dizer, fazer e ter”.

Assim como os outros informantes descritos até aqui, esse sujeito produziu de acordo com o padrão as conjugações da 2ª pessoa do Presente do Indicativo, formas cuja conjugação não envolve alternâncias fonológicas consonantais em suas bases (*fazes* para o verbo *fazer*; *medes* para o verbo *medir*, são alguns exemplos).

Contudo, durante a aplicação dos instrumentos, o sujeito regularizou as conjugações do verbo “*satisfazer*”, por exemplo, apresentando *satisfa[z]o*, *satisfa[z]i*, *satisfa[z]esse* e *satisfa[z]a*, todas formas cuja produção foram de acordo com o radical base do verbo e ao encontro da conjugação dos verbos regulares da Língua Portuguesa. A conjugação referente à 2ª pessoa do Presente do Subjuntivo foi corretamente conjugada pela criança, o que mostrou, portanto, a alternância do fonema /z/ com [s] empregada na forma *satisfa[s]a*.

O sujeito desviou-se do padrão em algumas conjugações dos verbos “*trazer*” e “*poder*”, as quais se realizaram em sua fala como *tra[z]*, *tra[z]a* e *po[d]a*. Destacamos aqui, o uso da forma *po[d]a* para a 1ª pessoa do singular do Presente do Subjuntivo do Instrumento II. No instrumento I, a criança operou adequadamente com a troca de /d/ por [s], porém não apresentou essa alternância na segunda coleta de dados.

Com relação ao verbo “*ouvir*”, o sujeito desviou-se do padrão com as formas *ou[v]o*, *ou[v]a* e *o[v]a*, sendo que, no segundo instrumento, a criança monotongou o ditongo *ou* do radical *ouv-* para a 1ª pessoa do singular do Subjuntivo. Já para os verbos “*medir*” e “*pedir*”, verificamos que o sujeito fez *mε[d]o*, *mε[d]a*, *mi[d]a*, *pε[d]o*, *pε[d]a*, *pi[d]o* e *pi[d]a*. São exemplos que, além de revelarem o fenômeno da regularização, mostram a instabilidade da altura das vogais, fato esse que será retomado nas análises.

6.1.6 Informante 6

Informante6/FE2/F2			dizer	fazer	satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir	
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	NP me[d]o	NP O[v]o	NP pi[d]o	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	NP mi[d]a	NP ou[v]a	NP pi[d]a
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	NP mi[d]a	NP ou[v]a	NP pe[d]a
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	/	NP tra[z]i	P	P	/	NP me[d]o	NP Ou[v]o	NP pi[d]o	
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P			
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		NP tra[z]ei	P	P		P	P	P	P
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	P
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P		P	P	NP per[d]a		NP per[d]a	NP mε[d]a	NP o[v]a	NP pi[d]a
		2ª pessoa	P	P		P	P	NP per[d]a			NP mε[d]a	NP ou[v]a	NP pε[d]a

Quadro 22: Dados do Informante 6

Fonte: A autora

A informante 6, 07 anos de idade, sexo feminino, revelou ausência de alternância no emprego de cinco verbos: “*trazer, perder, medir, ouvir e pedir*”, produzindo, para isso, as formas *tra[z]i* e *tra[z]ei*, somente na aplicação do Instrumento II, para as 1^{as} pessoas do Presente e do Pretérito Perfeito do Indicativo. Isso aponta que a criança já opera com o processo de alternância desse verbo, já que realizou adequadamente as formas *tra[g]o* e *trou[s]e* no primeiro instrumento, porém, ainda, é um fenômeno que se encontra instável em sua gramática, tendo em vista que se constitui em um processo morfofonológico com alta complexidade para a aquisição.

Para o verbo “*perder*” o processo de regularização se fez presente apenas na 1^a e 2^a pessoa do Presente do Subjuntivo do Instrumento II com a forma *per[d]a* para ambas pessoas verbais. O verbo “*medir*”, entretanto, foi conjugado pela criança de forma regular tanto no Instrumento I, como no II, formando os vocábulos *me[d]o*, *mi[d]a* e *mε[d]a*. É importante observar que no Instrumento I, as realizações para o Presente do Subjuntivo caracterizaram-se pela forma *mi[d]a*, com a presença da vogal alta /i/ no radical, enquanto que nas produções referentes ao Instrumento II a forma empregada pela criança para as mesmas pessoas e tempos do Subjuntivo foram formalizadas por *mε[d]a*, com vogal média baixa.

Em se tratando do verbo “*pedir*” também atentamos para fenômeno semelhante em relação à altura das vogais. As regularizações, nesse caso, manifestaram-se em *pi[d]o*, *pi[d]a*, *pe[d]a* e *pε[d]a*. Sobre o verbo “*ouvir*”, o sujeito desviou-se da forma esperada nas produções como *o[v]o*, *ou[v]o*, *o[v]a* e *ou[v]a*.

Nesse contexto, a informante 06 revelou 20,3% de ausência de alternâncias consonantais em suas produções de fala.

6.1.7 Informante 7

Informante7/FE2/M1			dizer	fazer	satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir	
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	NP satisfa[z]o	NP tra[z]o	P	NP per[d]o	P	P	NP Ou[v]o	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P	NP satisfa[z]a	NP tra[z]a	NP po[d]a	NP per[d]a	P	NP mi[d]a	NP ou[v]a	NP pi[d]a	
		2ª pessoa	P	P	NP satisfa[z]a	NP tra[z]a	P	NP per[d]a	P	NP me[d]a	NP ou[v]a	NP pe[d]a	
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	NP fa[z]o	/	P	P	NP per[d]o	/	NP me[d]o	NP Ou[v]o	P	
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P			
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		P	P	P					
		2ª pessoa	P	P		P	P	P					
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P		P	P	NP po[d]a		NP per[d]a	NP mi[d]a	NP ou[v]a	NP pi[d]a
		2ª pessoa	P'	P		P	P	P		NP per[d]a	NP me[d]a	NP ou[v]a	NP pe[d]a

Quadro 23: Dados do Informante 7

Fonte: A autora

O informante 7, 07 anos de idade, sexo masculino, teve em suas produções um total de 27,7% de morfemas verbais conjugados de acordo com as regras dos verbos regulares do PB, os quais formam a classe verbal não-marcada da língua. Conjugados segundo o padrão dos verbos irregulares, classe marcada da língua, que necessita da troca de fonemas dentro dos radicais, obtivemos 100% de acerto, apenas, nos verbos “*dizer* e *ter*”.

Para o verbo “*fazer*”, a criança manifestou a conjugação regularizada *fa[z]o* para a 1ª pessoa do Presente do Indicativo na aplicação do Instrumento II. Ela alternou /z/ com [s] em momentos anteriores e posteriores, no entanto, manteve o radical *faz-* nessa produção. Da mesma forma, agiu com o verbo “*satisfazer*”, como por exemplo, em *satisfa[z]o* e *satisfa[z]a*.

O sujeito apresentou também as seguintes regularizações: a) para o verbo “*trazer*”, realizou *tra[z]o* e *tra[z]a* somente no Instrumento I, conjugando, portanto, o verbo com a respectiva alternância [g] no Instrumento II; b) para o verbo “*poder*”, produziu na 1ª pessoa do Presente do Subjuntivo *po[d]a*; c) para o verbo “*perder*”, o informante manteve a regularização nas duas coletas de dados para o Presente do Indicativo e Presente do Subjuntivo com as conjugações *per[d]o* e *per[d]a*; d) para o verbo “*ouvir*”, notamos que se repetiram as mesmas produções nas duas coletas *ou[v]o* e *ou[v]a*.

Percebemos, ainda, em relação às produções dos verbos “*medir*” e “*pedir*” algumas generalizações. Por exemplo, no instrumento I a criança acertou o padrão desses verbos no Presente do Indicativo e desviou-se no Presente do Subjuntivo, apresentando *mi[d]a* e *pi[d]a*, formas semelhantes, manifestadas com a vogal alta /i/. Todavia, no Instrumento II, o sujeito afastou-se do padrão na conjugação do verbo “*medir*” também para o tempo do Presente do Indicativo (*me[d]o*), acertou a forma do verbo *pedir* (*p[ɛs]o*) e manteve uma regularidade para os vocábulos do Presente do Subjuntivo nos dois verbos, como observamos em *mi[d]a*, *pi[d]a*, *me[d]a* e *pe[d]a*.

6.1.8 Informante 8

0Informante8/FE2/M2			dizer	fazer	satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir	
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	NP satisfaz[zei]	P	P	P	P	NP me[d]o	NP ou[z]o	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P	NP satisfaz[za]	P	P	P	P	NP mi[d]a	NP ou[z]a	P	
		2ª pessoa	P	P	NP satisfaz[za]	P	P	P	P	NP me[d]a	NP ou[z]a	P	
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	NP faz[o]	/	P	P	NP per[d]o	/	NP me[d]o	NP ou[z]o	NP pe[d]o	
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P			
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		P	P	P		P			
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P			
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P		P	P	P		P	NP mi[d]a	NP ou[z]a	P
		2ª pessoa	P'	P		P	P	P		P	NP me[d]a	NP ou[z]a	P

Quadro 24: Dados do Informante 8

Fonte: A autora

O informante 8, 07 anos de idade, sexo masculino, manifestou 16,6% de verbos regularizados nas conjugações para os verbos “fazer”, “satisfazer”, “perder”, “medir”, “ouvir” e “pedir”, apresentando, no entanto, as devidas flexões para “dizer”, “trazer”, “poder” e “ter”.

A respeito dos verbos “fazer” e “satisfazer” a criança disse *fa[z]o* somente no Instrumento II, *satisfa[z]ei e satisfa[z]a* nos tempos Presente do Indicativo e Presente do Subjuntivo. Tais regularizações, assim como as dos demais informantes apontam para a ideia de que a criança opera com as alternâncias fonológicas, conforme a regra padrão dos verbos irregulares, da mesma forma com que, ainda, apresenta o processo de verbos regularizados.

Em relação ao verbo “perder”, o sujeito flexionou de forma regularizada apenas a 1ª pessoa do Presente do Indicativo na aplicação do Instrumento II com a manifestação de *per[d]o*. Semelhantemente, foi, exclusivamente, para a mesma pessoa e tempo, também no Instrumento II, que a criança produziu *pe[d]o* para o verbo “pedir”.

Referente ao verbo “medir” encontramos na fala do sujeito as formas *m[ed]o*, *m[id]a* e *m[ed]a* para o Presente do Indicativo e Presente do Subjuntivo em ambos instrumentos. Já para o verbo “ouvir”, diferentemente dos informantes descritos até aqui, a criança realizou *ou[z]o* e *ou[z]a*.

Ao analisarmos essas produções, em um primeiro momento, poderíamos considerá-las como formas não-regularizadas, devido ao fato de não manterem em suas conjugações o radical *ouv-*, com a opção pela conjugação com o fonema /z/. Na verdade, o emprego de uma fricativa coronal no radical do verbo não é arbitrária: as formas usadas pela criança aproximam-se sobremaneira das formas-alvo da língua, que também apresentam uma fricativa coronal (*ou[s]o* e *ou[s]a*). A criança aplicou a regra morfofonêmica que a conjugação do verbo apresenta, mas não o fez em todas as suas propriedades, pois não atendeu à alteração do valor do traço [\pm sonoro] na alternância consonantal realizada. No uso da fricativa coronal [z], foi preservado o traço [+sonoro] da consoante /v/, que originalmente integra o radical do verbo “**ouvir**”; não foi aplicada, portanto, em sua integralidade, a regra de alternância consonantal; essa regra que prevê, para a conjugação desse verbo na 1ª pessoa do Presente do Indicativo e em todo o Presente do Subjuntivo, a alteração dos traços de ponto de articulação e de sonoridade.

Assim, consideramos que o emprego das formas *ou[z]o* e *ou[z]a* para o verbo “ouvir” ainda evidenciam um grau de regularização.

6.1.9 Informante 9

Informante9/FE3/F1			dizer	fazer	satisfazer	Traze r	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir	
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	NP o[v]o	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	NP mi[d]a	NP o[v]a	NP pi[d]a
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	NP me[d]a	NP ou[v]a	NP pe[d]a
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	/	P	P	P	/	P	NP o[v]o	P	
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P			
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		NP tra[z]i	P	P		P	P	P	P
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	P
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P		P	P	P		P	NP mi[d]a	NP ou[v]a	P
		2ª pessoa	P'	P		P	P	P		P	NP me[d]a	NP ou[v]a	P

Quadro 25: Dados do Informante 9

Fonte: A autora

A informante 9, 08 anos de idade, sexo feminino, obteve 12% dos verbos do estudo conjugados com algum tipo de regularização. Desse modo, a criança não atendeu às regras morfofonológicas que as conjugações irregulares dos verbos “trazer, medir, ouvir e pedir” exigem.

Nas conjugações do verbo “trazer”, apenas na 1ª pessoa do Pretérito Perfeito do Indicativo do Instrumento II, foi que a informante realizou *tra[z]i*. Para as flexões de “medir” a criança produziu as formas do Presente do Subjuntivo regularizadas apresentando *mi[d]a* para a 1ª pessoa e *me[d]a* para a 2ª, tanto no instrumento I como no II.

Em relação ao verbo “pedir” foi somente para o Presente do Subjuntivo do Instrumento I, que surgiram as produções sem a aplicação da regra morfofonêmica nas flexões *pi[d]a* e *pe[d]a*. No entanto, com o verbo “ouvir”, a criança regularizou a 1ª pessoa do Presente do Indicativo (*o[v]o*) e a 1ª e a 2ª pessoa do Presente do Subjuntivo com as produções *o[v]o*, *ou[v]o* e *ou[v]a*; essas manifestações se deram na aplicação dos dois instrumentos.

Para os demais verbos pesquisados, o sujeito lidou satisfatoriamente, de acordo com a regra padrão do PB, atendendo às alternâncias de cada radical irregular.

6.1.10 Informante 10

Informante10/FE3/F2			dizer	fazer	satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir	
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	NP tra[z]o	P	NP per[d]o	P	P	P	P	
		2ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	P	P	P	P	P	P	P	
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	NP tra[z]ei	P	P	P	P	P	P	
		2ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	P	P	P	P	P	P	P	
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	P	P	P	P	NP mi[d]a	P	P	
		2ª pessoa	P	P	Uso da forma infinitiva	P	P	P	P	NP me[d]a	P	P	
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	/	P	P	P	/	P	P	P	
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		NP tra[z]i	P	P		P	P	P	P
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	P
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P		P	P	NP per[d]a		NP mi[d]a	P	NP pi[d]a	
		2ª pessoa	P'	P		P	P	NP per[d]a		NP me[d]a	P	P	

Quadro 26: Dados do Informante 10

Fonte: A autora

A informante 10, 08 anos de idade, sexo feminino, totalizou 10% de conjugações com a ausência da aplicação das regras de alternâncias fonológicas consonantais, aquelas cujo princípio é regido pela interação das regras fonológicas e morfológicas.

Os verbos “dizer, fazer, poder, ter e ouvir” foram flexionados pelo sujeito mantendo as alterações exigidas na conjugação da classe verbal irregular do PB. A respeito do verbo “satisfazer”, a menina empregou a forma infinitiva para todas as pessoas e tempos, por isso, não avaliamos seu uso, considerando que ela não apresentou nenhuma flexão para analisarmos as alternâncias e a aplicação morfofonêmica do verbo.

Nas flexões do verbo “trazer”, a criança conjugou *tra[z]o* no instrumento I, para a 1ª pessoa do Presente do Indicativo e *tra[z]ei* para a 1ª pessoa do Pretérito Perfeito do Indicativo. Já no Instrumento II, a informante flexionou *tra[z]i* para a 1ª pessoa do Pretérito Perfeito do Indicativo e acertou a alternância de /z/ com [g] na conjugação de *tra[g]o*.

No Instrumento I, realizou a regularização *per[d]o* para a 1ª pessoa do Presente do Indicativo, acertando as demais formas conjugadas. No Instrumento II, a criança acertou a morfofonologia da 1ª pessoa, a qual havia anteriormente manifestado a regularização, todavia desviou-se do padrão nas pessoas do Presente do Subjuntivo, uma vez que conjugou *per[d]a* para ambos pronomes pessoais, ao invés de *per[k]a* e *per[k]as*.

Quanto às flexões do verbo “medir”, o sujeito apresentou morfemas verbais regularizados nos dois instrumentos somente para as conjugações que se referem ao Presente do Subjuntivo: *mi[d]a* e *me[d]a*. E, para o verbo “pedir”, a informante produziu *p[id]a* apenas para a 1ª pessoa do Presente do Subjuntivo no Instrumento II.

6.1.11 Informante 11

Informante 11/FE3/M1			dizer	fazer	satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	NP fa[z]o	NP satisfa[z]o	P	P	NP per[d]o	P	NP me[d]o	NP ou[v]o	NP pe[d]o
		2ª pessoa	P	P	NP satisfa[z]eu	P	P	P	P	P	P	P
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	NP satisfa[z]i	P	P	P	P	P	P	P
		2ª pessoa	P	P	NP satisfa[z]esse	NP tra[z]i	P	P	P	P	P	P
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	NP fa[z]a	NP satisfa[z]a	P	P	P	P	NP mi[d]a	NP ou[v]a	NP pe[d]a
		2ª pessoa	P	NP fa[z]a	NP satisfa[z]a	P	P	P	P	NP me[d]a	NP ou[v]e	NP pi[d]a
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	/	P	P	NP per[d]o	/	NP me[d]o	NP ou[v]o	NP pe[d]o
		2ª pessoa	P	P		NP tra[z]i	P	P		P	P	P
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P		P	P	NP per[d]a		NP mi[d]a	NP ou[v]a	NP pi[d]a
		2ª pessoa	P	P		P	P	NP per[d]a		NP me[d]a	NP ou[v]e	NP pi[d]a

Quadro 27: Dados do Informante 11

Fonte: A autora

O informante 11, 08 anos de idade, sexo masculino, alcançou 30,5% de morfemas verbais regularizados, portanto, sem a aplicação das regras de alternâncias consonantais. Na verdade, a criança conjugou integralmente de acordo com o padrão da língua apenas os verbos “dizer, poder e ter”.

Quanto aos demais verbos do estudo, o informante distanciou-se do padrão na produção de algumas flexões, as quais se apresentaram sob a postura regularizada, sem o emprego da morfofonologia. São exemplos as manifestações como: *fa[z]o, fa[z]a, satisfa[z]o, satisfa[z]eu, satisfa[z]i, satisfa[z]esse, satisfa[z]a, tra[z]i, per[d]o, per[d]a, me[d]o, mi[d]a, me[d]a, ou[v]o, ou[v]a, ou[v]e, pe[d]o, pe[d]a e pi[d]a*.

Os dados do informante 11, assim como os dados dos outros sujeitos, indicam que a criança, ainda em fase de aquisição da morfofonologia da língua, revela traços morfofonológicos flutuantes comparados a gramática padrão da língua alvo. São traços que ora se manifestam adequadamente, ora são empregados pelo falante afastando-se do padrão.

6.1.12 Informante 12

Informante12/FE3/M2			dizer	fazer	satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir	
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	NP per[d]o	P	NP me[d]o	NP Ou[z]o	NP pe[d]o	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	NP per[d]a	P	NP mi[d]a	NP ou[z]a	NP pe[d]a
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	NP per[d]a	P	NP me[d]a	NP ou[v]a	NP pi[d]a
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	/	P	P	NP per[d]o	/	NP me[d]o	NP Ou[v]o	NP pe[d]o	
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	P
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	P
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P		P	P	P		NP per[d]a	NP mi[d]a	NP ou[v]a	NP pi[d]a
		2ª pessoa	P'	P		P	P	P		NP per[d]a	NP me[d]a	NP ou[v]a	NP pi[d]a

Quadro 28: Dados do Informante 12

Fonte: A autora

O informante 12, 08 anos de idade, sexo masculino, apresentou as mesmas formas verbais regularizadas nas duas etapas de coletas dos dados. Foram, desse modo, 22,2% de conjugações irregulares flexionadas de acordo com as regras do sistema verbal regular do PB.

Nos verbos “*dizer, fazer, satisfazer, trazer, poder e ter*”, o menino acertou as flexões e as alternâncias correspondentes a cada pessoa e tempo verbal. Entretanto, conjugou para o verbo “*perder*” as formas *per[d]o*, para a 1ª pessoa do Presente do Indicativo e, *per[d]a*, para 1ª e 2ª pessoas do Presente do Subjuntivo. Para o verbo “*medir*”, destacaram-se as produções *m[ɛd]o*, *m[id]a* e *m[ed]a*, respectivamente para o Presente do Indicativo e Presente do Subjuntivo. Para o verbo “*pedir*”, as conjugações regularizadas foram *p[ɛd]o*, *p[ɛd]a* e *p[id]a*. E, finalmente, para o verbo “*ouvir*”, o informante revelou no primeiro instrumento as flexões *ou[z]o* *ou[z]a* e *ou[v]a*. No segundo instrumento, por sua vez, as conjugações foram marcadas por *ou[v]o* e *ou[v]a*.

Em relação às produções do primeiro instrumento quanto ao verbo “*ouvir*”, verificamos que é um caso semelhante às produções do Informante 8, em que consideramos a troca de *ou[s]a* por *ou[z]a* um tipo leve de regularização, pois, embora a criança tenha aplicado a troca morfofonêmica, não atendeu à alteração do valor do traço [±sonoro] na alternância consonantal realizada.

O fato é que esse informante, em uma mesma coleta de dados e também na gravação do segundo instrumento, produziu o morfema regularizado *ou[v]a*. Esse evento vem favorecer a nossa hipótese de que a troca do fonema /s/ por [z] apresenta um grau de regularização, tendo em vista que o fenômeno se encontra com natureza variável na gramática desse sujeito.

6.1.13 Informante 13

Informante 13/FE4/F1			Dizer	fazer	satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir	
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	NP mi[d]a	P	P
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	NP me[d]a	P	P
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	/	P	P	P	/	P	P	P	
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P			
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		P	P	P		P			
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P			
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P		P	P	P		P	NP mi[d]a	P	NP pi[d]a
		2ª pessoa	P'	P		P	P	P		P	NP me[d]a	P	P

Quadro 29: Dados do Informante 13

Fonte: A autora

A informante 13, 09 anos de idade, sexo feminino, apresentou apenas 4,6% das conjugações verbais regularizadas, sendo essas para o verbo “*medir*” no Presente do Subjuntivo, mutuamente nos dois instrumentos e para o verbo “*pedir*”, somente para a 1ª pessoa do Presente do Subjuntivo do Instrumento II; as formas produzidas *mi[d]a*, *mɛ[d]a* e *pi[d]a* mostram que, embora a gramática dessa criança esteja quase alcançando o sistema alvo da língua padrão, ainda se faz presente, aos 09 anos de idade, a instabilidade gerada pela complexidade da aquisição da morfofonologia do PB. São conjugações que se encontram de forma regularizada, sobretudo nas flexões que envolvem o modo Subjuntivo do sistema verbal.

6.1.14 Informante 14

Informante 14/FE4/F2			Dizer	fazer	satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir	
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	NP per[d]o	P	P	NP ou[v]o	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	NP tra[z]i	P	P	P	P	P	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	NP per[d]a	P	NP mi[d]a	NP ou[v]a	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	NP per[d]a	P	NP me[d]a	NP ou[v]a	P	
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	/	P	P	NP per[d]o	/	NP mi[d]o	NP ou[v]o	P	
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		NP tra[z]i	P	P		P	P	P	P
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	P
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P		P	P	P		NP per[d]a	NP mi[d]a	NP ou[v]a	P
		2ª pessoa	P'	P		P	P	P		NP per[d]a	NP me[d]a	NP ou[v]a	P

Quadro 30: Dados do Informante 14

Fonte: A autora

A Informante 14, 09 anos de idade, sexo feminino, manteve dentro do paradigma da conjugação dos verbos irregulares as produções de “*dizer, fazer, satisfazer, poder, ter e pedir*”. Desviou-se da forma padrão, no entanto, em flexões dos verbos “*trazer, perder, medir e ouvir*”, totalizando 17,5% de conjugações regularizadas.

Os alvos de ausência das alternâncias foram, para esse informante: (a) a 1ª pessoa do Pretérito Perfeito do Indicativo e (b) as 1ª e 2ª pessoas do Presente do Subjuntivo com as realizações de *tra[z]i* para o verbo “*trazer*”; *per[d]o e per[d]a* para as formas do verbo “*pedir*”; *m[id]o, m[id]a e m[ed]a* para o verbo “*medir*” e, por fim, *ou[v]o e ou[v]a* para o verbo “*ouvir*”.

6.1.15 Informante 15

Informante 15/FE4/M1			Dizer	fazer	satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir	
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	NP satisfa[z]o	P	P	P	P	NP mɛ[d]o	NP o[v]o	NP pɛ[d]a	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P	NP satisfa[z]a	P	P	P	P	NP mi[d]a	NP o[v]a	P	
		2ª pessoa	P	P	NP satisfa[z]a	P	P	P	P	NP mɛ[d]a	NP o[v]a	P	
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	/	P	P	P	/	NP mɛ[d]o	NP o[v]o	NP pɛ[d]a	
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P		
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P		P	P	P		P	NP mi[d]a	NP o[v]a	P
		2ª pessoa	P'	P		P	P	P		P	NP mɛ[d]a	NP o[v]a	P

Quadro 31: Dados do Informante 15

Fonte: A autora

O Informante 15, 09 anos de idade, sexo masculino, fez 15,7% de flexões, cujos radicais não atenderam às regras de alternâncias consonantais exigidas pelo padrão dos verbos irregulares da Língua Portuguesa. Tal porcentagem diz respeito às produções dos verbos “*satisfazer, medir, ouvir e pedir*”.

Da mesma forma que os demais sujeitos desta pesquisa, esse informante regularizou os verbos, guiando-se pelo radical do verbo irregular no infinitivo, conjugação essa pertencente ao padrão dos verbos regulares do PB. As formas *satisfa[z]o, satisfa[z]a, m[ed]o, m[id]a, m[ed]a, o[v]o, o[v]a e p[ed]a* são exemplos dessa regularização.

As manifestações de *m[ed]o, m[id]a e p[ed]a* mostram que os sujeitos da faixa etária 4 deste estudo ainda apresentam variabilidade em se tratando da altura das vogais no radical, assim como os informantes das faixas etárias 1, 2 e 3.

6.1.16 Informante 16

Informante 16/FE4/M2			dizer	fazer	satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir		
Instrumento I	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	NP ou[v]o	P		
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P		
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P	NP satisfa[z]esse	NP tra[z]a	P	P	P	P	NP mi[d]a	NP ou[v]a	P	
		2ª pessoa	P	P	P	P	P	P	P	P	NP mɛ[d]a	NP ou[v]a	P	
Instrumento II	Presente Indicativo	1ª pessoa	P	P	/	P	P	P	/	P	NP ou[v]o	P		
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P		
	Pretérito Perfeito Indicativo	1ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	P	P
		2ª pessoa	P	P		P	P	P		P	P	P	P	P
	Presente Subjuntivo	1ª pessoa	P	P		NP tra[z]a	P	P		P	P	NP mi[d]a	NP ou[v]a	P
		2ª pessoa	P'	P		P	P	P		P	P	NP mɛ[d]a	NP ou[v]a	P

Quadro 32: Dados do Informante 16

Fonte: A autora

O Informante 16, 09 anos de idade, sexo masculino, com 12% de produções regularizadas para os verbos “*satisfazer, trazer, medir e ouvir*”, apresentou as seguintes formas com desvio do padrão: *satisfa[z]esse, tra[z]a, m[id]a, m[ed]a, ou[v]o e ou[v]a*.

Através das descrições dos dados deste estudo, verificamos que, embora os sujeitos da faixa etária 4, 09 anos, revelem que com essa idade o fenômeno das regularizações de verbos irregulares aparece em menor quantidade em suas produções; o fato é que essas formas continuam se manifestando na conjugação de alguns verbos, especialmente daqueles cuja frequência na língua é baixa. Dessa forma, conseguimos mostrar que o processo em análise pode ultrapassar a idade de 05 anos, considerada pelas pesquisas brasileiras como etapa máxima para a realização dessa ocorrência na fala de crianças.

A fim de retomarmos as hipóteses norteadoras desta dissertação, a seguir, refletiremos sobre como e por que a regularização ainda se manifesta nas conjugações verbais de crianças entre 06 e 09 anos de idade, sob o ponto de vista do aporte teórico da Fonologia Lexical.

6.2 ANÁLISE DOS DADOS: VISÃO GERAL E INTERPRETAÇÃO DO FENÔMENO SOB O VIÉS DA FLM

A partir de observações do *corpus* deste estudo, podemos considerar que a hipótese de que crianças com idade entre 06 e 09 anos ainda poderiam manifestar morfemas verbais regularizados na conjugação de verbos irregulares foi reafirmada, em conformidade com o resultado do estudo piloto. Assim sendo, todos os informantes realizaram alguma flexão verbal em desacordo com a norma padrão da conjugação da categoria verbal irregular.

Em sua totalidade essa fuga do paradigma flexional, apresentou-se por meio do processo de regularização dos radicais irregulares. Nesse sentido, buscamos nessa Subseção explicar, em consonância com a FL, a motivação para a manifestação das formas não padrão no uso da língua por falantes nativos de PB, nas idades de 06, 07, 08 e 09 anos.

O quadro abaixo (33) expõe o número de vezes que as regularizações de cada verbo testado nos dois instrumentos foram produzidas pelos sujeitos:

QUADRO - FORMAS PRODUÇÃO NP				
Verbo	Manifestações do emprego das formas verbais			
	Instrumento I		Instrumento II	
	Número de vezes	produção	Número de vezes	produção
DIZER	100% de produção conforme P (padrão)		100% de produção conforme P (padrão)	
FAZER	02	fa[z]o	03	fa[z]o
	03	fa[z]a	03	fa[z]a
SATISFAZER	05	satisfa[z]o	Sem aplicação no instrumento	
	01	satisfa[z]ei		
	01	satisfa[z]eu		
	01	satisf[eito]		
	02	satisfa[z]i		
	03	satisfa[z]esse		
	11	satisfa[z]a		
TRAZER	05	tra[z]o	02	tra[z]o
	04	tra[z]i	07	tra[z]i
	02	tra[z]eu	02	tra[z]eu
	01	tra[z]	01	tra[z]
	01	tra[z]ei	01	tra[z]ei
	07	tra[z]a	07	tra[z]a
PODER	01	po[d]a	02	po[d]a
PERDER	10	per[d]o	10	per[d]o
	16	per[d]a	21	per[d]a
TER	100% de produção conforme P (padrão)		Sem aplicação no instrumento	
MEDIR	06	mɛ[d]o	06	mɛ[d]o
	01	me[d]o	02	me[d]o
	03	mi[d]o	04	mi[d]o
	19	mi[d]a	18	mi[d]a
	05	mɛ[d]a	08	mɛ[d]a
	06	me[d]a	06	me[d]a
OUVIR	07	ou[v]o	09	ou[v]o
	02	ou[z]o	01	ou[z]o
	04	o[v]o	03	o[v]o
	18	ou[v]a	18	ou[v]a
	03	ou[z]a	02	ou[z]a
	05	o[v]a	06	o[v]a
PEDIR	06	pɛ[d]o	06	pɛ[d]o
	01	pi[d]o	02	pi[d]o
	05	pe[d]a	03	pe[d]a
	07	pɛ[d]a	05	pɛ[d]a
	05	pi[d]a	09	pi[d]a

Quadro 33: Estimativa do processo de regularização

Fonte: A autora

Os dados obtidos nos dois instrumentos evidenciam que as regularizações mais recorrentes nas conjugações dos informantes foram nas formas *per[d]o*, *per[d]a* (verbo - *perder*), *m[id]a* (verbo - *medir*), *p[ɛd]a*, *p[id]a* (verbo - *pedir*) e *ou[v]a* (verbo - *ouvir*). No Instrumento I, a forma *satisfa[z]a* (verbo - *satisfazer*) também foi comum nas flexões realizadas pelas crianças. Assim como os verbos cujo emprego se afastou do padrão foram os mesmos nos dois instrumentos, também o número de regularizações, pelos resultados do Quadro 33, tendeu a mostrar equilíbrio ao se considerarem os Instrumentos I e II.

De acordo com essas ocorrências de conjugações verbais produzidas como não padrão, reunimos, neste estudo, as seguintes ausências de alternâncias fonológicas consonantais:

Verbos Irregulares	Alternâncias Fonológicas Consonantais	Alternâncias que sofreram aplicação da forma NP
Dizer	[z], [g], [s]	X
fazer	[z], [s]	v
satisfazer	[z], [s]	v
trazer	[z], [g], [s]	v
poder	[d], [s]	v
ter	[r], [n]	X
perder	[d], [k]	v
medir	[s], [s]	v
ouvir	[v], [s]	v
pedir	[d], [s]	v

Quadro 34: Alternâncias não manifestadas nas flexões dos sujeitos

Fonte: A autora

Os verbos “*dizer*” e “*ter*” foram os únicos que não sofreram nenhuma vez, durante a coleta de dados, o fenômeno da regularização, por isso no quadro estão representados por um “X”. Os verbos “*fazer*” e “*poder*” exibiram baixo índice de conjugações com morfemas regularizados. Os demais verbos, entretanto, apresentaram um número elevado de flexões não padrão, que merece um olhar cuidadoso em uma análise qualitativa, como a que caracteriza o presente trabalho, na análise dos verbos irregulares no uso da língua, procurando evidências morfofonológicas no processo de aquisição do sistema verbal irregular do PB.

Avaliando que cada verbo contou com 96 possibilidades (poss) de flexões por cada um dos sujeitos do estudo, a tabela que segue apresenta o número de acertos de cada sujeito no que se trata da forma padrão (P) do PB, ou seja, com a correta produção das alternâncias consonantais.

Tabela 1: Ocorrências da produção padrão

	Dizer	fazer	satisfazer	trazer	poder	perder	ter	medir	ouvir	pedir
Tabela - formas produção P	P/poss	P/poss	P/poss	P/poss	P/poss	P/poss	P/poss	P/poss	P/poss	P/poss
	96	96	96	96	96	96	96	96	96	96
INSTRU - MENTO I	96/96	91/96	56/96	76/96	95/96	70/96	96/96	56/96	57/96	72/96
	100 %	94,79 %	58,33 %	79,16 %	98,95 %	72,91 %	100 %	58,33 %	59,37 %	75 %
INSTRU - MENTO II	96/96	90/96	/	76/96	94/96	65/96	/	52/96	57/96	71/96
	100 %	93,75 %	/	79,16 %	97,91 %	67,70 %	/	54,16 %	59,37 %	73,95 %

Fonte: A autora

Os dados da Tabela 1 vêm confirmar, sob outro ângulo, o fato já expresso no Quadro 32, no sentido de evidenciar tendência ao equilíbrio nos resultados obtidos, quanto ao emprego de formas verbais regularizadas, nos Instrumentos I e II.

Em relação ao Tempo e Modo Verbal, notamos que o Presente do Subjuntivo apresentou maior índice de realização para as formas não padrão, sobressaindo-se ao Presente do Indicativo e ao Pretérito Perfeito do Indicativo, em concordância com os dados registrados nas tabelas que seguem. Os dados na Tabela 2 são relativos ao Instrumento I, enquanto aqueles expressos na Tabela 3 dizem respeito ao Instrumento II.

Tabela 2: Análise em relação ao Tempo e Modo Verbal - Instrumento I
Ocorrências das formas não verbais (Porcentagem) - Instrumento I

Tempo Verbal	Informantes																Total em percentuais
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	
Pres. Ind.	35 %	20 %	25 %	20 %	30 %	15 %	20 %	15 %	5 %	10 %	35 %	20 %	0 %	10 %	20 %	5 %	17,8%
Pret. Perf. Ind.	10 %	10 %	0 %	10 %	10 %	0% %	0 %	0 %	0 %	5% %	15 %	0 %	0 %	5 %	0 %	0 %	4%
Pres. Subj.	55 %	30 %	30 %	30 %	55 %	30 %	65 %	30 %	30 %	10 %	50 %	40 %	10 %	30 %	30 %	30 %	34,6%
																	56,4 %

Fonte: A autora

Tabela 3: Análise em relação ao Tempo e Modo Verbal - Instrumento II
Ocorrências do processo (Porcentagem) - Instrumento II

Tempo Verbal	Informantes																Total em percentuais
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	
Pres. Ind.	43,7 %	25 %	25 %	18,7 %	31,2 %	25 %	25 %	31,2 %	6,2 %	0 %	31,2 %	25 %	0 %	18,7 %	18,7 %	6,2 %	20,6%
Pret. Perf. Ind.	12,5 %	12,5 %	10 %	0 %	0 %	6,2 %	0 %	0 %	6,2 %	6,2 %	0 %	0 %	0 %	6,2 %	0 %	0 %	3,7%
Pres. Subj.	62,5 %	50 %	37,5 %	50 %	68,7 %	50 %	56 %,2 %	25 %	25 %	31,2 %	50 %	50 %	18,7 %	37,5 %	25 %	31,2 %	43,3%
																	67,6 %

Fonte: A autora

Os informantes operaram com 17,8% de morfemas verbais regularizados no Presente do Indicativo, 4% no Pretérito Perfeito do Indicativo e 34,6% no Presente do Subjuntivo, no instrumento I.

No instrumento II, as formas não padrão totalizaram para o Presente do Indicativo 20,6%, para o Pretérito Perfeito do Indicativo 3,7% e para o Presente do Subjuntivo 43,3%.

Os dados apontam, nos dois instrumentos, que o modo Subjuntivo (Presente do Subjuntivo) apresenta maior instabilidade quanto à sua flexão, em um percentual que se mostra cerca do dobro daquele alcançado com relação ao Presente do Indicativo. Acreditamos estar

esse fato relacionado à complexidade que envolve a aquisição da morfofonologia do PB e ao fato de serem o tempo e o modo verbais (Presente do Subjuntivo) considerados marcados na língua. Assim, este modo destaca-se na produção das formas não padrão (regularizadas) nas flexões das crianças entre 06 e 09 anos de idade. O modo verbal mais marcado na língua, nesse sentido, é suscetível de maior possibilidade de variação pelo sujeito em relação a forma padrão. O modo Subjuntivo é empregado em orações subordinadas, o que implica a construção de um período composto por subordinação e que exige também maior complexidade sintática a tal ponto que, no uso oral da língua, mesmo por adultos, é de baixa frequência.

O Pretérito Perfeito do Indicativo apresentou baixo índice de regularização, considerando que este é um tempo que pede poucas alternâncias consonantais em suas flexões no modo Indicativo. Além disso, seu emprego também não exige complexidade sintática, já que pode ser empregado em períodos simples ou compostos por coordenação, os quais têm alta frequência no uso da língua.

Para o Presente do Indicativo, os dados podem ser considerados relevantes, baseando-se em estudos ((YAVAS e CAMPOS, 1988; SANTOS e SCARPA, 2003)) que consideram esse tempo verbal como um dos primeiros a ser adquirido pelos falantes nativos de PB. Dito isso, podemos inferir que, embora seja um tempo precocemente empregado pelos sujeitos, sobretudo na classe regular dos verbos, os segmentos verbais irregulares do Presente do Indicativo que se realizam com alternâncias consonantais são complexos para as crianças em fase de aquisição, o que contribui para esta ser caracterizada como tardia, em se tratando de aquisição verbal da língua portuguesa.

Por meio das tabelas (2) e (3) evidenciamos ainda que, ao contrário do que esperávamos, as regularizações permaneceram em ambos os instrumentos até a mais alta faixa etária estudada. De maneira oposta ao que esperávamos, o percentual do Instrumento II é mais alto comparado ao percentual do Instrumento I, embora os resultados tendam a ser equilibrados, mas chama atenção que algumas regularizações ocorreram apenas na aplicação da Tarefa II. Tal fato vem reforçar a hipótese de que crianças, mesmo em etapa subsequente à fase inicial da linguagem, continuam apresentando o fenômeno de regularização da classe irregular do português.

Tendo em vista que a aplicação dos recursos contou com um intervalo de um mês, entendemos que as repetições das formas regularizadas se mantiveram nas conjugações produzidas pelos sujeitos, em razão do processo da aquisição morfofonológica do sistema verbal irregular da língua não se encontrar plenamente dominado na gramática dessas crianças. O período de um mês entre as gravações é mais um argumento que salienta o fato de que os

informantes deste estudo ainda estão em fase de aquisição do sistema verbal, visto que manifestaram os morfemas regularizados em ambas as coletas de dados.

Destacamos, ainda, que não se observam diferenças discrepantes entre os dados dos dois instrumentos, em virtude de que os sujeitos, em sua maioria, produziram formas não padrão para os mesmos verbos em ambos os instrumentos, salvo em raros casos em que realizaram o processo de regularização para algum verbo apenas em um dos instrumentos, como é o caso dos verbos “fazer” e “trazer”, os quais foram regularizados apenas no instrumento II.

No que diz respeito à variável “pessoa verbal”, a 1ª pessoa do singular “eu” foi a que evidenciou maior número de verbos conjugados em desacordo com a forma padrão da língua (veja-se a tabela 4). Aqui, lembramos que a 2ª pessoa “tu” foi considerada de acordo com o padrão, quando não conjugada com o morfema número-pessoal -s. Reunindo-se os dados das Tabelas 2 e 3 aos da Tabela 4, podemos dizer que o emprego de formas da 1ª pessoa do singular do Presente do Subjuntivo contribui fortemente para esse resultado, embora também a 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo apresente maior número de casos de uso de formas não padrão do que 2ª pessoa do singular.

Tabela 4: Análise em relação à pessoa verbal – Instrumentos I e II
Ocorrências do processo – Instrumento I e II

Pessoa Verbal	Informantes																Total em percentuais
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	
1ª pessoa sing. (eu)	48 %	31 %	28 %	26 %	44 %	28 %	37 %	24 %	15 %	15 %	37 %	30 %	5 %	24 %	22 %	17 %	27%
2ª pessoa sing. (tu)	24 %	17 %	11 %	13 %	20 %	13 %	18 %	9 %	9 %	5%	24 %	15 %	3 %	11 %	9 %	7 %	12,5%

Fonte: A autora

Observando-se a variável “sexo”³⁰, expomos, na tabela (5), que não foram encontradas diferenças significativas em relação ao sexo dos informantes, já que os percentuais se aproximam no que tange o processo de conjugação regular das formas verbais irregulares.

³⁰ O processo de variação também faz parte da aquisição. Com referência à variável sexo e em se tratando do fenômeno estudado nesta pesquisa, não esperávamos dados com discrepância entre meninos e meninas. No entanto, a divisão dos sujeitos por sexo sustentou uma organização da metodologia, que nos possibilitou uma análise mais detalhada.

Tabela 5: Análise em relação ao sexo – Instrumentos I e II

Sexo	Ocorrências do processo – Instrumento I e II																Total
	Informantes																
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	%
Masc	—	—	19,4 %	19,4 %	—	—	27,7 %	16,6 %	—	—	30,5 %	22,2 %	—	—	15,7 %	12 %	20,4 %
Fem.	36 %	24 %	—	—	32,4 %	20,3 %	—	—	12 %	10 %	—	—	4,6 %	17,5 %	—	—	19,6 %

Fonte: A autora

A diferença da produção não padrão entre meninos e meninas foi menor que 1%, por isso constatamos que a realização do fenômeno estudado não está relacionada ao sexo dos sujeitos. À vista disso, evidenciamos que o emprego de eventos morfofonêmicos na conjugação de verbos irregulares está presente no desenvolvimento linguístico de todas as crianças da amostra, independentemente da variável sexo, diferentemente de outros processos de aquisição da linguagem que podem apresentar comportamento diferenciado às meninas e meninos, como a aquisição do inventário segmental da fonologia da língua, por exemplo.

A tabela em (6) indica que há um desenvolvimento gradual da aquisição verbal irregular em relação à idade, aqui sobreposta também à escolaridade dos sujeitos. À medida que a faixa etária aumenta (bem como o nível de escolaridade), o processo de produção das formas NP diminui.

Tabela 6: Análise em relação à faixa etária / Escolaridade – Instrumentos I e II
Ocorrência do Processo – Faixa etária / Escolaridade – Instrumentos I e II

FE 1 – 06 ANOS	FE 2 – 07 ANOS	FE 3 – 08 ANOS	FE 4 – 09 ANOS
24,70%	24,25%	18,67%	12,45%

Fonte: A autora

Tal relação propõe que as formas verbais irregulares do PB são adquiridas conforme aumenta a exposição da criança ao sistema linguístico, por isso, quanto maior é a idade, menor será o índice de regularizações produzido pelos sujeitos. Aos 09 anos de idade, por exemplo, maior faixa etária e maior grau de instrução dos informantes, percebemos o menor indicador de realização de morfemas verbais regularizados.

É relevante pontuar, nesse sentido, que trabalhando com a variável escolaridade atrelada à idade, consideramos que é a escola quem vai trabalhar com a estrutura verbal irregular da língua, ou seja, é por meio da escola que a criança vai conseguir completar seu processo de

aquisição da classe irregular do PB, bem como estabelecer a relação morfofonológica necessária para que esse processo se concretize na fala das crianças.

Pelos dados da Tabela 6, é interessante observar a pouca diferença percentual que mostram os resultados da FEs 1 e 2, as quais correspondem ao período em que as crianças ainda se encontram no processo de alfabetização, mostrando queda importante no percentual relativo à quarta FE, quando o avanço da escolarização exige que a criança esteja plenamente alfabetizada.

A frequência verbal foi fator que se mostrou de particular relevância às nossas análises. Nesse contexto, os dados evidenciam que a não alternância consonantal se dá, de forma prevalente, em se tratando dos verbos menos frequentes no *input* linguístico dos informantes, conforme já apontava a pesquisa de Andersen (2008).

A autora destacou que os verbos “*ter, poder, dizer e fazer*” estão entre os dez verbos mais frequentes do PB (veja-se Seção 2.1). De fato, esses foram os verbos que menos sofreram, nesta pesquisa, o processo de regularização verbal; indo-se além, verificamos, por exemplo, que os verbos “*ter e dizer*” não foram flexionados, nenhuma vez, de acordo com a forma não padrão, enquanto que os verbos “*poder e fazer*” foram alvos de um número muito baixo de produções regularizadas. De acordo com os dados do Quadro 1, com a relação dos verbos mais frequentes na língua, o verbo *ter* é o segundo mais frequente e o verbo *dizer* é o sexto mais frequente no português.

Além da frequência dos verbos, a aquisição tardia da classe verbal irregular pode ser atribuída à conjugação complexa dos verbos irregulares, ou seja, à exigência da interação entre o nível fonológico e o nível morfológico, para que esse fenômeno da alternância consonantal se efetive no uso da língua pelos sujeitos.

Em conformidade com a Fonologia Lexical, lidamos com a possibilidade de no mínimo três explicações para o processo que acomete as conjugações NP evidenciadas nesta dissertação:

- a) Pressuposição de que os sujeitos ainda não tenham adquirido plenamente a Morfologia Verbal da língua e, devido a isso, apresentem bloqueio no nível morfológico;
- b) Pressuposição de que a falta de alternâncias na conjugação dos radicais irregulares seja motivada por uma lacuna fonológica, ligada diretamente ao nível fonológico;
- c) Pressuposição de que a criança já tenha adquirido tanto a Morfologia Verbal do PB, como sua Fonologia e, dessa forma, regularize os morfemas verbais devido à

motivação exigida pela inter-relação morfofonológica que, no componente lexical, requer a interação entre a Morfologia e a Fonologia.

As explicações em (a) e (b) parecem poder ser descartadas, no presente estudo. Tomemos primeiramente o tópico em (b): não parece responder pelas formas verbais produzidas diferentemente do padrão, uma vez que o inventário segmental e silábico da criança típica e as regras que determinam seu funcionamento na língua são adquiridos, majoritariamente, até os 05 anos de idade (LAZZAROTO-VOLCÃO, 2009).

Considerando-se o tópico em (a), parece poder ser descartada, porque os dados deste estudo evidenciam que os informantes já adquiriram a morfologia verbal, visto que apresentam, em consonância com o padrão da língua, os morfemas de tempo e modo e de número e de pessoa, ou seja, todas as flexões verbais, incluindo o paradigma verbal. São exemplos, as flexões *satisfa[z]o* e *per[d]a*, as quais revelam que os informantes conservam, nas formas diferentes do padrão, os morfemas indicadores de tempo, bem como os de número e pessoa e, devido a isso, compreendemos que a Morfologia verbal em todas as faixas etárias já está adquirida. Parece, portanto, que os morfemas flexionais da classe dos verbos, correspondentes às categorias testadas no presente estudo, já estão adquiridos. Além disso, todas as crianças, desde a primeira FE pesquisada, empregaram com 100% de adequação as formas do verbo *ter*.

A alternativa proposta em (c) é capaz de explicar o fenômeno das ocorrências não padrão, demonstrando, por meio da FL (figura 10), que as regularizações são motivadas pela falta da correlação que deve ser mantida entre a Morfologia e a Fonologia para que o processo de alternâncias em verbos irregulares se manifeste de acordo com o padrão da língua; a regra fonológica da alternância não é aplicada na conjugação de alguns verbos porque não há a devida correspondência entre os componentes morfológico e fonológico e, com isso, não se concretiza a interação entre a Morfologia e a Fonologia.

A figura (10) mostra a falta de correspondência entre o componente Fonológico e o Morfológico, a partir da proposta de Kiparsky (1982, 1985), a fim de se entenderem as formas produzidas pelos sujeitos desta pesquisa.

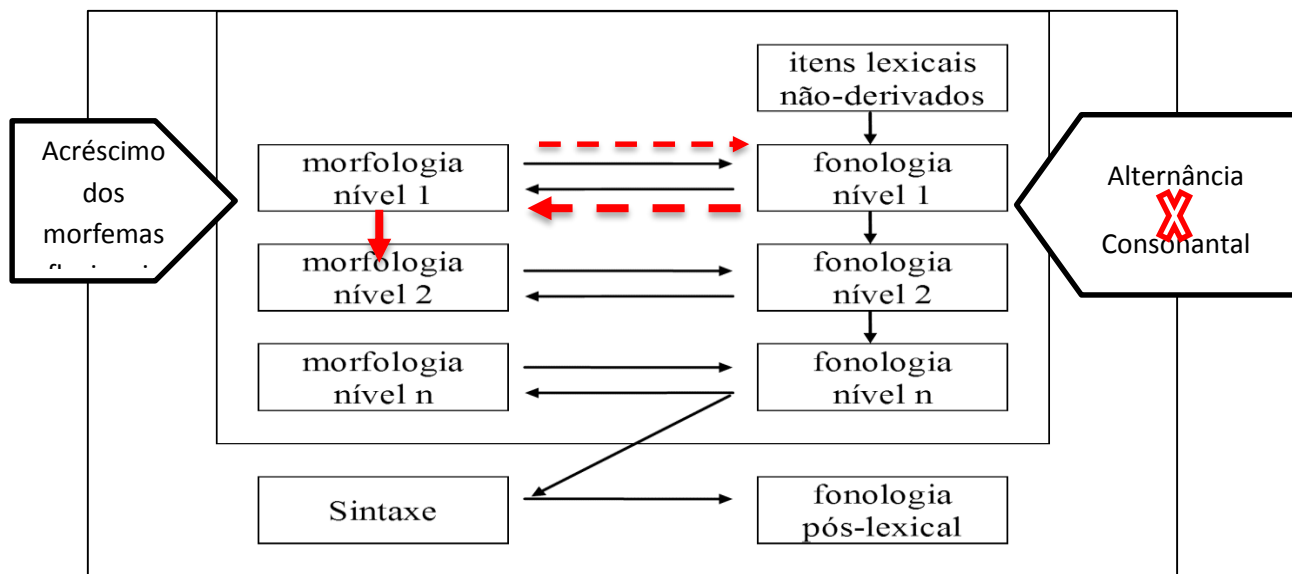


Figura 10: Proposta para as formas não padrão, em consonância com Kiparsky (1982; 1985)

Fonte: A autora, baseando-se no modelo de Kiparsky (1982)

As produções verbais que as crianças deste estudo realizaram indicam que, com a idade de 06 anos, o sujeito já opera com formas irregulares, tendo em vista que produz adequadamente as alternâncias fonológicas consonantais de determinados verbos, principalmente daqueles cuja frequência se mostra alta no *input* linguístico.

Todavia, os dados também apontam que, em todas as faixas etárias estudadas, as crianças ainda regularizam formas verbais irregulares, evidenciando, dessa forma, a tardia aquisição dos processos de natureza morfofonológica do sistema verbal do PB, especialmente dos verbos menos frequentes (como já foi salientado) e do tempo menos frequente: Presente do Subjuntivo. O simultâneo emprego de formas irregulares para alguns verbos e o não emprego para outros leva a interpretar-se que a aquisição desses verbos exige a incorporação à gramática da criança:

- I) dos morfemas verbais flexionais regulares (modo e tempo, número e pessoa);
- II) dos morfemas verbais flexionais irregulares (irregularidades em razão do paradigma);
- III) das alternâncias dos radicais irregulares (irregularidades em razão do radical).

Os fatos em (II) e em (III) são irregulares; portanto, são imprevisíveis e têm de ser aprendidos pela criança com o uso (a frequência) da língua; além disso, exigem interação entre Morfologia e Fonologia. Por essa razão, a frequência do uso dos verbos na língua é fator condicionador da aquisição dos verbos irregulares: quanto mais frequente for o uso de um verbo irregular, mais facilmente sua estrutura vai ser adquirida.

Com base nesses argumentos, defendemos que a proposta em (c) é a que parece mais adequada para explicar o *corpus* desta dissertação, levando-se em consideração, especialmente, a natureza morfofonêmica do processo, a qual é essencial para a conjugação irregular padrão do PB, e que, por ser complexa na língua, contribui para a aquisição tardia de formas verbais, cujo radical envolve alternâncias consonantais em suas conjugações.

No modelo proposto por Lee (1995) para o Português Brasileiro (figura 5), a flexão irregular encontra-se no nível 1(α), enquanto que a flexão regular se manifesta no nível 2 (β). Os dados da presente pesquisa, então, ao evidenciarem o emprego de formas regularizadas para verbos irregulares, poderiam ser interpretados como a ausência de subdivisão do nível 1(α), o que não permite incluir, juntamente com a Derivação e a Composição I, a Flexão Irregular. Não parece ser esse o caso dos dados do presente estudo, pois no *corpus* de cada uma das crianças houve sempre o registro do emprego adequado de formas verbais irregulares, concomitantemente ao emprego de formas regularizadas.

Vale a pena ressaltar que parece pertinente a defesa da ideia de que, no processo de aquisição da morfologia, possa haver a divisão dos níveis ou estratos em subníveis. Isso implicaria que, no processo de aquisição, os níveis não passariam a integrar, com todos os seus elementos constituintes, a gramática da criança de uma só vez, quer dizer, um nível não seria adquirido em sua integralidade pela criança, mas seria adquirido gradualmente, por meio da construção de subníveis; nessa construção de subníveis, a noção de marcação deve ter papel relevante. Essa posição a favor da criação gradual de subníveis até a aquisição do nível em sua integralidade parece ter fundamento, uma vez que, dentre os elementos que integram cada nível (por exemplo, todos os morfemas derivacionais que estão no nível 1(α)), há diferentes graus de marcação. Esse fato explicaria por que as pesquisas apontam que a aquisição de sufixos precede a aquisição de prefixos (por exemplo, BORGES, 2015).

Retornando à proposta de Lee (2005), ao olharmos os dados do presente estudo sob esse enfoque, temos a não comunicação dos componentes morfológico e fonológico da língua apenas ao se considerarem as formas verbais irregulares que são flexionadas na fala da criança de maneira regularizada; essas, então, dirigem-se ao nível 2 (β) sem sofrer as regras da flexão irregular, e, no nível 2 (β), são submetidas ao tratamento dado aos verbos regulares. Essa divisão da flexão verbal, irregular e regular, em PB em diferentes níveis ocorre em atendimento ao Princípio do *Elsewhere Condition*, em que regras mais restritas se aplicam antes das mais gerais, ou seja, a flexão irregular, que é a mais marcada e mais restrita, acontece anteriormente à flexão regular, cujas regras são menos marcadas e mais universais, não apenas no PB, mas nas línguas do mundo.

Na passagem para o nível 2 (β), o verbo que não sofreu a flexão irregular, pois apesar de consumir as regras morfológicas, não atingiu as alternâncias consonantais no nível fonológico pela falta de correlação entre os componentes, sofre, então, a flexão regular exclusiva do nível 2(β), conservando-se de maneira regularizada e fiel ao radical do verbo, cuja raiz é um morfema que se encontra no léxico profundo, integrando as representações subjacentes dos falantes da língua.

Na figura (11), esboçamos a representação, de acordo com o modelo de Lee (1995), a nossa visão para as ocorrências da forma não padrão dos verbos irregulares do presente estudo.

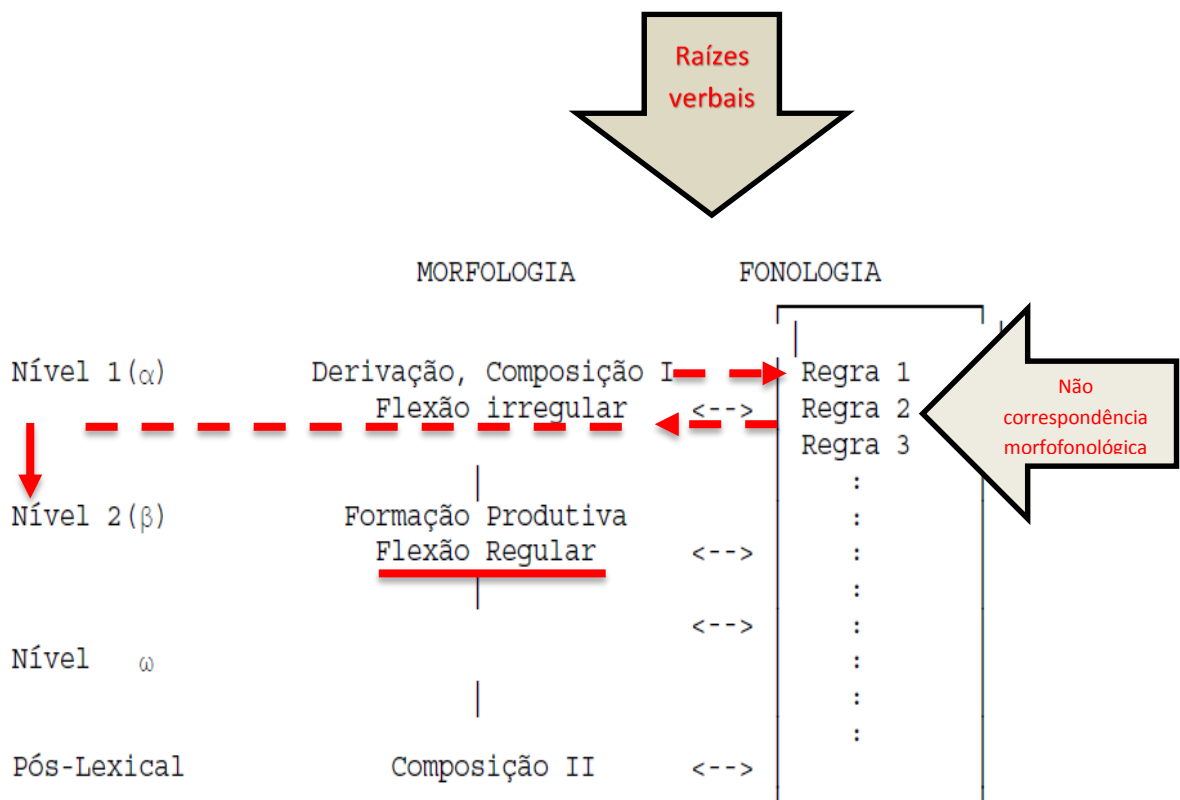


Figura 11: Proposta baseada em Lee (1995), com a representação do fenômeno da regularização de formas verbais irregulares

Fonte: A autora, seguindo o modelo de Lee (1995)

Segundo Lee (1995), é também no nível 2 (β) que ocorre a formação produtiva do PB, juntamente às flexões verbais regulares da língua. Isso salienta a razão pela qual os verbos regulares são compreendidos como a classe produtiva do português e, por isso, de caráter não marcado na língua. Nesse sentido, a regularização no processo de aquisição verbal mostra que a criança opera em conformidade com o padrão não marcado, tornado o fenômeno mais natural, quando ainda não tem adquiridas, em sua gramática, as irregularidades do sistema linguístico.

Outrossim, esse fato pode mostrar ainda que, quando o falante produz as regularizações – formas não padrão –, está lidando com uma única gramática internalizada, ao

contrário da proposta de estudos (Lorandi, 2006; Aveledo, 2006), que postulam duas gramáticas operando no sistema verbal: uma responsável para a conjugação dos verbos regulares e outra para a conjugação dos verbos irregulares. A regularização, nessas pesquisas, é entendida como sendo uma flexão estabelecida pela gramática dos verbos regulares e, por consequência disso, mantida na fala dos sujeitos com a fidelidade ao radical do verbo.

Aqui, exploramos também a possibilidade de que possa haver na subjacência um traço, [+IR], que indica a irregularidade do verbo. Dessa forma, quando uma forma verbal que porta o traço [+IR] entra no nível 1α , de acordo com a LPM, viria acompanhada desse índice (por exemplo [dizer +IR]); essa forma indexada seguiria, então, nos estratos determinados, segundo a gramática da língua, para as formas irregulares. Miranda (2000), entre outros pesquisadores, adota a presença de índices em determinadas formas subjacentes; segundo a autora, na subjacência podem existir índices que podem nortear o processo da aplicação de regras no modelo da LPM³¹.

Mediante estudo da Teoria Lexical, observamos que o processo das formas não padrão se dá por meio das relações estabelecidas entre os componentes e os estratos que constituem a gramática da língua; sendo assim, o fenômeno da regularização está situado no campo que estabelece o intercâmbio entre os componentes para que se formem os vocábulos do PB e, devido a isso, é um processo que opera com uma única gramática, capaz de explicar tanto a flexão padrão, como a não padrão, buscando, para isso, parâmetros linguísticos para eventos que marcam o desenvolvimento da aquisição da linguagem, aqui especificamente, da aquisição dos verbos irregulares.

Na busca pela representação de tendências universais, situa-se a ideia de que a criança permeia por estágios até alcançar o sistema verbal alvo da língua; essa posição é defendida inicialmente por Rumelhart e McClelland (1985), os quais postulam que geralmente as crianças percorrem três estágios no processo da aquisição dos verbos, conforme já descrito na Subseção 2.2.

Em harmonia com esse ponto de vista, argumentamos acerca da influência de fatos morfofonêmicos estabelecidos por meio das flexões dos verbos irregulares dentro de cada um desses estágios.

No primeiro estágio, segundo os autores, as crianças operam com um pequeno número de verbos no tempo passado (em se tratando do Inglês). São verbos que se mantêm em alta frequência na língua, predominantemente, da classe dos irregulares. Nesse período, os

³¹ Essa hipótese será mais aprofundada em estudos posteriores a esta dissertação.

aprendizes tendem a usá-los corretamente, apresentando uma generalização do passado para a maioria dos tempos verbais produzidos. Aqui, entendemos que a criança usa o verbo irregular em suas produções de fala de uma forma não analisada linguisticamente. Isso quer dizer que a forma é produzida, especialmente, por memorização dos verbos mais frequentes em seu *input* e, por isso, não é marcado em relação às regras morfológicas e fonológicas: a forma verbal está representada no léxico profundo como um morfema único, indivisível. Nesse caso, passa pelos diferentes estratos e pelos componentes morfológico e fonológico sem sofrer a aplicação de regras. Essa fase é evidenciada em momentos iniciais da aquisição da morfologia, iniciada em torno dos 02 anos de idade.

No segundo estágio, os autores pontuam que um significativo número de verbos começa a ser adquirido pelo sujeito e, juntamente a eles, surge também a aplicação de regras. Nesse estágio, no caso da aquisição verbal, as formas passam pelo nível 1 ilesas, sendo que são submetidas, no nível 2, à flexão regular; esse fato responde pelas regularizações que a criança produz para os verbos irregulares. Consideramos, dessa forma, que é nesse período que a criança começa a operar com as formas analisadas das flexões verbais e, assim, começam igualmente a ser estabelecidas as regras morfofonológicas em seu sistema linguístico. Diante disso, a fala da criança começa a ser marcada pelas formas verbais irregulares não padrão, as quais são determinadas pela não correspondência de regras morfológicas e fonológicas; é a relação estabelecida entre essas regras que efetiva a conjugação de verbos irregulares de acordo com o padrão da língua.

No terceiro estágio, Rumelhart e McClelland (1985) afirmam que os verbos irregulares podem manifestar-se na fala da criança de duas maneiras: de acordo com a forma padrão ou ainda de forma regularizada, especialmente quanto às formas que envolvem os novos vocábulos adquiridos pelo sujeito. Nessa perspectiva, avaliamos que todos os sujeitos desta pesquisa ainda estão nessa fase, em que as formas verbais padrão e não padrão coexistem no uso da língua. Essa etapa, segundo os nossos dados, é de natureza tardia, aplicando-se no mínimo até a faixa etária de 09 anos de idade, maior idade avaliada neste estudo. O que nos parece é que esses sujeitos maiores já estão em fase adiantada da aquisição do sistema verbal irregular alvo da língua, tendo em vista o baixo percentual de regularizações produzidas.

De fato, postulamos que o término dessa etapa da aquisição verbal irregular do PB será efetivada quando a gramática do falante conseguir estabelecer as relações morfofonêmicas necessárias para cumprir todas flexões irregulares. Em conformidade com os argumentos desses autores, consideramos que esse período pode ser efetivado após os 09 anos, principalmente para aqueles verbos cuja frequência é baixa no *input* dos falantes.

Possivelmente, o sistema verbal irregular é adquirido integralmente quando a criança se defronta com o ensino dos tempos e modos verbais na escola, os quais, em consonância com a grade curricular nacional, devem ser estudados no 7º ano (6ª série); aqui, a grande maioria dos alunos encontra-se na idade de 10 a 12 anos. É nesse momento que o falante vai se deparar com as formas assumidas pelos verbos irregulares nos diferentes tempos e modos verbais e, assim, vai também começar a lidar frequentemente com as alternâncias consonantais envolvidas nessas conjugações, em especial no Presente do Indicativo e Presente do Subjuntivo, tempos que manifestam a alta complexidade dos processos morfofonológicos do PB. Aqui, reafirmamos a importância da variável escolaridade, aqui atrelada à idade, para a estabilização da flexão irregular do PB.

Nessa perspectiva, defendemos, nesta dissertação, que um caminho facilitador da aquisição verbal irregular do PB, que se mostra altamente complexa e tardia para as crianças de 06 a 09 anos de idade, é possibilitar que a criança manipule formas verbais irregulares já nas séries iniciais do ensino, etapa em que ainda se encontram em aquisição da língua, segundo os dados deste estudo.

Com isso, não estamos defendendo que a classe verbal irregular em si deva ser ensinada já nas séries iniciais, mas, sim, que o professor possa oportunizar momentos, em que, oralmente, a criança consiga manipular as formas verbais espontaneamente; assim, o aluno poderá também ir se familiarizando com os verbos de baixa frequência em seu *input*, de forma que, quando precise usar as flexões irregulares, já estejam integradas à sua gramática.

6.3 ABAIXAMENTO E ELEVAÇÃO DAS VOGAIS NOS RADICAIS

O *corpus* do presente estudo revelou, para os verbos “*medir*” e “*pedir*”, variações em relação à vogal produzida nos radicais das conjugações da 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo: foram registradas formas como m[i]do, m[ε]do e m[e]do para o verbo “*medir*” e p[i]do, p[ε]do e p[e]do para o verbo “*pedir*”. Também as conjugações referentes à 1ª e à 2ª pessoa do Presente do Subjuntivo foram manifestadas pelos sujeitos atentando a essas alternâncias vocálicas, como em m[i]da, m[ε]da e m[e]da para o verbo “*medir*” e p[i]da, p[ε]da e p[e]da para o verbo “*pedir*”.

Evidenciamos, nessas conjugações, alternâncias vocálicas, que podem ser interpretadas como decorrentes de regras como abaixamento, harmonia verbal ou como fidelidade plena ao radical, incluindo a altura da vogal.

Diante do exposto, observamos três tipos de vogais nas conjugações presentes no *corpus* deste estudo para os verbos “*medir*” e “*pedir*”: vogal alta /i/; vogal média alta /e/ e vogal média baixa /ε/. Considerando o fato de que muitos dos informantes apresentaram variação quanto à aplicação dessas vogais nas flexões dos verbos *pedir* e *medir* em um mesmo instrumento, buscamos nesta Subseção compreender tais diferenciados usos, através de explicações na literatura.

É relevante lembrar que as formas verbais no português podem apresentar a seguinte estrutura: Radical (R) + Vogal Temática (VT) + Desinência Modo-Temporal (DMT) + Desinência Número-Pessoal (DNP). A 1ª pessoa do singular dos tempos deste estudo tem a estrutura mostrada, a seguir, com a ocorrência de morfema zero (∅):

(a) 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo → R + ∅ + ∅ + DNP; Ex.: verbo *estudar* – *estud* + ∅ + ∅ + o; verbo *partir* – *part* + ∅ + ∅ + o

(b) 1ª pessoa do singular do Presente do Subjuntivo → R + ∅ + DMT + ∅; Ex.: verbo *estudar* – *estud* + ∅ + e + ∅; verbo *partir* – *part* + ∅ + a + ∅

Ao produzir a forma *m[ε]do* e *p[ε]do* para a 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo, as crianças mantêm a estrutura que lhe é característica (*med* + ∅ + ∅ + o), fugindo à forma padrão *m[ε]ço* unicamente por não apresentar a alternância consonantal [d] ~ [s] que esse verbo irregular carrega em sua conjugação. Destacamos que os dados revelam que a forma *m[ε]do*, em alguns casos, mostra a alternância vocálica do radical do verbo ([e] ~ [ε]), embora não tenha a alternância consonantal.

À luz da Fonologia Lexical, podemos dizer que, na produção das formas *m[ε]do* e *p[ε]do* em lugar de *m[ε]ço* e *p[ε]ço*, as crianças evidenciam a aquisição da morfologia do verbo, com a adjunção dos morfemas flexionais adequados segundo o padrão do presente do indicativo. No entanto, no nível 1 do componente lexical, fazem a passagem para o módulo da fonologia apenas para a forma adquirir a alternância vocálica (abaixamento), mas não para receber a alternância consonantal. É, portanto, na interação entre os módulos morfológico e fonológico que a aquisição dos verbos irregulares ainda não se completou na gramática dessas crianças.

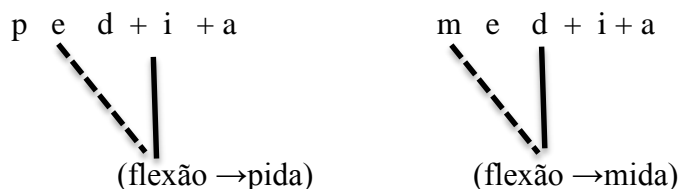
Na produção das formas *m[i]da* e *p[i]da* para a 1ª pessoa do singular do Presente do Subjuntivo, as crianças também respeitam a estrutura que lhe é característica, uma vez que preservam a DMT (-a-) que identifica esse tempo para os verbos da 3ª conjugação, como é o caso do verbo *medir* (*med* + ∅ + a + ∅), fazendo com que as formas *mida* e *pida* fujam à forma padrão *meça* e *peça* em dois aspectos: (a) na ausência da alternância consonantal ([s] em

lugar de [d]) e (b) na inadequada alternância vocálica do radical, de acordo com o padrão (em lugar do abaixamento [e] → [ɛ], foi realizada a elevação [e] → [i]).

Ainda, segundo a FL, podemos verificar que, no emprego de *mida* e *pida* em lugar de *meça* e *peça*, a morfologia flexional, no nível 1 do componente lexical, ao se considerarem as formas do presente do subjuntivo, já está completa. O uso da forma *mida* evidencia, mais uma vez, a ausência da articulação dos módulos morfológico e fonológico, uma vez que não foram atendidas, em consonância com o alvo da língua, as alternâncias vocálica e consonantal. A diferença entre essas duas alternâncias é que a vocálica foi realizada na forma *mido*, embora diferente do padrão; a alternância consonantal simplesmente mostrou-se ausente.

As conjugações *m[e]do* e *pe[d]o*, para a 1ª pessoa do Presente do Indicativo, assim como as flexões *m[e]da* e *p[e]da* para a 1ª e 2ª pessoa do Presente do Subjuntivo revelam que os sujeitos mantêm, em suas produções, a fidelidade ao radical do verbo irregular também quanto à altura da vogal, ou seja, não há nenhuma ligação ao componente fonológico e, por isso, a produção, que já não efetivou a alternância consonantal, igualmente não estabiliza a alternância vocálica.

Em relação às regularizações produzidas com a vogal alta /i/ (*p[i]da* e *m[i]da*), terem sido motivadas pela Harmonia Verbal (Bisol, 2010), em que a vogal média do radical assimila a altura da vogal temática que, mesmo sendo o gatilho da regra, é truncada.



A respeito das formas *p[ɛ]do* e *m[ɛ]do*, cabe lembrar que as flexões que são produzidas de acordo com a forma padrão da língua, sofrendo as alternâncias compatíveis com a conjugação padrão irregular, também são realizadas com o abaixamento da vogal /e/ para /ɛ/, como, por exemplo, *p[ɛ]ço*, para o Presente do Indicativo e *p[ɛ]ça* e *p[ɛ]ças* para o Presente do Subjuntivo.

Diante do exposto, Bisol (2010) retoma que Harris (1974) argumenta em favor do princípio de *Elsewhere Condition* para os verbos do português. A regra de harmonização vocálica, a qual assimila o traço de altura da vogal seguinte, somente atinge formas verbais em relação de disjuntividade com a regra de abaixamento da vogal. Bisol (2010) ainda expõe que tanto o abaixamento quanto a elevação, vista por meio da Harmonia verbal, dizem respeito à

vogal da raiz; ambas se referem à altura da vogal da raiz; em outras palavras, uma está contida na outra, no entanto apresentam resultados diferentes, tendo em vista que o abaixamento produz vogal baixa e a harmonia vogal não-baixa (BISOL, 2010).

Seguindo-se por esse caminho, o *Elsewhere Condition* prevê que regras mais restritas têm a prioridade de aplicação, por isso a harmonização vocálica tem preferência em relação à aplicação do abaixamento. No momento em que a flexão verbal dos sujeitos desse estudo sofreu a harmonização verbal (*pidó, mido*) eliminou a possibilidade de aplicação do abaixamento. Porém, quando a conjugação irregular NP não sofreu a harmonia ficou, dessa forma, exposta ao processo de abaixamento (*mêdo, pêdo*).

No que diz respeito às flexões *medo* e *pedo*, julgamos que, pela falta de comunicação morfofonológica, tais produções mantêm-se integralmente regularizadas, ao passo que os morfemas-base não passam para o componente fonológico, nem para receber a alternância vocálica, nem para receber a alternância consonantal. E, nesse sentido, não estão suscetíveis à harmonia verbal e ao abaixamento, conservando-se totalmente fiel ao radical do verbo.

O interessante nas formas diferentes do padrão, que são produzidas por crianças em diferentes estágios do processo de aquisição da linguagem, é que apresentam evidências claras da gramática da língua em operação, seja do plano morfológico, ou do plano fonológico ou, ainda, da interação (ou da sua ausência) entre os componentes morfológico e fonológico da língua.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação investigou o uso das formas verbais irregulares do PB, quando conjugadas no Presente do Indicativo, Pretérito Perfeito do Indicativo e Presente do Subjuntivo, em crianças com idade entre 06 e 09 anos. Tais conjugações, que manifestam alternâncias fonológicas consonantais em seus radicais ou apresentam irregularidade no paradigma flexional podem ser entendidas como formas altamente complexas para os falantes do português, principalmente para aqueles que ainda se encontram em fase de aquisição do sistema verbal, por conterem processos que integram o campo morfofonológico da língua.

A criança em fase de aquisição verbal opera com, no mínimo, duas possibilidades de flexão para os verbos irregulares: de acordo com o alvo da língua, realizando as alternâncias fonológicas em consonância com o padrão; ou em desacordo com o alvo, realizando o fenômeno que é entendido na literatura da área como regularização; esse fenômeno cuja flexão se dá sem as alternâncias próprias da conjugação irregular mantém, na fala do sujeito, o radical do verbo e, por isso, flexiona a classe irregular em conformidade com a conjugação dos verbos regulares.

Especificamente nesse contexto, este estudo procurou avaliar o tratamento que crianças entre 06 e 09 anos de idade atribuem às conjugações irregulares, levando em conta que as pesquisas brasileiras realizadas até o presente momento focalizaram a análise do processo da regularização, avaliando o desempenho de crianças até os 05 anos de idade.

Atendendo às questões levantadas nesta pesquisa, os dados aqui compilados permitem algumas considerações gerais, tomadas como resultados do estudo:

- a) fica evidenciado que crianças com idade até 09 anos ainda podem apresentar formas não padrão (NP) às conjugações dos verbos irregulares, nos tempos verbais aqui analisados;
- b) as produções não padrão são, indubitavelmente, produzidas por meio da regularização verbal, processo que mantém a ausência das alternâncias consonantais nas flexões, ou seja, que é fiel ao radical do verbo nas flexões realizadas pelo sujeito;
- c) os verbos que se mantêm em alta frequência na língua são adquiridos primeiramente do que aqueles que mostram baixa frequência;
- d) o *corpus* deste estudo mostra, por meio das conjugações em análise, que os sujeitos já possuem a Morfologia da língua, visto que produzem os morfemas de modo e tempo, de número e pessoa e os marcadores do paradigma verbal do PB;

- e) as regularizações na visão deste estudo, que é fundamentado pela FL, são de ordem morfofonológica no sistema linguístico do PB, pois estão associadas às relações condicionadas pela não correspondência entre o componente fonológico e o componente morfológico da língua;
- f) por implicar fenômeno de ordem morfofonológica, a aquisição do sistema verbal irregular é tardia, em se tratando de falantes nativos de PB, podendo estender-se, no mínimo, até os 09 anos de idade; no presente estudo, a variável escolaridade atrelada à idade aponta que, quanto maior for a experiência linguística da criança, maior também são as conjugações irregulares que produz de acordo com a forma padrão da língua;
- g) quando a criança produz a regularização (forma não padrão) para formas verbais irregulares, ou, ainda, quando ela produz a forma padrão, efetuando as devidas alternâncias consonantais, está operando com uma única gramática; propomos que o que difere uma forma da outra não são gramáticas diferentes, mas, sim, níveis distintos, os quais, segundo a Fonologia Lexical, constituem o léxico do falante.
- h) os sujeitos podem produzir as duas formas (padrão e não padrão) para determinados verbos ao mesmo tempo; dessa forma pontuamos que as crianças deste estudo estão, em consonância o estudo de Rumelhart e McClelland (1985), no terceiro estágio de aquisição verbal, sendo este o último estágio antes da passagem para as formas alvo da língua.

Ainda sobre as conclusões apresentadas nas alíneas acima, destacamos, no viés dos pressupostos da Fonologia Lexical, que o emprego de formas verbais diferentes do padrão, sem a presença de alternâncias consonantais, pode ser explicado em razão da não articulação entre os módulos da Morfologia e da Fonologia da língua, como observamos através da proposta alicerçada no modelo de Lee (1995), exposta na figura (11).

A falta de correspondência entre esses componentes na construção de determinadas conjugações irregulares, especialmente na 1ª pessoa do Presente do Indicativo e na 1ª e na 2ª pessoa do Presente do Subjuntivo aponta para a alta complexidade que permeia a aquisição da classe verbal irregular do PB. Considerando que os sujeitos já operam com essa relação, atentando para o fato de que já produzem alternâncias consonantais, principalmente para os verbos de alta frequência no *input* linguístico, entendemos que ainda estão em fase de aquisição da morfofonologia da língua pela coexistência das formas padrão (P) e não padrão (NP) em suas produções. Isso revela que, aos 09 anos de idade, as crianças aqui analisadas ainda se encontram no estágio 3, hierarquizado por Rumelhart e McClelland (1985).

Com essa análise, temos uma evidência da complexidade de fenômenos morfofonológicos e, nesse fato, podemos ver uma justificativa para o estágio tardio de sua aquisição: a aquisição da morfologia dos verbos já se mostra complexa pelos diferentes afixos que envolve, sendo que se vê gradualmente aumentada a dificuldade quando os tempos são do modo subjuntivo (do ponto de vista sintático e semântico, o emprego desse modo verbal implica exigente operação nas relações entre orações e entre os sentidos); e a complexidade se torna ainda maior quando está presente a interação entre os níveis morfológico e fonológico da língua, exigindo alternâncias vocálicas e consonantais no processo de flexão dos verbos.

Com os resultados alcançados, o presente estudo vem atestar que, ao serem considerados fenômenos de natureza morfofonológica, o processo de aquisição da linguagem pelas crianças pode estender-se até a idade de 09 anos ou mais, incluindo o emprego de verbos irregulares.

Nesse âmbito, a escola será a instituição capaz de contribuir significativamente para a efetivação da aquisição das alternâncias verbais irregulares, por conseguir possibilitar maior exposição dos sujeitos a toda essa complexidade, o que aumentará a experiência linguística dos sujeitos. Em etapa subsequente a esta Dissertação, pretendemos continuar investigando o fenômeno aqui estudado em relação às idades de 10 e 11 anos, em crianças vinculadas ao 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, etapas escolares em que as crianças efetivamente irão trabalhar com os verbos irregulares. Buscaremos identificar se nesse período o exercício escolar das formas irregulares irá incorporá-las à fala dos falantes, sem a presença da regularização.

Por fim, salientamos a contribuição desta pesquisa para a literatura, já que é um estudo que vem agregar-se aos demais trabalhos publicados sobre a aquisição verbal do PB, em especial da classe dos verbos irregulares. Nesse sentido, encontramos ainda a importância deste estudo para a compreensão dos fenômenos que envolvem a Morfofonologia vinculada ao processo de aquisição da linguagem, campo esse ainda pouco explorado até o momento.

Apontamos também que as conclusões apresentadas neste estudo acrescentam uma contribuição adicional à educação³², precisamente ao ensino do português nas escolas, entendendo que, quanto maior vivência do uso da língua o professor oferecer, inclusive com possibilidades do uso de formas verbais em falas espontâneas, mais precocemente a criança poderá adquirir o sistema verbal padrão do PB, considerando-se que os verbos mais frequentes em seu *input* parecem ser os mais facilmente adquiridos. Além disso, a presente pesquisa traz

³² Embora o objetivo deste trabalho não esteja relacionado à educação, essa contribuição é uma implicação apresentada pela pesquisa que pode ser relacionada ao ensino da língua materna (língua portuguesa) nas escolas.

a criação de instrumentos específicos para a coleta de dados, bem como o oferecimento para a literatura de um olhar diferenciado para a regularização de formas verbais, admitindo que esse processo pode manifestar-se, no mínimo, até os 09 anos de idade e está correlacionado ao nível de experiência linguística que o falante possui.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, E. M. L. *Representações Lexicais Subjacentes: verbos e léxico inicial*. ReVEL, v. 6, n. 1, 2008.
- AVELEDO, F. El procesamiento de verbos regulares e irregulares em el español infantil: mecanismo dual vs. Conexionismo. *Boletín de Lingüística*, julho, 2006.
- AZEREDO, J.C. de. *Fundamentos de Gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BASILIO, M. *Teoria Lexical*. 7 ed. São Paulo: Afiliada, 2004.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática do Português*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BIDERMAN, M. *Léxico e vocabulário fundamental*: ALFA, n. 40, 1996.
- _____. *A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequência do Português*: ALFA, n. 42, 1998.
- BISOL, L. *Introdução e estudos de fonologia do português brasileiro*. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- BOERSMA, P. Cue constraints and their interactions in phonological perception and production. *Rutgers Optimality Archive* 944, 2007.
- BOERSMA, P. & HAMANN, S. Loanword adaptation as first-language phonological perception. In: Andrea Calabrese & W. Leo Wetzels (ed.). *Loanword phonology*, Amsterdam: John Benjamins, 2009.
- BOERSMA, P. *A programme for bidirectional phonology and phonetics and their acquisition and evolution*. Amsterdam: 2001.
- BORGES, Veridiana P. Consciência Morfológica em crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização: produção e reconhecimento de morfemas. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Pelotas: UCPEL, 2015.
- CABREIRA, S. H. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC-RS, 1996.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Uma Forma Verbal Portuguesa: Estudo Estilístico-Gramatical*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio - Rodrigues & Cia, 195. 100 p.
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 38 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1970. 124 p.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CLARK, E. V. *First Language Acquisition*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2003.

_____. Morphology and Language Acquisition. In: ANDREW S. and ARNOLD Z. (org.). *The Handbook of Morphology*. Blackwell Reference Online, 2007.

CLEMENTS e HUME, Elisabeth V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (org.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.

FERNÁNDEZ, A. L. R. N. *Interface português/espanhol: o problema de fonemas em uma língua e alofonia em outra*. Dissertação de Mestrado. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2001.

FIGUEIRA, R. A. *Os lineamentos das conjugações verbais na fala da criança*. Multidirecionalidade do erro e heterogeneidade linguística. Porto Alegre: Letras de Hoje, v. 38, 2003.

GOULART, Tamires. *A Morfofonologia na aquisição de sufixos verbais*. Salão Universitário – estudo piloto. UCPEL, 2013.

KEHDI, V. *Morfemas do Português*. São Paulo: Ática, 1990.

KIPARSKY, P. Lexical morphology and phonology. In: YANG, S. (ed.) *Linguistic in the morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co, 1982.

_____. *Some consequences of lexical phonology*. Phonology yearbook 2. London: Cambridge University Press, 1985.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira, Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAROCA, M. N. C. *Manual de Morfologia do Português*. 2 ed. São Paulo: Pontes, 2001.

LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Modelo Padrão de Aquisição de Contrastes: Uma proposta de avaliação e classificação dos Desvios Fonológicos*. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Pelotas: UCPEL, 2009.

LEE, S. *Fonologia Lexical do Português*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*: Campinas, 1992.

_____. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística) Programa Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas Campinas: Universidade Federal de Campinas, 1995.

_____. *Fonologia Lexical – Modelos e Princípios* - *Letras de Hoje*: Porto Alegre, 1996.

LORANDI, Aline. *Formas morfológicas variantes na aquisição da morfologia: evidências da sensibilidade da criança à gramática da língua*. *Letrônica*, v. 3 , n. 1 , p. 81; julho 2010.

LORANDI, A. *Formas Morfológicas na Gramática Infantil: um estudo à luz da Teoria da Otimidade*. Dissertação de Mestrado PUCRS. Porto Alegre: PUCRS, 2006.

LORANDI, A; LAMPRECHT, R. *Processos morfológicos na fala infantil: a percepção da gramática da língua pela criança*. *Anais do CELSUL, GT aquisição da fonologia*, 2008.

LORANDI, A; SILVA, L. B. *A aquisição da morfologia verbal em um estudo comparativo entre crianças bilíngues e monolíngues*. Santa Cruz do Sul: Signo, v. 38, Especial, 2003.

MATZENAUER-HERNANDORENA, Carmen L. Relações implicacionais na aquisição da fonologia. *Letras de Hoje*. Porto Alegre.v.31, n.2, 1996.

MATZENAUER, C.L.B. Teorias fonológicas e aquisição fonológica. In: XLIX seminário do GEL - GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2001, Marília. *ANAIS DO XLIX SEMINÁRIO DO GEL - GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO*. Marília: Editora da Fundação Eurípedes Soares da Rocha, 2001.

_____. A análise interativa dos níveis segmental e prosódico por meio de restrições - fatos da aquisição fonológica. *Conferência apresentada no VI Encontro do Celsul*, Florianópolis, 2004.

_____. A teoria fonológica em estudos sobre a aquisição da linguagem. Juiz de Fora: *Veredas Online* – especial – PPG Linguística/UFJF, 2012.

_____. Unidades Fonológicas na Aquisição da Linguagem. *Revista Prolíngua* v. 8, n. 2, 2013.

MIRANDA, A. R. M. A Metafonia Nominal. Tese (Doutorado em Letras). Programa de PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS da PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

MOHANAN, K. P. *Lexical Phonology*. Doctoral dissertation, MIT, 1982.

PRADO, N. C. Processos morfofonológicos na formação de nomes deverbais com os sufixos – çon/-ção e -mento: um estudo comparativo entre Português Arcaico e Português Brasileiro. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2010.

PULLEYBLANK, D. *Tone in Lexical Phonology*. Dodrecht: Reidel, 1986.

RUMELHART, D; McCLELLAND, J. L. *On learning the past tenses of English Verbs*. San Diego: Institute for Cognitive Science, University of California, 1985.

SANTOS, R. S; SCARPA, E. M. *A aquisição da morfologia verbal e sua relação com o acento primário*. Porto Alegre: Letras de Hoje, EDIPUC, v. 38, 2003.

SCHWINDT, L. C. *O Prefixo no Português Brasileiro: análise morfofonológica*. Tese de Doutorado PUCRS. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

_____. A relação entre Morfologia e Fonologia na História dos Estudos Linguísticos. In: MARTINS, E.S., CANO, W. M., MORAES FILHO, W. B. (org.). *Léxico e morfofonologia: perspectivas e análises*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

SOUZA & SILVA M. C. P; KOCH, I. V. *Linguística Aplicada ao Português: Morfologia*. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SHIRAI, Y. *The acquisition of tense – aspect morphology and the regular – irregular debate*. ZAS papers in Linguistics 29, 2003.

STAMPE, David. *A dissertation on natural phonology*. Tese de Doutorado, Universidade de Chicago: EUA, 1973.

TRUBETZKOY, N. Zur allgemeinen Theorie des phonologischen Vokalsystems. *Travaux du cercle linguistique de Prague*, v. 1, 1929.

_____. Gedanken über Morphonologie. *Travaux du cercle linguistique de Prague* 4, v. 1, 1931.

WETZELS, W.L. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 23, 1992.

WUERGES, T. E. *A Aquisição da Morfologia Verbal por Crianças Falantes de Português Brasileiro e o uso de Formas Variantes*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2014.

YAVAS, F; CAMPOS, J. *Aquisição da Morfologia Verbal do Português como L1 e L2*. Letras de Hoje. Porto Alegre: PUCRS, 1988.

YAVAS M. S., HERNANDORENA C. L., LAMPRECHT R. R. *Avaliação fonológica da criança: reeducação e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.

ANEXO

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao assinar este documento, eu, _____, RESPONSÁVEL POR _____, estou consentindo formalmente que os dados de fala de meu filho/a sejam integrados à pesquisa intitulada “Formas Verbais Irregulares no Uso da Língua por Crianças e Adultos Falantes do PB”.

Essa pesquisa, que tem – como objetivo geral – Descrever e analisar, com o suporte da Teoria Lexical, a interação entre Morfologia e Fonologia, no emprego de verbos irregulares, por crianças e adultos falantes de Português Brasileiro, nos tempos Presente do Indicativo, Presente do Subjuntivo e Pretérito Perfeito do Indicativo, constitui-se em uma Dissertação de Mestrado que está sendo elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas.

Fui informado/a de que a identidade dos sujeitos da pesquisa será confidencial e sigilosa e de que não há nenhum incômodo ou risco a ser esperado nas gravações da presente pesquisa. Já os dados coletados serão usados exclusivamente para fins de pesquisa científica, apresentação em eventos científicos e publicação em revistas, periódicos, jornais e/ou livros especializados.

Acredito que a relevância desta pesquisa está em aprofundar os conhecimentos sobre crianças em fase de aquisição da linguagem, assim como contribuir para o ensino da aquisição verbal nas séries iniciais do ensino fundamental.

Recebi da pesquisadora as seguintes orientações:

- 1) A FALA DA CRIANÇA SERÁ GRAVADA, SEM IDENTIFICAÇÃO DO SEU NOME.
- 2) A GRAVAÇÃO SERÁ IDENTIFICADA POR UM CÓDIGO, O QUAL SERVIRÁ PARA IDENTIFICAR A IDADE DA CRIANÇA NO MOMENTO DA COLETA, JÁ QUE ESSA INFORMAÇÃO É CRUCIAL NOS ESTUDOS SOBRE AQUISIÇÃO.
- 3) TEREI GARANTIDOS A CONFIDENCIALIDADE E O SIGILO REFERENTES À MINHA IDENTIDADE BEM COMO DE MEU/MINHA FILHO/A.
- 4) A MINHA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA SERÁ VOLUNTÁRIA. CONCORDANDO OU RECUSANDO EM PARTICIPAR, NÃO OBTEREI VANTAGENS OU SEREI PREJUDICADO. POSSO CANCELAR A PARTICIPAÇÃO DE MEU/MINHA FILHO/A NESTE ESTUDO, A QUALQUER MOMENTO.

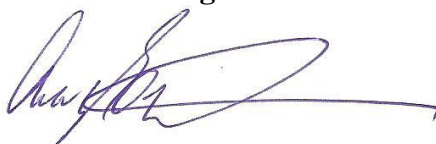
5) NÃO HAVERÁ ÔNUS FINANCEIRO PARA NENHUMA DAS PARTES.

6) NECESSITANDO DE OUTROS ESCLARECIMENTOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE MEU/MINHA FILHO/A NA PESQUISA, OU QUERENDO CANCELAR SUA PARTICIPAÇÃO, ENTRAREI EM CONTATO PESSOAL COM O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PELO TELEFONE (53) 2128-8242 OU DIRETAMENTE COM A PESQUISADORA PELO TELEFONE (53) 84110560.

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL

Tamires

Pesquisadora Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras



Profa. Dra. Aracy Graça Ernst

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

Data: _____ / _____ / _____